

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
banquete oferecido pelo Presidente da Índia, Auul Pakir Jainulabdeen
Abdul Kalam**

Nova Delhi - Índia, 04 de junho de 2007

Excelentíssimo senhor Abdul Kalam, presidente da Índia,
Senhoras e senhores integrantes das delegações da Índia e do Brasil,
Primeiro-ministro Singh,
Meus amigos e minhas amigas,

Retorno à Índia pela segunda vez para aprofundar o compromisso que assumi em meu discurso de posse: construir uma parceria estratégica com esta grande nação, com a qual o Brasil partilha aspirações e potencialidades. Nossa agenda avançou desde o lançamento dessa parceria estratégica, durante a visita do primeiro-ministro Singh ao Brasil, em setembro passado. Temos resultados importantes, tais como os acordos que celebramos hoje sobre energia, colaboração espacial, educação e cultura, entre outros. As potencialidades de nossa parceria são visíveis no dinamismo de nosso comércio que, nos últimos quatro anos, duplicou e atingiu a cifra de 2 bilhões e 400 milhões de dólares. Mas, ainda há muito por fazer. Temos de aproximar, ainda mais, nosso empresariado, criar novas oportunidades e encorajar iniciativas que explorem nossas complementaridades. É esse o objetivo da expressiva delegação empresarial que me acompanha nesta visita.

Na tarefa de estimular o comércio e os investimentos bilaterais seremos apoiados pelo Fórum de Altos Executivos que o primeiro-ministro Singh e eu hoje instalamos. Em cooperação com outros países, a Índia e o Brasil vão trabalhar para mudar o perfil da política energética mundial. Os biocombustíveis representam uma alternativa energética limpa e renovável para a humanidade, têm papel importante na contenção dos efeitos da mudança climática, geram empregos e renda no campo, agregam valor à produção agrícola e favorecem a industrialização. Índia e Brasil juntaram-se, ainda, à África do Sul, China, Estados Unidos e União Européia para lançar o

Fórum Global sobre Etanol, gerando as condições para a criação de um mercado mundial para esta *commodity* energética.

Meu caro Presidente,

Índia e Brasil estão lado a lado em iniciativas diplomáticas inovadoras, como o IBAS, que criamos em 2003, juntamente com a África do Sul. Somos três grandes democracias do mundo em desenvolvimento, expondo nossa visão de uma nova arquitetura mundial. O Fundo IBAS de combate à fome e à pobreza dá sentido concreto ao gesto de solidariedade que os países do Sul podem e devem fazer. Nossa disposição em assumir crescentes responsabilidades internacionais reflete o compromisso com a construção de uma ordem internacional mais justa, democrática e pluralista. Para tanto, é fundamental e urgente promover a democratização das estruturas de governança global.

A reforma da ONU não estará completa enquanto o Conselho de Segurança não se tornar mais democrático, legítimo e representativo. Deve incorporar países de todas as regiões do mundo em desenvolvimento como membros permanentes.

Com o G-4, continuaremos engajados nesse processo de reforma e ampliação do Conselho. Vivemos um momento crucial na OMC. Estamos diante de uma oportunidade única, para fazer desta rodada de negociações comerciais multilaterais uma verdadeira rodada do desenvolvimento.

Graças ao trabalho da Índia e do Brasil com nossos parceiros do G-20, os países em desenvolvimento se tornaram interlocutores importantes na OMC. Nossa associação de forças conseguiu alterar, para melhor, a dinâmica das negociações comerciais.

Ainda esta semana o primeiro-ministro Sing e eu estaremos juntos na Alemanha, para participar do diálogo ampliado na Cúpula do G-8. Estamos assegurando que a voz dos países em desenvolvimento seja ouvida em um fórum onde são gestadas decisões sobre temas cruciais da agenda internacional, como mudança climática, segurança energética e financiamento para o desenvolvimento.

Meu caro Presidente,

A Índia é uma das maiores democracias do mundo. Em breve deverá ser, também, uma de suas maiores potências econômicas. Assim como a Índia,

o Brasil vem consolidando sua democracia e melhorando os padrões de justiça social. Com isso, fortalecemos nossas credenciais para desempenhar importante papel econômico no século XXI. Índia e Brasil vêm contribuindo para a participação crescente do Sul nos fluxos globais, tanto comerciais quanto financeiros, em benefício dos países em desenvolvimento.

Dentro desse espírito, proponho um brinde à sua felicidade pessoal, à amizade entre Índia e Brasil e à determinação de seguir trabalhando juntos para construir um futuro melhor para nossos povos. Obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de encerramento do seminário empresarial Brasil-Índia

Nova Delhi - Índia, 04 de junho de 2007

Senhores ministros da Índia e do Brasil,
Demais integrantes desta mesa,
Senhores e senhoras integrantes da delegação brasileira e da delegação da Índia,
Senhores empresários brasileiros e empresários indianos,
Jornalistas,
Amigos e amigas,

Quero, inicialmente, saudar a organização deste importante evento empresarial e destacar a expressiva presença de homens de negócios brasileiros e indianos. É evidente que as relações entre Índia e Brasil começam a realizar seu potencial.

Esta é a segunda vez que visito a Índia. O primeiro-ministro Sing esteve no Brasil há cerca de oito meses. Somos duas grandes democracias do mundo em desenvolvimento, com muitos interesses e afinidades em comum. Estamos imprimindo um grande dinamismo ao nosso relacionamento, fortalecendo a nossa aliança política e econômica, elevada à condição de parceria estratégica.

A Índia e o Brasil vêm sendo reconhecidos como atores indispensáveis no cenário internacional. Assumimos responsabilidades crescentes, temos posições convergentes em fóruns multilaterais.

No âmbito da OMC, forjamos o G-20, que nos credencia como interlocutores indispensáveis, articulando posições de países em desenvolvimento em torno de uma agenda comum: fazer de Doha uma verdadeira rodada do desenvolvimento. Estamos empenhados em desmontar os subsídios agrícolas e as barreiras que distorcem o comércio e penalizam os países mais pobres.

No plano bilateral, precisamos imprimir profundidade nas nossas relações econômico-comerciais. Para estimular o comércio e os investimentos

recíprocos, o primeiro-ministro Sing e eu acabamos de lançar o Fórum de Lideranças Empresariais Brasil-Índia. O aumento de nossas trocas comerciais nos últimos anos mostra que estamos no caminho certo: entre 2003 e 2006 saltaram de 1 bilhão para 2 bilhões e 400 milhões de dólares. Mas queremos e podemos alcançar a ambiciosa meta de 10 bilhões em 2010. Ela é perfeitamente viável se trabalharmos para realizar o pleno potencial de nossas economias. Para isso, é indispensável diversificar a nossa pauta bilateral, ainda muito restrita a produtos de menor valor agregado.

As notórias qualidades e competitividade de nossas indústrias de informática e biotecnologia, por exemplo, devem se refletir em nossas trocas e oferecem oportunidades para investimentos recíprocos. Sei que o setor privado indiano já saiu na frente, com investimentos em setores como transporte, medicamentos e tecnologia da informação.

Estou certo de que a expressiva delegação empresarial, integrada por mais de 100 pessoas que me acompanham nesta viagem, demonstra que o lado brasileiro já está seguindo esse extraordinário exemplo. Vamos concentrar esforços em ampliar o conhecimento mútuo e a visibilidade nos mercados de produtos e serviços dos dois países. Temos, hoje, a oportunidade de acelerar esse processo e é importante socializar as informações necessárias para aproveitar oportunidades e ampliar conhecimento sobre os ambientes regulatórios em cada país.

No setor energético, por exemplo, estamos unindo esforços para estabelecer um mercado mundial para os combustíveis renováveis. Brasil e Índia, juntamente com África do Sul, China, Estados Unidos e União Européia, lançaram o Fórum Internacional de Biocombustíveis, uma parceria verdadeiramente global. O etanol e o biodiesel aparecem, cada vez mais, como alternativas energéticas para a humanidade. Os biocombustíveis têm forte impacto social, não comprometem a segurança alimentar, geram empregos e renda no campo e podem beneficiar os países mais pobres. Em um mundo preocupado com a degradação ambiental e os altos preços do petróleo, ajudarão a reduzir emissões de gases poluentes e a dependência de combustíveis fósseis importados. Mas, para que possamos estabelecer um mercado mundial para os combustíveis renováveis, não basta a iniciativa de

nossos governos, precisamos da participação ativa do setor privado do Brasil e da Índia, entre outros países.

Senhoras e senhores,

No Brasil, estamos colhendo os frutos de uma política econômica que abre caminho para um longo ciclo de crescimento sustentável. Temos, hoje, uma combinação virtuosa de crescimento consistente, inflação baixa e forte incremento do comércio exterior, com a correspondente redução da vulnerabilidade externa. O Brasil passou à condição de credor líquido no mercado internacional, há forte ampliação do mercado interno, aumento de empregos, expansão da renda dos trabalhadores, redução da pobreza e da desigualdade social. Em janeiro deste ano lançamos o Programa de Aceleração do Crescimento, que prevê o equivalente a 250 bilhões de dólares de investimentos até 2010, com ênfase na área de infra-estrutura.

Como a Índia, o Brasil enfrenta o desafio urgente de aprimorar e expandir seu sistema portuário, de transportes e de geração de energia, além de sua infra-estrutura social. São muitas as oportunidades para alianças entre nossas empresas. As parcerias público-privadas representam alternativa para atrair capital privado nacional e estrangeiro. É a oportunidade para os empreendedores indianos realizarem investimento direto no Brasil, inclusive mediante a formação de *joint ventures* com capitais brasileiros. As perspectivas promissoras que se abrem no Brasil para as empresas indianas são maiores, tendo em vista o ambicioso processo, em curso, de integração física e energética da América do Sul. O Brasil oferece o acesso privilegiado para um Mercosul de 250 milhões de habitantes e um PIB de mais de 1 trilhão e meio de dólares.

Meus amigos e minhas amigas,

Estou convencido de que Índia e Brasil consolidarão, cada vez mais, sua parceria estratégica. Passou o tempo em que a distância física era usada como justificativa para o desinteresse. Estou certo de que este encontro abriu novas avenidas para adensar nossas relações econômico-comerciais. Quero que saibam que minha presença aqui sinaliza o compromisso do governo brasileiro em prestar toda a colaboração àqueles que tiveram a ousadia de apostar nos projetos que estamos desenhando.

Por isso, eu queria dizer aos meus amigos empresários brasileiros e empresários indianos, que há algum tempo eu venho concebendo a idéia de que o século XXI será o século das oportunidades para os países que não tiveram ou não puderam aproveitar as oportunidades do século XX. Em primeiro lugar, porque conquistamos a nossa soberania interna e a nossa soberania externa. É importante salientar que hoje, quando reunimos Índia e Brasil no G-20, não há possibilidade de qualquer negociação no mundo desenvolvido sem levar em conta o que representa essa aliança do G-20.

E é importante lembrar como muitas vezes nós somos céticos, como muitas vezes nós temos uma visão curta. Não faz muito tempo, quando reunidos em Cancun, os nossos ministros de Relações Exteriores com muitos ministros de outros países propuseram a criação do G-20 para criar uma força de negociação com a União Européia e os Estados Unidos na OMC. Não foram poucas as críticas que recebemos, não foram poucas as críticas daqueles que imaginavam que não é possível criar algo além do que já está criado. Afinal de contas, a lógica comercial do mundo nos impunha a necessidade de termos apenas os Estados Unidos e a União Européia como referência. Eram referência para a Índia, eram referência para o Brasil, eram referência para a China, eram referência para a África do Sul, para a América do Sul, para o continente africano e para o continente asiático.

O que muita gente não percebeu é que, nos últimos 20 anos, e mais, nos últimos 10 anos, e mais, nos últimos 5 anos, muita coisa mudou no mundo. Agora, o desafio que está colocado para os governos e para os nossos empresários é saber se teremos a ousadia de procurar um mundo novo para fazer negócios. Mundo novo em termos, porque antes de 1500 os portugueses saíam de Portugal – não tinha avião, nem Boeing, nem Airbus – num barco pouco recomendável, e o Brasil, depois de 500 anos, não conseguiu fazer uma réplica funcionar, eles davam a volta no Continente Africano e aqui, na Índia, vinham fazer negócios.

Por isso, eu quero lembrar aos nossos queridos empreendedores indianos e brasileiros que não existe distância que possa diminuir o apetite comercial de um empresário ousado, de governos ousados, que resolvem estabelecer parcerias estratégicas como condição única para criar um mundo comercial onde não tenha hegemonia dos países que subsidiam a sua

agricultura em detrimento aos países que têm milhões trabalhando na agricultura para sobreviver; onde não se permite, por exemplo, que países ricos, que querem vender os seus produtos industriais, não facilitem a entrada dos produtos agrícolas dos países pobres no seu mercado, quase que dizendo a todos nós: “precisamos de liberdade comercial, mas só para os nossos produtos. Os produtos dos países pobres não falam inglês, não conseguem falar muitos idiomas, então, têm que ficar lá, na América do Sul e na África”. Não, definitivamente não.

O século XXI e o mundo globalizado, com o avanço tecnológico e com a proximidade que temos uns dos outros hoje, não permite que fiquemos parados, esperando que a sorte sobrevoe o nosso território e nos diga o que fazer, quando fazer e como fazer.

O Brasil, hoje, mais do que nunca, é um país de oportunidades. A Índia, hoje, mais do que nunca, é um país de oportunidades. E nós precisamos aproveitar essas oportunidades de crescimento da Índia, de arranjo da economia indiana, e essas oportunidades de crescimento do Brasil e de arranjo da economia brasileira, para que governos e empresários, da Índia e do Brasil, se descubram, façam parcerias, façam negócios, porque o que está envolvido nisso é praticamente 1 bilhão e 300 milhões de habitantes. E nós ainda não descobrimos 10% do potencial de negócios que poderemos fazer.

Para isso, tanto o primeiro-ministro Sing como eu acreditamos na capacidade criativa dos nossos empresários de descobrir nichos de oportunidades. Por exemplo, o Brasil pode dar uma contribuição extraordinária ao desenvolvimento da Índia, na área de tecnologia agrícola, e a Índia pode dar uma contribuição extraordinária ao Brasil na área de tecnologia na indústria de fármacos, apenas para citar dois setores. Para citar um outro, poderia dizer o que nós poderemos oferecer à Índia, em nível de engenharia, e o que a Índia poderia oferecer para nós em nível de engenharia.

O dado concreto é que neste século, que está apenas começando, com sete anos, nós descobrimos uma coisa: não podemos ficar dependentes de um único parceiro. Não podemos ficar dependentes de um único comprador ou de um único vendedor. Nesse mundo globalizado, nós temos que disputar cada metro quadrado de negócio, cada oportunidade. E quanto mais tivermos negócios de forma plural, menos ficaremos dependentes, e mais, aqueles que

eram chamados as “grandes economias” terão que sentar conosco para negociar.

Este é um país que nos dá lição de história, porque um homem muito franzino, que passou os primeiros 20 anos da sua vida, depois de formado, na África do Sul, conquistou o gosto da liberdade e conseguiu libertar este país de um dos maiores impérios que nós já conhecemos.

Toda vez que eu vejo esses palácios construídos pelos ingleses, eu fico imaginando: eles nunca pensaram em sair daqui. Porque ninguém constrói um palácio daquele para sair. Saíram por quê? Saíram porque este povo aprendeu o gosto de uma palavra chamada “liberdade”, aprendeu o gosto de uma palavra chamada “democracia”. E Índia e Brasil formam duas das mais importantes democracias do mundo. Nós temos liberdade no Brasil e liberdade aqui. Nós temos muitas raças aqui e lá, muitas línguas, muitas religiões. Aprendemos a viver na diversidade, aprendemos a competir, aprendemos a respeitar, aprendemos a ganhar, aprendemos a perder. Nós não podemos aceitar lições de democracia, lições de liberdade, porque neste campo nós temos para ensinar.

E mesmo na questão do desenvolvimento econômico e industrial nós já temos, somados os dois países, tecnologia para enfrentar qualquer tecnologia de outros países. O problema é que nós somos dois países muito grandes e precisamos, agora, deixar de pensar pequeno, pensar para dentro de nós e começar a pensar para fora de nós. Olhemos o mundo, para ver se tem muita coisa mais importante do que Índia e Brasil. Olhemos o mapa, para analisar o potencial que nós poderemos destravar nesses próximos 10 ou 15 anos.

Portanto, eu quero dar parabéns a todos vocês. Aos ministros da Índia, aos ministros brasileiros que trabalharam também para que esta reunião pudesse acontecer, aos empresários da Índia e aos empresários do Brasil, e dizer para todos vocês: nós temos uma grande oportunidade. Alguns amigos empresários brasileiros se lembram que quando nós dissemos que íamos fazer uma relação estratégica com a América do Sul, alguns perguntavam: “Puxa vida, vai vender para esses pobres?”. Pois bem, os pobres também estão crescendo, e quanto mais crescerem, mais poderão comprar, e quanto mais puderem comprar, mais precisarão se industrializar. Porque não é possível que apenas uma parte do mundo seja rica e a outra parte seja pobre. Vamos ser

todos medianos, onde todos possam vender e todos possam comprar.

E eu queria dizer para vocês: não depende de ninguém mais. Depende da ousadia do meu governo e do governo da Índia. Depende de nós retirarmos, dos marcos legais de cada um dos nossos países, todas as dificuldades que nós tivermos. E depende dos nossos empresários acreditarem que há possibilidade de ganhar dinheiro fora do território nacional, e dos empresários indianos acreditarem que há possibilidade de ganhar dinheiro fora do território indiano. Se isso acontecer, nós poderemos, em 2010, não apenas estar cumprindo a meta a que nos propusemos chegar, de 10 bilhões de dólares, mas poderemos ultrapassá-la, porque potencial existe, consumidor existe, seriedade nos dois governos existe, e eu diria que vontade dos nossos empresários existe.

Portanto, se o governo e o povo querem que isso aconteça, não há por que não acontecer. Não me dêem a desculpa da distância. Não existe tanta distância, porque antigamente se viajava meses para chegar a um lugar, hoje se viaja horas. O presidente da Petrobras disse que viajou 19 horas e chegou aqui cansado. Eu viajei da minha terra natal até São Paulo, durante 13 dias, em um pau-de-arara e não cheguei cansado. Então, obviamente que é sempre mais cômodo ficar no Rio de Janeiro, é sempre mais cômodo a gente ficar na nossa cidade, mas o crescimento econômico e a solução para o empobrecimento do nosso povo, que são heranças recebidas de séculos, só poderão terminar quando nós assumirmos a responsabilidade de que não há tempo a perder.

Quero dizer ao povo da Índia e aos empresários brasileiros que essa é a nossa determinação. Se pudermos, faremos mais, mas se não pudermos, faremos aquilo que nos determinamos a fazer e, para mim, não haverá distância. Só não venho a nado, porque tenho um problema de bursite, senão eu viria a nado.

Meus parabéns a todos vocês e boa sorte.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega do Prêmio Jawaharlal Nehru

Nova Delhi-Índia, 04 de junho de 2007

Que minhas primeiras palavras sejam de agradecimento aos ilustres membros do júri do Conselho Indiano de Relações Culturais por minha indicação ao Prêmio Nehru de 2007.

É uma honra receber tão elevada distinção, outorgada a personalidades da estatura de Martin Luther King, Nelson Mandela, Madre Teresa e Indira Gandhi. Por seu compromisso com a justiça e dedicação à causa dos mais necessitados, eles inspiraram gerações e transformaram nações.

Foi esse o legado de Nehru. Em 1947, a Índia conquistou sua independência política e se afirmou como Estado soberano graças à sua firme liderança. Suas convicções democráticas granjearam o respeito do mundo, até mesmo de adversários. Nehru lançou os fundamentos para a construção de uma nação mais justa e igualitária. Sua política externa independente elevou a Índia a um lugar de destaque na comunidade internacional. Sua defesa da solução pacífica dos conflitos e do direito à autodeterminação foi sempre fonte de inspiração para os povos que buscam dignidade.

Senhor Presidente,

A Índia que Nehru ajudou a fundar encanta pela diversidade extraordinária de sua gente, línguas, culturas e religiões. Ao visitar Velha Delhi, não longe daqui, pude observar praticamente lado a lado, na mesma rua, um templo hindu, uma mesquita, um templo sikh e uma igreja cristã. Esse mosaico de civilizações de mais de 5 mil anos coexiste há décadas com a maior democracia do Planeta. A arquitetura política que fez nas últimas décadas florescer essa rica convivência nasceu da visão política e humanista de Nehru. São conquistas que aprendemos a admirar no Brasil, onde também estamos construindo uma nação multicultural e multiétnica.

A Índia desponta, hoje, como uma das mais importantes economias deste século. Oferece ao mundo exemplo de que é possível trilhar o caminho do desenvolvimento autônomo e socialmente equitativo.

A Índia se destaca por sua capacidade de inovação, visível nos notáveis progressos em ciência e tecnologia. Suas universidades e institutos avançados mostram-se fiéis à tradicional cultura indiana de sempre valorizar o conhecimento e a educação.

A aproximação entre nossas duas grandes democracias multiculturais oferece oportunidades para aprofundarmos uma aliança e explorarmos nossas complementaridades. Temos de aprofundar nossa parceria em busca de soluções comuns para os desafios que ainda retardam nosso crescimento econômico e progresso social.

No Brasil, estamos tendo um novo olhar para este mundo complexo, desigual e assimétrico em que vivemos. Nessa busca de alternativas, as múltiplas avenidas de cooperação que se abrem com a Índia reforçam a determinação do Brasil de investir em parceiros do Sul. Vamos cooperar econômica e socialmente, atrair investimentos recíprocos e estimular o incremento do intercâmbio comercial.

Só temos a ganhar com a união de forças entre nossos países. Foi essa a lição que Nehru ensinou ao inspirar o surgimento do Movimento dos Não-Alinhados. Hoje, sua visão ganha novo relevo com a ascensão econômica de países de dimensão continental e a nova feição que a globalização traz às relações internacionais.

Nossas opiniões são ouvidas e respeitadas. A inclusão das grandes nações do Sul nas instâncias decisórias globais é fundamental para a construção de uma ordem internacional mais representativa, solidária e pacífica.

Senhor Presidente,

Nehru acreditava que a democracia e a tolerância eram as melhores armas para combater a pobreza e a miséria. Antes mesmo que essa expressão se tornasse moda, Nehru defendia o desenvolvimento sustentável, centrado na pessoa humana.

No Brasil, também estamos empenhados na consolidação de instituições representativas e transparentes, que atendam aos legítimos reclamos de setores marginalizados por bem-estar e justiça social. Aprendemos com Nehru que de nada adianta promover o crescimento econômico sem atender às necessidades da maioria dos cidadãos. A distribuição de riqueza em benefício

dos marginalizados não é apenas uma obrigação ética. É a única forma de consolidar um mercado consumidor de massa.

Por essa razão, durante os mais de quatro anos em que estou à frente do governo brasileiro, estabeleci como principal meta promover o crescimento com equidade. Isso significou definir como absoluta prioridade o compromisso de assegurar alimentação e condições de vida decente às camadas desamparadas da população.

Assim como na Índia, estamos avançando no Brasil na superação das vulnerabilidades sociais e entraves econômicos que impediam o País de realizar seu potencial. Resta ainda muito por fazer, mas vivemos hoje um clima de confiança.

Senhoras e senhores,

É essa mensagem de determinação e de otimismo que precisamos levar ao mundo. Podemos reverter, em escala global, os resultados perversos da exclusão social e da fome. Podemos levar esperança e dignidade a milhões de seres humanos em todos os continentes e criar as condições para um mundo mais seguro e pacífico.

Não devemos esmorecer diante da tarefa de vencer obstáculos, como o analfabetismo e a violência. É isso que a Índia está fazendo. A iniciativa estratégica do presidente Abdul Kalam permitirá que um quarto da população indiana seja retirado da pobreza, mediante a educação e a capacitação científica e tecnológica de seus jovens.

Capacitar as novas gerações é o caminho mais curto para reduzir a miséria e impulsionar o crescimento econômico.

As nações mais ricas têm um papel decisivo nesse esforço. Foi essa convicção que me motivou a levar o problema da fome e da pobreza extrema a foros internacionais, já nas primeiras semanas do meu primeiro governo.

No âmbito da Ação Internacional contra a Fome e a Pobreza, reunimos líderes políticos e representantes da sociedade civil em todo o mundo em torno de uma iniciativa inovadora. Já estamos colhendo os primeiros avanços concretos para a melhoria da qualidade de vida de populações marginalizadas e oprimidas.

Nehru não hesitou em pagar o preço de suas convicções. Enfrentou a prisão e o ceticismo daqueles que não acreditavam na possibilidade de uma

Índia livre, próspera, tolerante e democrática. É esse o exemplo e o desafio que Nehru nos deixa. Sinto o peso da responsabilidade, como governante e cidadão brasileiro, ao receber este significativo reconhecimento. Quero, portanto, dedicar este Prêmio a todas as pessoas que lutam por um mundo melhor e mais pacífico. Afinal, como disse o grande Nehru, “sem a paz, todos os outros sonhos se esvaem e se reduzem a cinzas”.

Muito obrigado.

Intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do lançamento do Foro de Lideranças Empresariais

Nova Delhi-Índia, 04 de junho de 2007

É uma grande satisfação participar do lançamento do Foro de Lideranças Empresariais Brasil-Índia. No encontro empresarial Índia – Brasil, terei a oportunidade de comentar as excepcionais oportunidades de negócios entre nossos dois países.

Nossas economias estão em franca expansão, abrindo caminho para um ciclo consistente de crescimento sustentado. Estão dadas as condições para nossos empresários explorarem as potencialidades comerciais de duas economias prósperas.

O primeiro-ministro Singh e eu estamos convencidos do papel crucial desempenhado nesse processo de aproximação e descoberta pelas empresas aqui representadas. Por isso, atribuímos grande importância ao estabelecimento do Foro de Lideranças Empresariais.

Com sua visão estratégica e ampla experiência empresarial, os altos executivos que integram este mecanismo permanente identificarão maneiras de estimular o comércio e os investimentos recíprocos.

Posso assegurar-lhes que suas recomendações serão cuidadosamente avaliadas, pois os governos têm de contar com o engajamento e entusiasmo das empresas. Contamos com a liderança de suas empresas para seguir criando oportunidades de negócios e encorajando parcerias que explorem nossas complementaridades e aumentem nossa competitividade no mercado global.

Ao ouvir os co-presidentes indiano e brasileiro do Foro, vejo que a nossa política de aproximação tem ressonância no setor privado de ambos os países. A expressiva presença empresarial, de ambos os países, neste encontro é prova disso.

Confiamos nos empreendedores para a ampliação e diversificação de nossa pauta comercial bilateral. Não podemos aceitar que economias tão fortes e diversificadas como as nossas tenham trocas ainda modestas e

concentradas em poucos itens. Contamos com vocês para que o nosso intercâmbio chegue até 10 bilhões de dólares até 2010.

As empresas indianas têm sido mais dinâmicas em explorar oportunidades e parcerias no Brasil. Por essa razão, lanço um desafio aos líderes empresariais brasileiros para seguirem esse exemplo.

Mas é preciso que conheçamos melhor nossas respectivas culturas de negócios, que troquemos informações e conhecimento, que saibamos mais sobre os ambientes regulatórios em cada país. Só assim poderemos aproveitar melhor todo o potencial que se apresenta.

Tenho convicção de que o Foro de Lideranças Empresariais contribuirá para iniciar uma nova etapa nas relações econômicas e comerciais entre Brasil e Índia e criará novas bases para trazer prosperidade para os nossos povos.

Muito obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de recebimento da Tocha Pan-Americana 2007**

Palácio do Planalto, 11 de junho de 2007

Excelentíssimo senhor José Alencar, vice-presidente da República,
Excelentíssimo senador Renan Calheiros, presidente do Senado,
Senhoras e senhores embaixadores acreditados junto ao meu governo,
Meu caro José Roberto Arruda, governador do Distrito Federal,
Meu caro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,
Meu companheiro Orlando Silva, ministro do Esporte,
Companheira Marta Suplicy, ministra do Turismo,
Meu caro Carlos Artur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico
Brasileiro,

Ministros aqui presentes, Dilma Rousseff, da Casa Civil; Tarso Genro, da
Justiça; Waldir Pires, da Defesa; Ronaldo Lessa, ministro interino do Trabalho
e Emprego; Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome;
Nelson José Hubner, interino de Minas e Energia, uma interinidade longa essa
do Nelson; Sérgio Machado Resende, ministro da Ciência e Tecnologia; Jorge
Armando Felix, ministro do Gabinete de Segurança Institucional; Walfrido dos
Mares Guia, da Secretaria de Relações Institucionais; Franklin Martins, da
Secretaria de Comunicação Social; Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de
Políticas para as Mulheres; Altemir Gregolin, da Secretaria Especial de
Aqüicultura e Pesca; Maria do Carmo Ferreira da Silva, interina da Secretaria
Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial, e o companheiro
Pedro Brito do Nascimento, da Secretaria Especial dos Portos,

Senadora Ideli Salvatti e senador Romero Jucá,

Deputados federais José Rocha e Osório Adriano,

Nossa querida Sandra Pires e nosso querido Gustavo Borges, primeiros
condutores da Tocha Pan-Americana, por meio de quem quero cumprimentar
todos os atletas,

Meus amigos e minhas amigas,

A única certeza de um discurso sucinto é a leitura do que está escrito, porque no improviso eu não posso falar, pois aqui está cheio de embaixadores dos países que vão competir conosco e se eu falar de improviso e disser alguma tática dos atletas brasileiros, eles estão como olheiros dos seus países e poderão se preparar para nos enfrentar. Então, eu vou obedecer ao meu ritual.

Muitos aqui devem se lembrar de um trecho do samba-enredo da Portela, cantado no carnaval deste ano, e que teve o Pan como tema. Dizia a letra:

“O homem lutou por fronteiras /
Por seus interesses, religiões... /
Hoje derruba barreiras/
Desfaz preconceitos, juntando nações /
Esporte é vida /
É beleza e emoção /
É esperança, amizade, inspiração... /

Se eu não tivesse a voz desafinada, eu teria cantado. Eu pensei que o Orlando ia cantar e ele não cantou, porque de Orlando Silva ele só tem o nome, ele poderia cantar uma modinha aqui para mostrar que ele é bom.

É exatamente isso o que estamos fazendo simbolicamente, aqui, hoje: quebrando barreiras, juntando nações, desfazendo preconceitos por meio do esporte. Desde 4 de junho, quando chegou a Cabrália, na Bahia, a Tocha dos Jogos Pan-Americanos já cumpriu uma pequena parte do roteiro que fará por todo o País: passou por Goiânia, Ouro Preto, Belo Horizonte, Vitória, Salvador, Canindé de São Francisco e Aracajú. Daqui vai para Recife e Olinda, num total de 51 localidades, passando por todas as capitais até chegar ao Rio de Janeiro, no dia 13 de julho. E vocês sabem que cada uma dessas cidades brasileiras homenageia um país participante dos jogos. O país que corresponde a Brasília é o nosso irmão México, que eu espero que não leve tantas medalhas na disputa com o Brasil.

A Tocha está sendo levada por 3 mil pessoas de suas respectivas comunidades, aproximando efetivamente a população local dos Jogos Pan-Americanos e dos Jogos Parapan-Americanos, numa demonstração de que esses eventos pertencem a todos os brasileiros e a todos os que moram no

nosso continente.

Tenho certeza de que, por onde passar, esta tocha vai mobilizar as populações locais, principalmente a juventude, fazendo-a sentir ainda mais a importância do esporte e do conagraçamento entre os povos. Atravessando o território de Norte a Sul, de Leste a Oeste, sua chama lançará mais luz sobre o presente e o futuro do Brasil, despertando consciências e fortalecendo a identidade nacional e a diversidade cultural do nosso povo.

Meus amigos e minhas amigas,

O Brasil vai receber de braços abertos e sentimento fraternal os milhares de atletas dos 41 países participantes dos Jogos Pan-Americanos e, depois, em agosto, os que vão atuar nos Jogos Parapan-Americanos.

Fizemos, governos e sociedade, um enorme esforço para capacitar o Brasil, e, em especial, o estado do Rio de Janeiro, a sediar os Jogos Pan-Americanos. Trata-se, como vocês sabem, de um grande projeto com investimentos do governo estadual, investimentos do governo municipal, investimentos do governo federal que, no final das contas, deve chegar a mais de 2 bilhões e meio, quem sabe um pouco mais. Tem muita gente que acha caro. Só o estádio de Wembley, custou por volta de 1 bilhão e 800 milhões de dólares. Aqui, um bilhão e 800 milhões de reais em equipamentos, infraestrutura, sistemas de segurança, edifícios e complexos esportivos. Mas é muito mais do que isso, e aí, Sérgio Cabral, o estado do Rio de Janeiro vai ter o que merece. Mas é muito mais do que isso, porque quando os Jogos Pan-Americanos terminarem, eles deixarão dois importantes legados para o nosso País. Um legado é o material. Além da infra-estrutura construída, serão doados 3,8 mil computadores para os programas de inclusão digital e 1,2 mil ao sistema de segurança do Rio de Janeiro. Mil viaturas serão incorporadas à frota policial, além de 27 aeronaves, entre helicópteros, aviões e motoplanadores. Sem falar dos aparelhos de comunicação da polícia que serão trocados pelos novos, de tecnologia digital. Promessa. Vamos ver ser o Luiz Fernando vai cumprir e vai ficar tudo lá.

O outro legado é imaterial. Ele se traduz em maior inclusão social, no fortalecimento da auto-estima de nossos irmãos do Rio de Janeiro e na afirmação pessoal de milhares de jovens de 149 comunidades, muitos dos quais vivem em situação de risco no entorno da Vila do Pan.

Há também a perspectiva que se abre para os quase 10 mil guias cívicos que, com certeza, terão muito mais chances de conseguir emprego após a formação e a experiência adquiridas durante os Jogos. Alguns deles, inclusive, estão aqui em Brasília, distribuindo material informativo a respeito da chegada da Tocha e dos Jogos Pan-Americanos.

Assim como os atletas brasileiros que disputaram e venceram Olimpíadas e Jogos Pan-Americanos, alguns participantes de programas sociais também se revezarão na condução da Tocha. Quatro deles integram o programa “Segundo Tempo”, que atende milhares de estudantes de 7 a 17 anos em todo o País, oferecendo atividades esportivas e de cultura e lazer no período em que os alunos não estão nas salas de aula. Cinco praticam atividades esportivas de alto rendimento no Núcleo de Esporte de Base que o Ministério do Esporte desenvolve com clubes e entidades comunitárias. Quatro recebem o Bolsa-Atleta, que é outro programa do Ministério do Esporte voltado a apoiar atletas que, sem isso, não teriam condições econômicas para se dedicar aos treinos. E dois participam do “Vida Saudável”, que é destinado à chamada melhor idade.

Tenho certeza de que todas essas pessoas envolvidas na realização do Pan saberão repartir o que conseguirem aprender e tentarão se transformar em agentes multiplicadores da convivência cidadã em suas respectivas comunidades. Minha esperança é que terão descoberto, com essa oportunidade, a importância do esporte, do civismo e da solidariedade para as suas vidas e de toda a coletividade.

No dia 29 de julho, quando terminam os Jogos Pan-Americanos, e no dia 19 de agosto, ao final dos Jogos Parapan-Americanos, o Brasil terá mostrado ao mundo que temos condições de realizar no nosso País eventos de qualquer dimensão internacional. E o Pan, com certeza, nos credenciou ainda mais para isso. Enfrentamos os desafios e cumprimos com nossas responsabilidades, trabalhando juntos com imaginação criadora e absoluta dedicação.

Meus amigos e minhas amigas,

Um improvizozinho aqui, senão não tem graça só ler.

Meu caro Nuzman, meu caro Sérgio Cabral, meu caro ministro Orlando, meus queridos companheiros atletas que vão participar desse grande evento esportivo no Brasil, embaixadores, convidados para este ato,

Eu penso que a realização dos Jogos Pan-Americanos no Brasil, no mês de julho, e a realização da Copa América, na Venezuela, no mês de junho, são uma pequena preparação para que a gente possa demonstrar que a América do Sul e a América Latina não podem continuar a ser tratadas eternamente como se fossem, pura e simplesmente, países de Terceiro Mundo, sem nenhuma condição de realizar eventos como este.

Agora mesmo, estamos pleiteando realizar a Copa do Mundo em 2014. Eu sei que o Brasil está sozinho nessa disputa, eu sei que o Brasil tem todas as chances de ganhar. Agora, eu não consigo entender, depois de 50, ou melhor, depois de 64 anos é que o Brasil vai voltar a ter condições de fazer uma Copa do Mundo, numa demonstração de que na década de 50 me parece que o mundo era mais igual a nós e, agora, me parece que o mundo se diferenciou um pouco. E nós temos poucas chances de disputar uma Olimpíada porque nas condições que sempre nos impõem, parece que os países mais pobres não têm direito.

Quando nós conquistamos o direito de fazer os Jogos Pan-Americanos aqui – na época o ministro era o companheiro Agnelo – eu tive uma conversa com o Nuzman, e o Bernardo estava presente quando eu disse que nós iríamos fazer o esforço que fosse necessário para que todos os atletas, para que todos os jornalistas, para que todas as pessoas que freqüentarem a Vila do Pan saiam daqui para os seus países convencidos de que o Brasil tem condições de realizar uma Olimpíada. E nós vamos continuar disputando.

De vez em quando alegam que aqui no Brasil tem muita violência, como se não tivesse no restante do mundo. Nós vamos montar, para o Rio de Janeiro – e está aqui o nosso Secretário Nacional de Segurança Pública – talvez o mais moderno e o mais perfeito sistema de segurança que este País já conheceu. O que é mais importante é que se ele funcionar, como nós pensamos que vai funcionar, com alta tecnologia de inteligência e de segurança, nós, meu caro ministro Tarso Genro, precisamos começar a nos preocupar, porque se todo o esquema de segurança der certo para o Pan, significa que o Paulo Bernardo vai ter que começar a colocar no Orçamento um dinheirinho a mais, porque a gente vai ter que fazer para outros estados, mesmo que não tenha Pan.

E o mais importante é que parte de tudo que vai ser utilizado para a

segurança dos Jogos Pan-Americanos ficará no Rio de Janeiro, e junto com os equipamentos ficarão 11 mil jovens que foram treinados, que foram preparados, que vão ganhar um dinheirinho agora no Pan, que aprenderam a falar um pouquinho de espanhol, que tiveram iniciação em inglês e que vão ter a primeira oportunidade. E são esses que podem nos ajudar, Luiz Fernando, a dar exemplo de que valeu a pena não apenas investir no Pan para garantir que os nossos atletas tenham condições de uma boa participação, mas valeu a pena, sobretudo, acreditar no Rio de Janeiro e no povo do Rio de Janeiro. Sobretudo, valeu a pena dizer para aquela juventude que nós estamos preocupados com eles e que nós queremos cuidar deles.

Essa harmonia que está interagindo até agora entre governos e sociedade civil, através dessa organização, se nós tivermos competência de mantê-la depois do Pan, eu acho que muito mais do que ganhar uma medalha, nós estaremos ganhando uma lição de vida, de preços incomensuráveis, porque encontramos o caminho para dar chance àqueles que nunca tiveram.

A você, meu caro Nuzman, eu só espero que o time brasileiro esteja bem-preparado, porque os nossos atletas... para o Gustavo é fácil porque, como ele é grandão, se for nadar comigo, ele pula e já alcança o outro lado da piscina. Eu, com esses bracinhos curtos, vou ter que dar 50 braçadas e já perdi a parada. Mas nós vamos enfrentar gente que vem preparada de outros países, e todo mundo vem com sede de ouro, todo mundo vem com sede de levar medalha. Cabe a vocês agora, cabe a você, meu caro, tentar deixar um pouquinho de medalha aqui para nós, porque nós também somos filhos de Deus.

Que Deus abençoe os nossos atletas. Eu tenho cobrado do Orlando e disse hoje para ele, daqui para a frente tem que ter operação pente-fino, Sérgio Cabral, cada obra, cada coisa tem que estar pronta. A gente não pode deixar para testar no dia em que for começar o Pan. Pelo menos 20 ou 30 dias antes, a gente tem que ver se está tudo funcionando para que o Pan-Americano seja um cartão postal, para que o mundo inteiro saiba que nós estamos preparados para o Pan, para a Copa do Mundo e para as Olimpíadas, se Deus quiser.

Muito obrigado, e boa sorte a todos nós.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do VII Congresso Nacional dos Metalúrgicos da Central Única dos Trabalhadores – CUT

Guarulhos-SP, 12 de junho de 2007

Companheiros e companheiras metalúrgicas e metalúrgicos da CUT e do nosso querido Brasil,

Grana, primeiro eu queria saber se esse emprego de presidente de honra tem salário, porque eu acho que eu preciso começar a pensar.

Eu quero cumprimentar o nosso companheiro Marinho, ministro da Previdência,

O Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento,

O Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência,

A deputada Janete Pietá,

O nosso Elói Pietá,

O deputado companheiro Vicentinho, ex-presidente da CUT,

Quero cumprimentar o companheiro Marcelo Malentacchi, secretário-geral da Fitim,

O Artur, nosso querido companheiro presidente da CUT,

O Eleno, presidente da CNTM,

A companheira Lucilene Binsfeld, presidente da Contracs,

O Egberto Della Bella Navarro – ninguém sabe o Della Bella Navarro, isso eu acrescentei para dar um charme – ex-presidente da CNM,

O companheiro Fernando Augusto Moreira Lopes, presidente da CNM da CUT,

Os companheiros do PCdoB, companheiro João Felício, companheiro Juruna, companheiro Feijóo, falando apenas dos dirigentes sindicais,

Meu caro Lira. O Lira, além de metalúrgico, me enchia o saco porque morava na frente da minha casa,

Meus companheiros e companheiras,

Eu confesso, Marinho, que nunca tive dificuldade de falar para

metalúrgicos. E é engraçado porque hoje eu estou tendo mais dificuldade.

Paulo Frateschi, presidente do PT de São Paulo,

Marco Aurélio, meu assessor especial que falou com vocês hoje aqui, e agora está dormindo aqui na frente e não está me ouvindo falar.

Eu fico sempre pensando o que falar porque era mais fácil falar quando eu ia fazer agitação na porta de fábrica. Lá era só falar “companheiros e companheiras” e xingar meia dúzia, que eu estava com o problema resolvido. Isso, no meu tempo. Já no tempo de vocês não basta xingar, é preciso ter mais competência, mais preparo, saber fazer as propostas nas coisas certas, porque em cada momento histórico a gente tem que agir em função da compreensão da sociedade naquele momento histórico. Tanto é que nós não ganhamos as eleições para a Presidência na primeira eleição porque nós descobrimos que não bastava dizer que era metalúrgico para metalúrgico votar em metalúrgico, não. Sair da vida sindical para a política, é um processo de evolução e de compreensão da categoria, e de outras categorias, que a gente vai evoluindo. Até que, depois de 12 anos, nós conseguimos esse intento. E só conseguimos porque conseguimos extrapolar da categoria dos metalúrgicos para outras categorias, senão, somente os metalúrgicos não iriam conseguir me eleger.

A segunda coisa sobre a qual eu queria fazer uma reflexão com vocês é sobre o momento político que nós estamos vivendo. Hoje, certamente, os metalúrgicos estão mais radicais porque eu, se fosse presidente, jamais faria um encontro no Dia dos Namorados, eu marcaria ou um dia depois ou um dia antes, nunca no dia. O Grana é muito esperto, trouxe a mulher dele. Quem veio de fora não pôde trazer. Então, por favor, telefonem para as suas mulheres, para as suas namoradas, porque elas merecem esse tratamento carinhoso. Certamente, daqui a uma hora eu irei me encontrar com a minha, com quem tive a felicidade de completar 33 anos de casado no mês passado. Não é mole para ela, para mim é mais mole.

Eu queria, sem me alongar, dizer para vocês o seguinte: eu penso que devo aos trabalhadores brasileiros o que eu fui, o que eu sou e o que eu vou ser. Quando um homem adquire convicção do que quer ser, dos objetivos que tem pela frente e dos compromissos que ele assumiu durante toda a sua vida, a chance de errar é muito pouca. Você pode não fazer tudo o que quer no curto

espaço de tempo que quer mas, certamente, você planta as coisas e elas nascem.

Todos vocês acompanharam o nosso primeiro mandato, e eu digo sempre o seguinte: quando nós ganhamos as eleições... possivelmente, durante a campanha eleitoral, a gente não se dava conta da enfermidade que este País tinha. A gente sabia alguns números, na campanha a gente debatia, denunciava, mas a gente não tinha noção, Feijóo, da gravidade da enfermidade. É como o cidadão que vai fazer um *check up*, chega lá, pensa que vai sair em meia hora e o cara descobre um câncer, descobre uma pneumonia, descobre uma coisa qualquer. Então, a gente não tinha dimensão.

Depois que você toma posse, você precisa começar a refletir porque já não basta mais o discurso, é preciso uma quantidade de ações, e eu sempre dou como exemplo a vida real da gente. Eu poderia pegar a experiência de vocês enquanto namorados e enquanto casados. Enquanto namorados, todo mundo é blefador, conta uma série de “paia” e fala para a namorada mil coisas mas, quando se casam, ela começa a perceber que não era bem assim, e também vale para a mulher. O homem também tem os seus encantos e desencantos, vale para os dois.

Então, a vida política é um pouco do nosso cotidiano. E aí, como consertar o País? Um dia, depois, quando eu estiver quase perto da “extrema unção”, antes eu não vou escrever livro, nós vamos contar para este País o que foi o nosso sacrifício no primeiro ano. Decisões que nós tínhamos que tomar em momentos cruciais, e que a gente não tinha para quem perguntar. Era pegar ou largar e apostar que ia dar certo. Se vocês imaginarem o arrocho que nós fizemos em 2003, numa plenária de metalúrgicos mesmo sendo o presidente de honra, certamente eu perderia de lavada. Mas era preciso fazer aquilo para que a gente pudesse criar condições para respirar nos anos seguintes. Nós sentimos que era possível respirar, já a partir de 2004, mas ainda um pouco assustados. Em 2005 nós tivemos que fazer outra vez um aperto, para que em 2006 a gente pudesse chegar, na hora da disputa, em condições de disputar a campanha com uma mistura de pragmatismo administrativo, de políticas sociais, com um certo conteúdo ideológico do modelo do Estado que nós queríamos para este País.

Eu fico imaginando, Grana, quantas vezes você, que ainda muito menino ia me pedir para ir à Brosol fazer campanha, evitar muitas vezes os (**falha na gravação**) cometido, até pelo pouco tempo, essa Fátima que não parava de entrar em greve, e essas coisas. Entrava em greve e depois ia lá: “companheiro Lula, vamos à porta da Brosol, dispensaram não sei quantos, vamos lá fazer um discurso”. Teve um tempo em que eu me sentia um levanta moral da turma. Quando estava tudo bem ninguém me chamava, mas quando piorava, aí toca o Lula a chegar na porta de fábrica. Não me arrependo porque foi dessa coisa que eu aprendi grande parte do que eu posso executar hoje como presidente da República.

Nós terminamos o mandato, eu diria, com a possibilidade de fazer uma disputa que me permitiu ser presidente da República por mais quatro anos. Acho, Grana, que eu fui um dos poucos, junto com outros companheiros, que acreditava o tempo inteiro. Mesmo nos momentos de crise mais profunda, mesmo nos momentos em que as pesquisas mostravam a gente numa situação delicada, eu tinha a mais pura convicção de que as sementes que nós tínhamos plantado, algum dia iriam brotar e que as pessoas iriam perceber, porque não era possível que a quantidade de coisas que foram criadas neste País não aparecesse no processo eleitoral. E eu tinha mais convicção ainda, embora em muitos momentos não tivesse sido divulgadas corretamente as coisas boas que a gente fazia, às vezes até tripudiadas, eu sabia que era quase que irreversível, porque se o benefício estava chegando à pessoa não adiantava ninguém mentir, porque a própria pessoa que era beneficiária estava recebendo.

Companheiros, nós saímos de 2 bilhões de reais de financiamento da agricultura e fomos para 10 bilhões. Esses 10 bilhões têm que estar em algum lugar, no bolso desse povo trabalhador rural. Nós saímos, de financiamento do Banco do Nordeste (BNB), de 252 milhões para 5 bilhões, esse dinheiro vai ter que aparecer em algum momento. Nós saímos, de nada de crédito para 40 bilhões de crédito consignado. Eu falava: isso vai aparecer em algum momento, não tem jeito, isso vai desabrochar. E desabrochou no momento em que a sociedade percebeu que não existia apenas uma campanha eleitoral entre dois candidatos, mas existia duas propostas para o País, dois projetos

distintos, o povo resolveu se posicionar. Por isso eu agradeço, companheiro Grana, o segundo turno, porque o segundo turno foi aquela coisa que Deus falou: “Não, baixinho, vai ter segundo turno para você melhorar, vai ter o segundo turno para você se afirmar. Você estava achando que estava tudo resolvido, não é, baixinho? Então vai pisar no espinho, um pouco, para você saber o quanto é bom”. Hoje, Feijóo, eu sou agradecido pelo segundo turno.

E aí eu ficava pensando: será que o povo está percebendo as coisas que nós estamos fazendo? Eu tinha colocado no governo, se não todos, parte das melhores pessoas que participavam do movimento social neste País, pessoas que a vida inteira trabalharam para tentar fazer as coisas. Isso tinha que dar certo, isso tinha que dar resultado. Eu me lembro de algumas coisas de que hoje eu tenho orgulho. Quando nós criamos o Bolsa Família, as pessoas falaram: “Isso é política assistencialista”. Quem, aqui, é do interior do País, e quem já ficou desempregado por um ano, sabe que 80 reais para o Grana, no dia do pagamento, não significam nada; ele toma cerveja com a Fátima e ainda dá um troco, de gorjeta, para o garçom. Mas 80 reais na mão de uma mãe, no interior deste País, ela consegue fazer o que a gente muitas vezes não faria com 200 ou 300 reais.

O programa Luz para Todos, gente, eu fico pensando, Grana, são 470 mil quilômetros de fios que nós já colocamos neste País, daria para enrolar a Terra, Fátima, mais de 14 vezes, **(falha na gravação)** evitar o efeito estufa nela, é só enrolar de fio. Foram 2 milhões e 800 mil postes, foram 380 mil transformadores. Só por conta disso já foram vendidos, com o programa Luz para Todos, 470 mil televisores e 360 mil geladeiras. Isso significa emprego para metalúrgicos. O que é mais importante é que o contrato normalmente é feito, na maioria dos estados, para as pessoas produzirem. Eu dizia: mais isso tem que dar efeito, gente, isso vai ter que aparecer. Apareceu e nós ganhamos as eleições.

O que fazer agora? O segundo mandato parece mais fácil, mas ele é mais difícil, porque eu já não posso ficar comparando as coisas com o governo passado. Agora, o governo passado é o meu primeiro mandato. Então você percebe, Feijóo, que quando você tem que cobrar de você mesmo é mais difícil. Sabe quando que você se levanta para andar de manhã, está com preguiça e fala: “hoje eu não vou andar”, e fica deitado? A minha agonia toda é

não permitir que a mesmice tome conta do governo, a minha agonia toda é poder provar ao povo brasileiro que a gente pode fazer mais e pode fazer melhor do que nós já fizemos, aprimorar as coisas que aconteceram e fazer muito mais.

Teve uma coisa que nós íamos lançar em dezembro do ano passado e decidimos deixar para lançar neste ano, para já aparecer como uma coisa do segundo mandato, que foi o PAC. Eu não sei, já veio gente do governo debater com vocês o PAC, não é? O PAC é, na minha opinião, a coisa mais organizada já anunciada neste País. Eu posso garantir que em poucos momentos da história deste País um governo apresentou um programa de investimento de 252 bilhões de dólares, 504 bilhões de reais, para ser utilizado em quatro anos, envolvendo desde a infra-estrutura ferroviária, rodoviária, portos e aeroportos, até 146 bilhões de reais – 106 bilhões para habitação e 40 bilhões para saneamento básico. Posso dizer para vocês que isso nunca aconteceu.

Por que eu acho que é uma novidade? É porque nós temos um conselho gestor desse PAC, que toda semana se reúne. É uma companheira aqui de São Paulo que, junto com a Dilma, cuida disso. Quem é de Santo André conhece, a Miriam Belchior. É cobrando a cada dia, a cada hora, de cada ministro: o que está acontecendo, por que não saiu o projeto? Por quê? Agora, a partir da semana que vem, eu já devo vir a São Paulo, devo ir ao Rio de Janeiro e devo ir a Minas Gerais, junto com o governador e com os prefeitos, Elói, apresentar o dinheiro para os projetos de saneamento básico e habitação nessas cidades. Nós decidimos fazer na região metropolitana porque é onde estão os problemas mais graves do País e tem dinheiro e projeto para cada região metropolitana deste País.

Eu começo por São Paulo, Minas, Rio, depois eu vou à Bahia, Ceará e Pernambuco, depois eu vou ao Amazonas, Pará e outros estados, Rio Grande do Sul e Paraná, porque nós queremos consagrar isso em 2010. Só de gasoduto da Petrobrás são 4.700 quilômetros. Só a Petrobras investe nesse PAC 228 bilhões de reais, daí o porquê da recuperação da indústria naval brasileira, que estava sucateada, daí o porquê do crescimento do pólo metal-mecânico, daí o porquê do crescimento do pólo siderúrgico, porque o pólo siderúrgico, no Brasil, vendia só para fora, porque a indústria não crescia. Agora, só a Nippon Steel, que é dona da Usiminas e da Cosipa, foi anunciar

investimento de 8 bilhões e 300 milhões de dólares, em quatro anos. Por quê? Porque na medida em que a economia começa a crescer, a construção civil será o primeiro segmento a começar a crescer daqui para a frente, porque nós fizemos todas as mudanças necessárias para facilitar a venda de casas para o povo trabalhador. Eu ainda quero discutir com os trabalhadores, cooperativas, nos sindicatos habitacionais, que uma vez eu me recusei. Uma vez, quando o Delfim era ministro da Fazenda, em 1979, ele me procurou dizendo: o presidente Figueiredo quer dar ao sindicato a questão habitacional, através de cooperativa. Eu, como um bom radical de São Bernardo, dizia: eu não sou agente imobiliário, eu sou dirigente sindical, eu não quero.

Como as coisas mais difíceis nós já vencemos, nós agora poderemos fazer coisas mais fáceis, que é organizar essas cooperativas habitacionais. Um belo dia eu vou chamar os dirigentes sindicais para discutir porque, também, nem a Caixa tem experiência e nem nós temos muita experiência em cooperativa, poucos sindicatos têm.

Pois bem, depois do PAC nós lançamos uma outra coisa importante, chamada PDE, Plano de Desenvolvimento da Educação, que vai ser uma revolução na educação deste País. Vocês vão perceber uma coisa, a primeira escola técnica, no Brasil, foi feita em 1909. De 1909 a 2003, foram construídas 140 escolas técnicas no Brasil, meu caro professor João Felício. De 1909 a 2003, foram construídas 140 escolas técnicas neste País. Nós, em oito anos, vamos construir 160 escolas. Tudo o que foi construído em 100 anos, a gente vai construir em oito anos.

E não é apenas isso. Vocês estão lembrados do “apagão” em 2001. O “apagão” foi um pouco por falta de investimento, mas foi um pouco por falta de compreensão do que é o Brasil, porque tinha um sistema que não era interligado. Em 2001, nós tínhamos excesso de água no Rio Grande do Sul e falta de água em São Paulo. Portanto, lá tinha capacidade de produzir mais energia, mas não tinha uma coisa elementar, que era a linha de transmissão, para trazer a energia excedente do Rio Grande do Sul para São Paulo ou levar de São Paulo.

Meu caro Paulo Frateschi, em cinco anos nós fizemos, até agora, 25% de tudo o que foi feito em 123 anos em nível de linha de transmissão, e vamos terminar interligando a Amazônia. Portanto, quando chover no Nordeste e tiver

excesso de água, e estiver faltando água em São Paulo, você traz a energia para cá. Quando tiver falta de energia lá e tiver excesso de água aqui, a gente leva energia para lá, porque descobrimos apenas o razoável. Se você tem a hidrelétrica produzindo, você precisa ter o cabinho para poder levar a energia para os lugares. Isso, combinado com o maior programa universitário já feito neste País.

Escutem o que eu disse, eu vou repetir. Vou terminar o meu mandato, em 2010, com uma extensão universitária em cada cidade-pólo e uma escola técnica em cada pólo. Este País precisa suprir a deficiência educacional, de quase 200 anos, de não investir corretamente na educação. Eu digo sempre aos meus ministros: quando se tratar de educação, não fiquem discutindo dinheiro, o que nós temos que discutir não é quanto custa gastar um dinheiro na escola agora, é quanto custou a gente não ter investido há 30 anos, é quanto custou o atraso a que nós fomos submetidos neste País. Na minha cabeça, companheiros, tem uma coisa muito clara, o dinheiro que eu não investir em educação agora, certamente o governo que vier, daqui a 30 anos, vai investir em cadeia. Então, nós temos que ter claro que a nossa geração está assumindo a responsabilidade de entregar um Estado com um projeto em que leva em conta a existência de 190 milhões de homens e mulheres que aqui precisam viver, trabalhar e ganhar a sua vida. Isso exige de nós sacrifício, mas o sacrifício é menor quando ele vem carregado do compromisso histórico que nós carregamos nas nossas veias.

Hoje, meus companheiros, eu fico imaginando a angústia de vocês. Eu sei, Grana, que é difícil, eu sei, Feijóo, que é difícil. Em tempo de vaca magra é difícil fazer sindicalismo, porque em crise a greve fica mais difícil, em crise os acordos ficam mais complicados. Quando eu pego os dados do Dieese, que dizem que 86% dos acordos salariais feitos no Brasil em 2006 foram acima da inflação, eu fico pensando: por que eu não fui dirigente sindical nesse tempo? No nosso tempo a gente brigava, brigava para não perder. Quando eu vejo que a gente está recuperando a massa salarial, quando eu vejo que a gente está recuperando o salário médio, quando eu vejo que o poder do salário mínimo está podendo comprar o dobro do que comprava quando eu entrei, eu fico feliz Feijóo, mas não estou satisfeito porque eu, como vocês, quero mais e sei que o

povo precisa de mais, e nós precisamos criar as condições para que ele tenha cada vez mais.

Eu conheço bem o que é o valor de um emprego porque eu fui dirigente sindical em dois momentos extraordinários, um momento em que a gente só precisava falar que era contestador, e um momento em que a gente ia para a porta da fábrica, como diz o Marinho, só ver diminuir o número de trabalhadores. Quem se lembra aqui, estou vendo companheiros que eram muito jovens, eu já era um senhor respeitável na porta de fábrica, a gente saía, lá, eram 5 mil na Mercedes, 8 mil na Volks, 3 mil na Brastemp, a gente ia chorar, o Vicentinho fazia greve de fome e não resolvia nada. Era um desespero.

Eu me lembro que nós fizemos uma greve, Vicentinho, na matriz, a Villares mandou um grupo de trabalhadores embora, então nós fizemos uma greve em defesa dos que tinham sido mandados embora. Depois de 10 dias de greve eu descubro o quê? Eu descubro que só estavam participando da greve os que estavam trabalhando, os que foram mandados embora estavam querendo receber a sua indenização. Eu falei: vamos parar com essa greve, gente, nós somos grevistas, mas não somos tontos.

Então, eu acho que foi entre erros e acertos que todos nós cometemos, e eu tenho orgulho de ser uma espécie de pai sindical de muitos de vocês, de ser uma espécie de pai sindical do Meneguelli, do Vicentinho, do Guiba, do Marinho, do Grana, mesmo o Artur sendo eletricitário, do Artur, mesmo do João Felício sendo bem mais velho do que eu, pelo que parece. Então, eu sinto orgulho porque eu construí no movimento sindical, uma família, eu sinto que construí uma família. Não tem um único lugar deste País em que eu não tenha cultivado amizade, respeito, carinho, porque essas coisas só são importantes quando isso é recíproco, você dá e você recebe. Se você só quer receber, você é um egoísta.

Tudo isso acontecendo em paralelo a uma política vigorosa, que é a nossa política externa. A política externa nossa foi uma decisão de governo. Nós temos que saber que a gente só vai ser grande no mundo se a gente estiver grande internamente, se a gente se juntar aos nossos parceiros da América do Sul e da América Latina, se a gente começar a visitar, para

recuperar os compromissos históricos e culturais deste País com o continente africano, para que a gente possa ganhar força para negociar com os ricos.

Como é que funcionavam as coisas até outro dia? Até outro dia, os países ricos se reuniam e não tinha esse negócio de conversar com país pobre não, não tinha esse negócio de respeitar país pobre. A gente não era chamado para nada não. O que nós fizemos? Isso eu aprendi no sindicato. Nós criamos o G-20, e o G-20 não é pouca coisa não, tem os nossos companheiros chineses, com um pouquinho de gente, tem os nossos companheiros da Índia, com um pouquinho de gente também. Esses dois pouquinhos significam 2 bilhões e 300 milhões de habitantes. Aí entra mais o Brasil, mais a África do Sul, mais o México, mais a Argentina, mais a Nigéria, mais a Argélia, e fazemos um Bloco. Eles podem ter mais dinheiro, mas não têm mais força política do que nós.

Isso eu aprendi na porta de fábrica, respeito é bom, eu gosto de dar e gosto de receber. Gosto de tratar os outros bem para ser bem tratado. Hoje eu posso dizer para vocês, não há, nenhum momento na história do Brasil em que o Brasil teve a influência na política externa como tem hoje, sem nenhuma arrogância, sem nenhuma petulância, mas com muita humildade. Nós temos conversado com todos, sem distinção, e temos conseguido construir as bases que estão me permitindo, quem sabe, ainda sonhar em ver o acordo da Rodada de Doha, para favorecer os países mais pobres do mundo.

Essas coisas são difíceis, porque cada presidente da República pensa no seu país e na sua eleição. Então, é preciso ter um conjunto de pessoas que pensem além das suas fronteiras, afinal de contas, política de solidariedade não é uma coisa pequena, e nós estamos construindo. Posso dizer para vocês que nós vivemos um momento excepcional, como vivemos, meu companheiro Grana, e vocês poderão discutir aqui... Pode escrever o que eu estou dizendo, Grana, vivemos o melhor momento econômico da história deste País. Não há momento histórico, Feijóo, em que há essa combinação de fatores. Alguém pode dizer: "No governo Juscelino a economia crescia 7%". Maravilha, mas a inflação era de 23%. No governo, em 70, a economia chegou a crescer 14%, foi o melhor momento de emprego que eu vivi na minha vida, na década de 70, entretanto, o salário mínimo decresceu.

Nós estamos criando uma coisa, e estamos criando por causa da confiança que vocês depositaram, e nos momentos difíceis vocês nos ajudaram. Eu não esqueço nunca quando os aposentados da CUT e da Força Sindical foram a Brasília defender um acordo, porque tinha demagogo querendo o triplo, e os trabalhadores foram dizer: “não, tem um acordo e nós queremos cumprir.” Esse gesto passa seriedade, e seriedade conquista espaço em qualquer lugar do mundo.

Então, agora, estamos no momento de consolidar o que nós plantamos, estamos no momento de plantar. Nós, agora, vamos pensar na questão da saúde. Já pensamos na questão da educação e na questão do desenvolvimento, que estamos começando. Agora, vamos pensar na questão da saúde. Não só melhorar a saúde, dentro dos próximos 30 dias nós vamos anunciar um programa de saúde, que certamente não vai se chamar PAC, é outra coisa, mas é um programa de saúde.

Vamos continuar, eu quero chamar a atenção dos sindicalistas aqui presentes: vocês nunca vão me ouvir pedir para vocês não me criticarem, nunca. Eu jamais abrirei a boca para pedir para o dirigente sindical que não me critique. O que eu posso pedir para vocês é o seguinte: vocês não têm que ter vergonha. Se a gente fez alguma coisa boa, não deve ficar acanhado de dizer “não, eu não vou defender porque eu sou autônomo”. Não, é defendendo nos momentos bons que você pode criticar os erros, você pode criticar os equívocos, porque, senão, a política vira uma moeda de uma cara só, e ela precisa ter duas caras.

Aquele companheiro ali, o Luiz Soares Dulci, um mineirinho, quietinho, aquele de bigode ali, que parece o Santos Dumont, esse companheiro eu duvido que, na história do País, juntando todos os ministros do Trabalho da história deste País, juntando os ministros da Previdência deste País, juntando todos, eu duvido que em 118 anos de República tenha havido um companheiro que se reuniu com tantos movimentos como este companheiro se reuniu. É com Movimento Sem Terra, é com a Contag, é com a CUT – e um falando mal do outro – é com a CUT, é com a Força Sindical, é com a UGT, com a CGT, com o “não sei o que T” é com Fetraf, que fala da Contag; e com a Contag, que fala da Fetraf; é com as ONG's, é com as mulheres, é com os negros, é com os homens, ou seja, eu nunca vi. Ele passa o dia se reunindo com as pessoas e é

por isso que nós conquistamos esse equilíbrio, um equilíbrio de respeitabilidade entre nós, um equilíbrio em que as pessoas podem até saber que a gente não está fazendo tudo, mas sabem que a gente está tentando fazer.

Os companheiros aqui, do PC do B, sabem que têm no companheiro Petta um extraordinário presidente da UNE. Podem dizer da ajuda que ele nos deu na questão do ProUni, a ajuda que ele nos deu na questão da reforma universitária. Tem sido parceiro porque é uma relação de confiança, não há uma relação oportunista, em que eu vou utilizar agora o fulano porque depois eu vou descartá-lo, não. É relação para a gente chorar e sorrir juntos, para a gente comemorar juntos e sofrer juntos, porque é isso que vai dar a beleza da gente construir um outro padrão de relacionamento entre o governo e os movimentos, e entre o Estado e a sociedade.

Aqui vocês têm muitos dirigentes sindicais estrangeiros. A maioria dos que nós consideramos países ricos, dos que nós consideramos mundo desenvolvido, a maioria dos presidentes nunca recebeu um dirigente sindical, nunca. Vejam, nos Estados Unidos, depois de eleito, qual foi o presidente que recebeu os dirigentes sindicais? Podem escolher qualquer país. Não é hábito.

Aqui no Brasil nós estamos criando uma novidade. Qual é a novidade? É que nós somos companheiros. A coisa que me dá mais orgulho – não pensem que eu sou chegado à frescura da liturgia, não – a coisa de que eu tenho mais orgulho é quando um catador de papel, dentro do Palácio do Planalto, me chama de companheiro Lula. É a coisa que me dá mais orgulho porque demonstra que a liturgia do cargo não permitiu a criação de distância entre as almas, entre as mentes e entre os corações. Essa é uma coisa que nós conseguimos fazer. Qualquer um que for a Brasília e for lá, vai entrar e não vai ter liturgia porque nós aprendemos que tem que ser assim ou nós passamos pelo governo e, quando sairmos, vamos olhar apenas alguns números, mas na relação não ficou muita coisa.

Vocês viram os momentos angustiantes que nós vivemos com o companheiro Evo Morales, da Bolívia, com o negócio do gás. Todo mundo queria que eu batesse e o Alckmin, na campanha, falava: “o Lula tem que ser duro, o Lula precisa ser duro.” Primeiro, gente, eu vou contar uma coisa para vocês, uma das coisas mais extraordinárias foi a eleição do Evo Morales, um

índio ser eleito presidente da Bolívia, que tem maioria índia. E eu apanhei muito por causa disso, entretanto, vocês nunca me viram fazer uma crítica ao Evo Morales porque eu conheço a situação de pobreza da Bolívia, conheço o sofrimento daquele povo e, se eu puder ajudar, eu vou ajudar, mas não vou atrapalhar. Eu quero é construir, porque durante muitos anos o Brasil foi visto como imperialista e nós só vamos mudar isso se mudarmos procedimentos, se a gente tiver generosidade e companheirismo.

As pessoas falam do Chávez. Nós temos uma extraordinária parceria com a Venezuela. Certamente, o Chávez não precisaria ter falado do Senado, porque quando ele tomou o golpe, o Senado foi contra o golpe. Mas, às vezes, as pessoas esquecem. Falou, e quando a gente fala, a gente paga. Paciência. Mas eu não deixo de reconhecer a relação que nós construímos nessa América do Sul. Ainda tem muita coisa para fazer.

O que eu queria, meus companheiros e companheiras, era pedir para vocês terem compreensão de que algumas coisas precisam ser feitas, algumas reformas têm que ser feitas, disse bem aqui, a questão da reforma sindical. Vocês hoje são mais favoráveis à reforma sindical do que o empresariado. O empresariado não quer reforma sindical porque a estrutura sindical, tal como está, favorece a estrutura sindical, sobretudo o lado empresarial. Então, eles não querem e não vão querer. Ou vocês se mobilizam para aprovar lá dentro do Congresso Nacional ou ela não sai. As divergências que tem entre nós, nós vamos tirando no debate. A questão da reforma universitária, é preciso fazê-la.

Esses dias, companheiros, eu fiz uma entrevista e falei da greve. Me perguntaram: “não é contradição você ser sindicalista e ser contra a greve?” Eu falei: eu não sou contra a greve, eu sou favorável à regulamentação da greve, porque eu fiz greve e quando eu decretava greve, eu sabia que tinha que pagar um preço. Agora, nego quer fazer greve por 90 dias e receber os 90 dias, isso não é greve, isso são férias, bonificação, qualquer coisa. O que eu quero apenas é regulamentar. Tem o direito de greve, mas tem a responsabilidade porque, senão, fica muito fácil. E ela tem que vir acompanhada do direito do contrato coletivo do servidor público brasileiro, que precisa ser tratado de forma digna e respeitosa.

Agora, também é preciso levar em conta que os dirigentes sindicais têm que evoluir para a compreensão do contrato coletivo de trabalho. Não é todo

sindicalista que compreende ainda. E eu lembro que nós fizemos o debate ainda no Instituto Cidadania, nós fizemos um projeto no Instituto, muito antes de eu ser presidente, para a gente começar a colocar em prática nas prefeituras que a gente ganhava, e não conseguimos colocar em nenhuma, porque contrato coletivo de trabalho, os dirigentes sindicais que fazem sabem que exige mais responsabilidade, você tem que colocar o teu papel ali, que vale por dois, três, anos, quatro anos. Então, exige que você se prepare mais, que você se organize mais, para você poder consolidar as suas propostas por alguns anos.

Eu lembro, Marinho, que uma vez teve uma dispensa na Volkswagen, e você foi para a Alemanha. E eu lembro, porque as pessoas não te contavam, mas me contavam: “o Marinho foi lá vender a gente, porque o Marinho vai voltar e a gente não vai aceitar. Quando vier aqui trazer a proposta vamos quebrar, vamos estourar.” E alguns companheiros do sindicato falavam para mim: “Lula, estamos com medo do Marinho na porta da Volkswagen.” Peão é tão inteligente que o Marinho começou a ser carregado no colo na hora em que chegou no pátio. E quando colocou em votação teve unanimidade. Porque, de vez em quando, tem alguns companheiros que pensam que o peão é burro, que o peão não pensa, que o trabalhador não tem imaginação, e acha que ele pode decidir porque formulou um conceito, porque formulou uma idéia, ele acha que pode decidir, ele não quer nem que se pergunte para as pessoas.

Então, eu acho, eu aprendi na minha vida, que burro é quem pensa que trabalhador não entende as coisas. “Ah, aquele cara lá, aquele é um ajudante de fábrica.” Eu lembro de um, na Mannesman, eu lembro, da Mangels. Isso, Feijóo, eu estou falando de 1978. Eu lembro que tinha um companheiro de esquerda, aguerrido, grande companheiro, o nome dele era Olavo, um japonês porreta, bom companheiro da convergência, e ele era engenheiro. Mas ele, dentro da fábrica, como achava que proletariado não tinha que ter curso de engenharia, ele então trabalhava de ajudante, catando pedaço de ferro no chão e ele achava que isso era um gesto revolucionário. Quando é um sábado, de manhã, eu recebo 12 trabalhadores da Mangels que falam assim para mim: “Oh, Taturana – naquele tempo tinha alguns que me chamavam de Taturana – nós precisamos conversar com você, tem um problema na Mangels sério.” Eu falei: o que foi, companheiros? “Lula, tem um cara lá que a gente acha que é

da polícia, porque ele é um japonês, fala bonito, tem umas palavras que a gente não entende, então, ele não é peão como nós, ele é um infiltrado dentro da fábrica.” Não deu outra, por coisa de Deus, esse Olavo ia passando em frente da minha sala na Presidência. Eu chamei o Olavo e falei: Olavo, você pensa que é revolucionário? Você pensa que está com a bola toda? Você sabe o que essa peãozada pensa de você? Pensa que você é da Polícia Federal, pensa que você está infiltrado, que é do DOPS. Rapaz, não é muito melhor você assumir o cargo de engenheiro na fábrica e tratar de conquistar um aumentozinho para essa peãozada, não é muito melhor?

Eu estou dizendo isso, Marinho, porque vocês evoluíram muito. Eu, quando vejo hoje, na porta de fábrica... a gente se matava para chegar, Marco Aurélio, a gente para entregar um jornalzinho, colocava dentro da barriga. Quem está lembrado aqui? Aqui tem companheiro que fazia, colocava dentro da barriga, às vezes colocava por dentro da meia, não é isso? Para entrar com o jornalzinho. Hoje você chega na fábrica e está o jornalzinho correndo na linha de montagem, cada peão pegando o seu e, se vacilar, o chefe ainda vai entregar para o peão ler. Sabe o que isso significa? Significa conquista, que para quem está hoje parece que não tem valor, mas para os mais velhos foi uma conquista extraordinária. É por isso que a democracia, para mim, tem um valor incomensurável, porque na hora em que a gente conquista direitos... eu me lembro que a gente não conseguia entrar, Miguel Jorge, você que foi da Autolatina, hoje, em Betim, a empresa ainda não deixa os trabalhadores encostar o carro. Lá em São Bernardo a gente quebrava cadeado colocado pelo coronel Rudi. Quem está lembrado quantos cadeados a gente quebrou na Mercedes Benz? Quantos a gente quebrou na Ford, na Volkswagen? Na Volkswagen eles se davam ao luxo de colocar uma corrente dessa grossura com cadeado. A gente virava um caminhãozinho de marcha à ré, metia o caminhão em cima e quebrava, e fazia assembleia lá. E foi assim que nós conquistamos para que vocês hoje tenham uma vida mais tranquila, que não precisem de 10 assembleias para fazer uma greve, é só reunir a comissão de fábrica e decidir fazer a greve. Isso significa conquista.

Meu caro Marcelo, eu quero te dizer uma coisa: olhe, eu acho que nós ainda não conquistamos tudo que merecemos, mas eu acho que essa peãozada metalúrgica do Brasil, essa peãozada conquistou muita coisa aqui.

E, sobretudo, vocês conquistaram uma coisa que a gente não mede em moeda, vocês conquistaram uma coisa que a gente não mede em poder de compra, vocês conquistaram uma coisa que a gente não consegue nem ver a cor: vocês conquistaram uma coisa chamada dignidade, respeito, decência. E essa é uma conquista extraordinária da sociedade. Vocês conquistaram liberdade. A palavra liberdade, não se tem como mensurá-la, do ponto de vista da quantidade de valor, ela é uma coisa que é um pouco da alma da gente, é um pouco dos passos da gente.

Por isso, companheiro Grana, eu quero ter dar os parabéns. Eu não tenho dúvida nenhuma de que daqui sairão decisões importantes, eu espero que saiam orientações para que o governo possa transformar em projetos de lei. E quero dizer para vocês, companheiros, aproveitem, porque embora eu seja presidente de todos, vocês sabem que eu tenho um lado e não esqueço o lado que eu sou e o lado em que eu estou, e não esqueço para onde vou voltar, quando deixar de ser presidente da República, certamente é para ouvir os gritos do Feijóo na porta das empresas.

Muito obrigado, gente, parabéns e que Deus abençoe todos nós.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Turismo 2007-2010**

Brasília-DF, 13 de junho de 2007

Meu querido companheiro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Senhores embaixadores acreditados junto ao governo brasileiro,

Minha querida companheira Marta Suplicy, ministra do Turismo,

Meu companheiro Waldir Pires, ministro da Defesa; Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Walfrido dos Mares Guia, da Secretaria de Relações Institucionais,

Minha querida governadora do Pará, Ana Júlia Carepa,

Meu caro governador da Bahia, companheiro Jaques Wagner,

Meu caro companheiro governador do estado de Goiás, Alcides Rodrigues Filho,

Meu querido companheiro Cid Gomes, governador do estado do Ceará,

Meu querido companheiro Binho Marques, do Acre,

Nossa senadora Lúcia Vânia, presidente da Comissão de Desenvolvimento Regional e Turismo do Senado Federal,

Senhores senadores,

Minha querida Lídice da Mata, presidente da Comissão de Turismo e Desportos da Câmara dos Deputados,

Senhores deputados federais,

Meu caro Guilherme Paulus, representante do Conselho Nacional de Turismo,

Meu caro Domingos Leonelli, vice-presidente do Fórum Nacional de Secretários de Turismo,

Senhoras e senhores membros do Conselho Nacional de Turismo,

Meus amigos, minhas amigas, prefeitos de várias cidades que estão aqui, meus amigos da imprensa, companheiros,

Em 1905, quando tinha 18 anos de idade, o compositor Heitor Villa-Lobos vendeu a biblioteca de livros raros que o pai dele – o professor Raul Villa-Lobos – lhe deixara como herança e utilizou o dinheiro para viajar pelo Brasil. Nascido no Rio de Janeiro, Villa-Lobos percorreu, inicialmente, os estados do Espírito Santo, Bahia e Pernambuco. Entusiasmado, aventurou-se por Minas, avançou até Goiás, entrou no Mato Grosso, e encheu-se de coragem para desafiar o então impenetrável Amazonas.

Desse mergulho no coração do País, Villa-Lobos trouxe a inspiração para formar uma personalidade musical rica em motivações sertanejas e afrobrasileiras, que ganharia o mundo como uma das obras eruditas de maior colorido popular. Orgulhoso do seu feito, dizia-se um autodidata cujo principal livro fora o mapa do Brasil.

Hoje, felizmente, é possível conhecer o País, assimilar a diversidade cultural de que somos feitos, e conhecer aquilo que nos diferencia e nos une, sem correr riscos nem sacrificar o patrimônio familiar. Portanto, Jaques Wagner, você não terá que vender sua biblioteca, você faz um crédito consignado e pode fazer uma viagem, porque você já está próximo da terceira idade. E aí você pode viajar tranquilo.

O turismo, uma das atividades mais dinâmicas da economia nacional e internacional, se oferece como essa gigantesca janela aberta para a identidade brasileira. Hoje, o turismo é o quinto principal produto da pauta de exportações do Brasil, disputando a quarta posição com a exportação de automóveis. Atenção indústria automobilística brasileira: prepare-se porque o turismo vem aí, ou seja, o turismo parece esse corredor inglês, se não tomar cuidado ele passa os tradicionais pilotos.

Os resultados até agora nos permitem vislumbrar um futuro ainda mais promissor. No ano passado, as 80 principais empresas do setor registraram um faturamento, que você não falou, Guilherme, porque você não quis falar do seu faturamento, o setor registrou um faturamento de 29 bilhões e 600 milhões de reais, um crescimento de 29% em relação a 2005. E o mais importante, o emprego no turismo cresceu 21%.

Além de contribuir para tornar o Brasil mais conhecido ao olhar estrangeiro, e do próprio brasileiro, o turismo aciona uma gigantesca engrenagem de oportunidades de trabalho e renda em diferentes pontos do

nosso território. Em 2006, tivemos um ingresso recorde de visitantes, que gastaram 4 bilhões e 300 milhões de dólares em nosso País. Um salto de quase 12% sobre a receita de 2005, e nada menos que 116% acima do valor apurado em 2002.

Esse desempenho excepcional também se refletiu no movimento das companhias aéreas que operam no Brasil. Mais de 46 milhões e 300 mil pessoas viajaram em vôos regulares e fretados cruzando os céus do País.

Avançamos muito, mas sabemos que precisamos fazer muito mais. Mas também, um país com a enorme riqueza natural e cultural que tem o Brasil merece ser ainda mais visitado. E, sobretudo, o povo brasileiro merece conhecer melhor e mais de perto o país em que nasceu.

Esse é o sentido profundo deste Segundo Plano Nacional do Turismo para 2007 a 2010. Trata-se de construir cada vez mais um lazer que seja também uma visão compartilhada da nossa terra, da nossa gente, da nossa imensa vitalidade econômica, cultural, étnica e ambiental.

Este Plano aponta os rumos que queremos para o setor, e resume todo o esforço empenhado pelo governo, setor privado e sociedade civil para estruturar cada vez mais o turismo no Brasil. Não se trata de promessas de papel. A evolução do setor não deixa dúvidas de que ele se tornou prioridade do governo. Desde a criação do Ministério do Turismo, as senhoras e os senhores são testemunhas do nosso salto de qualidade.

As perspectivas para 2007 são muito boas. Os números do primeiro quadrimestre demonstram que alcançamos quatro novas marcas históricas. Foi só você sair, Walfrido, as coisas começaram a melhorar. Vejam, quais foram as novas marcas históricas? Desembarques domésticos em vôos regulares; desembarques domésticos totais; gastos de turistas estrangeiros no País e a corrente cambial turística, que representa a soma do que os estrangeiros gastam no Brasil com o que os brasileiros gastam no exterior. Portanto, além de mais competitivos, estamos inseridos no mercado mundial do turismo.

Meus amigos e minhas amigas,

Não podemos nos acomodar sobre os bons resultados já alcançados. O vigor do turismo aumenta nossa responsabilidade de expandir a infra-estrutura brasileira para dar maior sustentação a esse crescimento nos próximos anos.

O PAC prevê investimentos de 504 bilhões de reais até 2010, sendo 6 bilhões de reais destinados exclusivamente a ampliar e modernizar os 20 maiores aeroportos do País, além de quatro terminais de carga. Com esse aporte de recursos poderemos receber mais 40 milhões de turistas locais e estrangeiros, sem falar nos investimentos em novas estradas e, porque não, em saneamento e habitação, uma vez que todo investimento que melhora a vida do povo nas cidades, incrementa também o turismo.

Meu desejo, nos próximos anos, é multiplicar as oportunidades para que milhões de brasileiros possam, a exemplo de Villa-Lobos, ampliar seu olhar para dentro do Brasil. Isso não significa descuidar da nossa divulgação no exterior, mas sim de colocar o turismo na cesta de consumo da família brasileira e, com isso, fortalecer também o turismo interno.

Esse é o objetivo, por exemplo, da inclusão de aposentados e pensionistas na cadeia do turismo interno, com acesso a roteiros e pacotes financiados a juros baixos, vou repetir, a juros baixos, através do crédito consignado. Vocês entenderam bem? Juros baixos.

Homens e mulheres que trabalharam toda a vida pelo Brasil terão assim o direito de desfrutar um pouco mais do País que eles próprios ajudaram a construir. A alegria de conhecer ao vivo os cartões postais que povoaram seu imaginário na infância e na juventude contribuirá também para elevar as taxas de ocupação da rede hoteleira nacional, além de garantir maior estabilidade aos trabalhadores do setor de serviços, mesmo fora da alta temporada.

Quando era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, não foram poucas as vezes que eu ouvi de companheiros e companheiras dizerem que queriam juntar dinheiro para conhecer o Brasil depois que se aposentassem. Mas como não sobrava dinheiro, nem existia uma política para facilitar a realização do sonho, muitos brasileiros nunca puderam conhecer o nosso querido País.

Vivemos um novo tempo. O crédito consignado para o turista aposentado, que pode beneficiar, como disse a Marta, 16 milhões de brasileiros e brasileiras, é apenas uma das fronteiras de expansão do turismo interno nos próximos anos.

Minhas amigas e meus amigos.

O século XXI será marcado pelo desenvolvimento sustentável e pela preservação do meio ambiente. O interesse pela natureza fará do Brasil um destino por excelência. Poucos países do mundo têm o que temos em qualidade e abundância: belezas naturais, praias, rios, montanhas, lagos e muitas florestas. Com o turismo ambiental e com a inovadora política de biocombustíveis, podemos dar ao mundo um forte exemplo de desenvolvimento e respeito ao meio ambiente.

Gostaria de dar aqui os meus parabéns à companheira Marta Suplicy pelo trabalho que está realizando à frente do Ministério. Ela não somente deu continuidade ao empenho vitorioso do ministro Walfrido dos Mares Guia, responsável pelo Primeiro Plano Nacional para o setor, como já conseguiu avançar, colocando novas agendas para o turismo em nosso País.

Meus companheiros e companheiras, se não tiver o meu improvizozinho não valeu a pena eu vir nesta tribuna aqui. Eu quero dizer uma coisa para vocês. Possivelmente algumas pessoas ainda não queiram ter compreensão de que tudo começou quando Deus resolveu planejar o mundo. Quando ele resolveu planejar o mundo, na sua grandeza pensou o Brasil, e pensou o Brasil com os seus rios, com as suas praias, com as suas florestas e também pensou em fazer no Brasil um povo diferente: a gente não tinha que ser todo branco, a gente não tinha que ser todo negro, a gente não tinha que ser todo índio, a gente tinha que ser um pouco da mistura do que é a humanidade hoje.

Então, nós somos um pouco brasileiros/espanhóis, brasileiros/italianos, brasileiros/japoneses, brasileiros/africanos, brasileiros/alemães, brasileiros/americanos, brasileiros/franceses. Hoje, a nossa miscigenação permitiu que criássemos um tipo de gente diferente. Obviamente que não somos melhores do que ninguém e nem queremos ser melhores do que ninguém, mas eu acho que está para nascer ainda um lugar que tenha um povo mais receptivo e mais alegre do que o povo brasileiro.

Esse negócio que as pessoas falam que têm que aprender a falar inglês, aprender francês, aprender espanhol, é muito bonito, mas é fantástico como as pessoas mais humildes deste País conversam em qualquer língua por mímica. Eu duvido que um turista chegue em qualquer lugar do Brasil e deixe de ter uma informação porque o cidadão a quem ele perguntou não sabe falar inglês ou francês. Vai ser sinal, todo mundo é um pouco artista de teatro, todo mundo

vai conseguir explicar e isso faz com que a gente seja um povo diferente e muito diferente. Olha que eu posso dizer isso porque viajo muito o mundo e posso dizer que somos um povo muito especial.

Além disso, eu quero dizer para vocês, Marta, que quando vocês pensaram, já tinha feito aquele plano de turismo para os trabalhadores, e agora vocês pensam nos aposentados, eu quero dizer para vocês uma coisa sagrada, eu sempre fui – depois que me formei torneiro mecânico, entrei na Villares, e depois fui para o sindicato – eu sempre fui um operário bem-remunerado, eu sempre fui acima da média do que ganhava a minha categoria, entretanto, eu nunca consegui fazer uma viagem de turismo com a minha família, porque nunca sobrou dinheiro para eu pegar a família, pagar uma passagem de avião e viajar. Até 1975, viajar de avião era uma coisa tão de luxo que a gente só podia ver avião no domingo quando ia ao aeroporto olhar os bichões pousar e subir. A primeira vez que eu entrei num avião foi porque o Sindicato de São Bernardo, eu já era presidente, me mandou para Brasília para um congresso de Previdência Social. Eu tinha medo, enchi os bolsos de lenços, apertei o cinto de segurança, quase cortando a barriga no meio. Naquele tempo tinha tacinha de champanhe, era chique viajar naquele tempo, nada de plástico, tinha licor de sobremesa. Tudo que a aeromoça ofereceu eu não quis com medo de vomitar. Eu estou falando de um cidadão brasileiro que já naquela época representava a média da classe operária brasileira e da classe operária bem-remunerada e, no entanto, não tinha o direito de viajar.

Hoje, nós percebemos que o mundo mudou e percebemos que as pessoas estão tendo muito mais possibilidades de viajar, porque as pessoas evoluíram culturalmente, as pessoas estão tendo mais facilidades, as empresas de turismo facilitam em prestações suaves, nem tão suaves. Agora vai ser suave. Bem, e eu penso que nós temos uma coisa, Marta, extraordinária, que é provocar os brasileiros a conhecerem o Brasil, a boa provocação para os brasileiros conhecerem o Brasil. Tem companheiros de classe média no Brasil, e eu conheço muitos, que não ganham muito, mas fazem um sacrifício o ano inteiro, às vezes fazem um sacrifício por dois anos, não compram uma roupa, não vão num restaurante para guardar um dinheirinho para, no final do ano, pegar a família, colocar num avião e passar 30 dias na Europa ou passar 20 dias nos Estados Unidos. E nós temos um

mundo extraordinário próximo de nós e que nós temos dificuldade de conhecer. Quer dizer, aí nós tivemos uma reunião com a indústria aérea brasileira, com as empresas de avião no Brasil. O Waldir Pires deve ter feito a reunião esses dias do Conac, porque nós precisamos encontrar um jeito de favorecer os vôos regionais, nós não precisamos ter avião só de 300 lugares, precisamos ter avião de 50 lugares para transportar gente das cidades médias para as capitais, precisamos facilitar, criar as condições.

E aí, Marta, eu quero ser sincero: nós precisamos ocupar melhor o espaço aéreo junto com os nossos irmãos da América do Sul, para que a gente possa transitar entre os nossos países. Nós estamos tão próximos e tão distantes ao mesmo tempo. Por quê? Porque muitas vezes, Marta, o governo é levado a pensar, e os empresários são levados a pensar: antes de fazer qualquer coisa, a gente faz um estudo de viabilidade econômica. Se não deu lucro no primeiro dia, eu não faço. Quando, na verdade, a nossa cabeça precisa funcionar a médio e longo prazo. Eu posso não ter lucro no primeiro ano, mas eu posso começar a ter lucro no segundo ano, e no quarto ano eu já recuperei os prejuízos que eu, teoricamente, tive no primeiro ano. E aí não tem jeito, Marta.

Eu vou dizer uma coisa aqui, eu estou assumindo um contrato de risco. Não tem jeito, o governo tem que ajudar a iniciação de muitas coisas que vão ter que acontecer no Brasil. Nós temos que facilitar para depois a gente começar a recuperar, porque senão prevalece a idéia de que não podemos fazer isso porque vamos perder dinheiro. Mas como a gente vai perder? A gente não tem aquele dinheiro, então, a gente não perde o que a gente não tem, a gente apenas vai deixar de ganhar. Mas a gente não ganha com imposto, a gente ganha com emprego, a gente ganha com a renda, a gente ganha com a circulação das pessoas. E essa, Marta, é uma revolução que tem que ter na cabeça de todos nós. Uma revolução. Não é uma coisa que a gente fala no microfone e acontece. É preciso começar a construir essa nova mentalidade que nós queremos para o Brasil. E nós estamos num momento, gente, em que nós temos condições de pensar coisas novas.

Desde que eu era adolescente, desde que eu comecei a minha vida política, aos 20 anos, esse Brasil passou 30 anos discutindo inflação, depois passou 30 anos discutindo juros – é que eu estou vendo muitos políticos aqui –

a base das nossas campanhas era falar de inflação e de juros, e teve um tempo que era falar do FMI. Agora nós não temos mais nada disso, a inflação está controladinha, quietinha no seu lugar. Tem gente até com saudade porque ganhava dinheiro com a inflação – menos o pobre – e ganhava muito. Aliás, o governo federal, os governos estaduais e os prefeitos adoravam que tivesse um pouco de inflação porque ganhavam dinheiro. Agora acabou, quem quiser ganhar dinheiro vai ter que trabalhar.

Depois, os juros estão caindo, nós não temos mais que falar do FMI porque não devemos mais nada, não devemos mais ao Clube de Paris. Não há, portanto, nenhum momento mais extraordinário para a gente planejar o futuro, com um presente sólido, do que agora. Agora, quando eu discuto política econômica, e eu discuto muito política econômica, é a primeira vez na história deste País que o governo senta para discutir política econômica sem estar discutindo crise. Sabe aquele negócio de você tratar do paciente sem ele estar doente? Antigamente não, entrava em coma a toda hora, na UTI. Agora não, agora o paciente está na rua, tranqüilo, correndo uma hora por dia, ainda faz alongamento, faz um monte de coisas. Agora a gente pode discutir as coisas sem sobressaltos.

Quem de nós, aqui, imaginava que o Brasil iria chegar, no mês de junho de 2007, com mais de 140 bilhões de dólares de reservas? Vamos ser francos, quem imaginava? Quem imaginava que a gente fosse ter a quantidade de meses consecutivos de crescimento da economia, de redução dos juros e de aumento do emprego? Tudo isso está acontecendo porque nós construímos isso juntos.

Eu acho, Marta, que a questão do turismo não é só dinheiro, não é só aeroporto, não é só porto, não é só estrada, é um estado de espírito. O turismo é, sobretudo, um estado de espírito. Agora, companheira Marta, companheiros empresários e companheiros governadores, eu vou dizer uma coisa que já falei outras vezes e vou repetir aqui. Qual é o estado de espírito que um cidadão comum deste País tem para se levantar do sofá numa sexta-feira, comprar uma passagem e viajar para um estado? O que a gente vê de bonito na imprensa brasileira? Quais são as mensagens que nos provocam a viajar no final de semana? Não tem. Se fala de Pernambuco, é morte; se fala do Ceará, é morte; se fala da Bahia, é morte. Aí a pessoa diz: “espera aí, eu não vou sair daqui

não, eu vou ficar dentro de casa” e ainda olha, vê se não tem uma fresta, para não vir uma bala perdida. Ora, essa é uma parte da história do País, mas há uma outra parte que nos motiva a viajar e nós não temos essa provocação.

Os estados brasileiros, meu caro Alcides, meu caro Cid, meu caro Jaques Wagner, meus companheiros governadores, meu caro Binho, se você quiser que o Acre seja conhecido você tem que colocar a propaganda do Acre em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais. Não basta ficar falando bem do Acre dentro do Acre, os acreanos já sabem. Agora, se fizer isso vão dizer: “está gastando dinheiro”. Já vão ao Ministério Público abrir um processo, já vai um deputado da oposição criticar, já vai fazer um monte de coisa, porque neste País ainda há um tipo de gente que precisa ter muita desgraça para ele poder existir.

Eu lembro quando nós fizemos a feira em Dubai, o Furlan gastou 500 mil dólares para fazer uma feira. O que diziam? “Está gastando 500 mil dólares, está jogando fora 500 mil dólares.” Só no primeiro dia ganhamos 56 milhões com a nossa feirinha. Mas isso não apareceu.

Então, companheiros, como o turismo é um estado de espírito, vocês têm que assumir, cada governador precisa mapear onde é que está o seu potencial visitante, e é aquele potencial, Ana Júlia, que tem que colocar na televisão. Não é fazer propaganda de Belém em Santarém, não, é fazer propaganda de Belém em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, em outros estados que têm maior poder.

Bem, nós temos um outro problema. Quando as pessoas chegam nos nossos aeroportos, o que acontece? Nós não temos ninguém para recebê-los. Eu sempre fiz questão de elogiar a Bahia. Mantenham, pelo amor de Deus. A Bahia era um estado em que a gente chegava e tinha umas afrodescendentes bonitas, simpáticas, vestidas de baiana, com uma fitinha do Bonfim para colocar na gente. A fitinha do Bonfim está difícil de cair, viu Wagner, porque agora é sintética, precisa fazer de algodão a fitinha, senão o desejo da gente demora muito para acontecer, rapaz, precisa facilitar esse desejo.

Mas a Bahia era o único estado brasileiro em que a gente chegava e tinha lá gente para nos receber, para agradar, para falar: “bom dia, seja bem-vindo ao meu estado.” Porque nós queremos ser bem tratados, nós queremos ser tratados com carinho. Mesmo que desça aquele executivo carrancudo de

manhã, porque perdeu um negócio e não responde ao bom dia, não tem problema, no outro dia ele fala, no outro dia as coisas vão acontecer com ele e ele vai voltar sorridente.

Então, os governadores precisam tratar de fazer essas coisas, porque isso aumenta a auto-estima das pessoas. Agora, se as pessoas ficam sabendo, eu vou para o Rio de Janeiro: “cuidado no Rio de Janeiro que os taxistas dão voltas a mais com você e você pode ser assaltado na Linha Vermelha.” Aí o cara fala: “bom, eu vou sentar e vou ver um enlatado na televisão a cabo, aqui.” E eu pensava que o enlatado, Marta, era porque o Brasil era um país pobre e que os enlatados vinham para cá em péssima qualidade. Não, os enlatados são universais, ou seja, você chega na Alemanha, em qualquer lugar do mundo em que você chega, os enlatados são os mesmos, os desenhos são os mesmos. Dá a impressão que você está em casa, porque os filmes repetem 80 vezes. Tem hora que você já fala bom dia para a artista, boa noite, porque eu nunca vi coisa tão cara, a gente paga tão caro e não tem nada de novo. É impressionante a mesmice dessas TVs a cabo. Então, o cidadão, ao invés de viajar, ele fica em casa vendo televisão, brigando com a mulher. A mulher vai fazer a limpeza no pé dele e ele já dá um coice. Aí chega o genro, já toma a cerveja gelada dele que está na geladeira. A carne estava para dois, já vem quatro para comer, porque quando vem o genro, vem a filha e vem o filho junto.

Então, nós precisamos, como diz o bom companheiro, bulir, nós precisamos bulir com o estado de espírito do povo brasileiro. É por isso que no PAC nós colocamos 40 bilhões de reais para saneamento básico, porque não pense, viu Ana Júlia, que tem turismo em favela, não. Palafita, turista não gosta disso. Turista gosta de monumentos históricos, turista gosta de museus, de restaurantes bons. Então, essas coisas nós precisamos criar. Quando tiver o turismo ideológico, aí nós fazemos um pouco das desgraceiras que eles gostam de ver, mas o turismo social...

Eu quero pedir desculpas para vocês por ter falado tudo isso, mas é que eu acho que é assim mesmo, não tem outro jeito. Sair de casa é efetivamente um estado de espírito, você tem que estar convencido, você tem que levantar, tudo dentro de casa tem que estar com energia positiva, tem que estar com humor, a mulher tem que acordar: “amorzinho, vamos, amorzinho”, porque se ela começar xingando, o marido já não vai, já bota o cuecão, fica deitado ali

mesmo e não sai. Então, nós poderemos mudar este País se a gente mudar o nosso estado de espírito. O resto é o resto.

Muito obrigado.

Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita de Estado da Presidente da República da Letônia, Vaira Vike-Freiberga

Palácio do Planalto, 13 de junho de 2007

Excelentíssima senhora Vaira Vike-Freiberga, presidente da República da Letônia,

Senhoras e senhores integrantes das delegações da Letônia e do Brasil,

Jornalistas aqui presentes,

Meus amigos e minhas amigas,

O Brasil recebe, com grande satisfação, a primeira visita de um Chefe de Estado da Letônia. Sinto-me honrado de dar as boas-vindas à presidente da República dessa nação amiga, senhora Vaira Vike-Freiberga.

A visita de Vossa Excelência coincide com as comemorações dos 15 anos do restabelecimento de nossas relações diplomáticas. Desde 1992, temos trabalhado na construção de uma sólida parceria, lastreada nos valores que a Letônia e o Brasil compartilham.

A defesa da paz e da segurança internacionais, o fortalecimento do multilateralismo, e a promoção do desenvolvimento com justiça social são aspirações que aproximam nossos povos e reforçam nossa ação conjunta.

A melhor demonstração de nosso compromisso em trabalhar junto está no apoio da Letônia à candidatura brasileira a assento permanente em um Conselho de Segurança das Nações Unidas reformado. Desejo reiterar meus agradecimentos à presidente Vike-Freiberga por esse gesto de confiança. A decisão da Letônia de co-patrocinar o projeto de resolução do G-4 reflete o nosso empenho comum em tornar o Conselho mais democrático, representativo e legítimo.

Nas conversas que tivemos esta manhã, a presidente Vike-Freiberga e eu, também, reafirmamos nosso compromisso em cooperar em favor de uma conclusão exitosa da Rodada de Doha. A comunidade internacional tem a responsabilidade histórica de alcançar um resultado ambicioso e equilibrado,

que traga benefícios concretos, sobretudo para os países mais pobres.

Hoje, nossos países olham para o futuro com confiança. Acompanhamos as importantes transformações por que tem passado a República da Letônia, especialmente desde que a presidente Vaira Vike-Freiberga assumiu o governo, em 1999. O notável desenvolvimento econômico do país se traduz em uma taxa de crescimento de 12%, nível mais elevado entre os países da União Européia.

Também a economia brasileira está reencontrando o caminho do desenvolvimento sustentável, com geração de empregos e distribuição de renda.

No encontro que mantivemos, a Presidente e eu discutimos como aproveitar as oportunidades que se abrem para ampliar e diversificar a nossa pauta comercial.

O potencial de nossas trocas é ilustrado pela ampla gama de possibilidades para cooperação: energias renováveis, tecnologia da informação, processamento de alimentos, farmacêuticos, construção civil, metalurgia, turismo, serviços de consultoria, moda e design.

Estou certo de que nossos empresários vão identificar iniciativas concretas para intensificar o relacionamento entre a Letônia e o Brasil.

Sei, também, que Vossa Excelência participou do Fórum Brasil-Letônia organizado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, no dia 11 de junho, e que acompanhou visita da missão empresarial à unidade de produção de etanol em Piracicaba, no estado de São Paulo.

Confio em que esses contatos terão contribuído para ampliar sua visão sobre o potencial do Brasil em áreas inovadoras e para identificar oportunidades de ampliação de nossas relações comerciais. No campo dos biocombustíveis, em particular, convido a Letônia a engajar-se nessa verdadeira revolução energética.

Em nosso encontro privado, a presidente Vike-Freiberga e eu, também, consideramos desejável reforçar as bases institucionais de nosso relacionamento.

Por essa razão, estão já em negociação acordos em matéria jurídica e cultural, bem como no campo do turismo e de consultas políticas bilaterais.

Senhora Presidente,

A presença já centenária de uma expressiva comunidade de origem letã no Brasil, a maior da América Latina, representa forte elo de ligação entre nossos países e povos.

Os letões fundaram a cidade paulista de Nova Odessa e ajudaram a construir este País. Tornaram-se brasileiros, mas preservaram os laços com suas origens, enriquecendo nossa cultura e contribuindo para a diversidade que caracteriza o Brasil.

Essa é uma vocação para a qual Vossa Excelência contribuiu pessoalmente quando aqui esteve, em 1979, para divulgar entre nós a cultura e língua letãs. Ao reiterar a honra com que recebo a sua visita, peço-lhe levar na lembrança a hospitalidade de Nova Odessa, não somente como um reencontro com seus conterrâneos aqui, mas também como reflexo do caráter acolhedor do Brasil e do potencial de nossa amizade.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em ato de apoio à campanha “Vote no Cristo. Ele é uma Maravilha”

Rio de Janeiro, 14 de junho de 2007

Olhe, nós vamos economizar um pouco de palavras aqui, porque nós não estamos em época de campanha eleitoral, portanto, não estamos subordinados a nenhum critério da Justiça Eleitoral, hoje nós podemos fazer campanha de forma pública defendendo uma unanimidade. Não tem partido, não tem uma posição ideológica bem-definida, nunca pediu para ser deputado, nem vereador, nem prefeito, nem presidente da República, certamente não tem preferência futebolística, torce por todos. E é por essa unanimidade que nós agora estamos aqui fazendo um apelo.

Ontem eu fiz o lançamento do Programa Nacional de Turismo com a Marta, e eu dizia que tem coisas que acontecem na vida da gente que não dependem da gente, acontecem. Tem coisas que acontecem num país que não dependem apenas da força do país, dependem da conjuntura internacional. Tem coisas que acontecem, aqui, no estado do Rio de Janeiro, que não dependem da boa vontade do governador. Agora, tem coisas que dependem só de nós. Ou seja, falar bem do Brasil, depende só de nós, reconhecer as coisas boas do Brasil e reconhecer também as coisas ruins do Brasil, depende só de nós. Ou seja, para eleger o Cristo como uma das Maravilhas do mundo, nós não dependemos de ninguém, a não ser dos 190 milhões de brasileiros, do voto de cada fotógrafo, do voto de cada câmera, do voto de cada jornalista. E o jornalista pode votar e ajudar como cabo eleitoral, escrevendo embaixo do seu artigo o torpedo “Cristo 49216”, é de graça, não paga nada. Ou pode, ainda, escrever no artigo lá, a mensagem: www.votecristo.com.br, pronto. Votou no Cristo, ganhou uma das Maravilhas, pela primeira vez do nosso País.

Eu queria dizer às autoridades aqui presentes e a vocês da imprensa, que quem viaja muito o mundo às vezes volta decepcionado com a imagem que se cria do Brasil lá fora. Aliás, eu acho que o Brasil é o único país tão *sui generis* que, talvez, seja o único em que os brasileiros viajam para fora e falam mal do Brasil. Você não vê um suíço falar mal da Suíça, você não vê um

italiano falar mal da Itália, mas os brasileiros adoram falar.

Então, eu dizia ontem, ora, nós é que temos que cuidar da nossa imagem, nós é que temos que cuidar daquilo que nós queremos preservar e nós precisamos cuidar da imagem que nós queremos ter aqui e lá fora. Se nós tivemos o privilégio, por obra e luta de 20 mil mulheres – sempre as mulheres – que conseguiram fazer este monumento extraordinário, numa paisagem que eu duvido que tenha em algum lugar do mundo. Eu duvido que tenha um lugar no mundo em que você consiga, ao mesmo tempo, virando o seu corpo por tantos graus quanto você queira, ver um conjunto de beleza construído harmonicamente por Deus. E o que nós temos que fazer agora é apenas retribuir. Se Deus nos deu isto aqui, eu penso que quando as mulheres trabalharam para que o Cristo viesse ficar neste lugar, certamente essas pessoas colocaram o Cristo aqui para tomar conta da beleza que Deus criou quando fez a cidade do Rio de Janeiro, Cabral. Certamente ele está aí para tomar conta. Obviamente nem todo mundo é cristão, nós temos gente que acredita, que não acredita, e o homem foi, às vezes, deteriorando e deformando a beleza que Deus construiu.

Eu quero, então, agradecer ao Ibama pelo trabalho que vem fazendo aqui, há pouco tempo, quando se acabou com quadrilhas de pessoas que exploravam aqui e exploravam mal. Não adianta a gente ter florestas, reservas e monumentos se a gente não cuidar deles, isso é um patrimônio da humanidade, portanto, a gente tem que cuidar deles.

Eu queria, então, meus companheiros, aproveitando as câmeras de televisão que estão aqui, dizer para vocês o seguinte: nós tivemos eleições há pouco tempo. Eu tive mais de 50 milhões de votos, o Sérgio teve mais de 5 milhões de votos, aqui está cheio de gente que teve voto. Ora, se os brasileiros se levantaram um belo dia de manhã, cansados ou não cansados, gostando ou não gostando, e votaram, me dando 53 milhões de votos para presidente da República, esses mesmos 53 milhões que votaram favorável, os outros que votaram contra e aqueles que não votaram, por favor, não é apenas um dia, nós temos ainda quase um mês, vamos votar e vamos dar ao Cristo o que ele merece: todos os votos dos brasileiros e das brasileiras.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de batismo da Plataforma P-52

Angra dos Reis-RJ, 14 de junho de 2007

Meus queridos companheiros, companheiras, só para lembrar: o governador falou em votar no Cristo. É importante lembrar o seguinte, que é a primeira vez que a gente vai votar numa pessoa que não tem partido, tem todos, porque a ideologia dele não defende apenas uma coisa, defende tudo aquilo que nós pensamos. Então, a gente não pode ficar dependendo que alguém de outro país vote em nós, ou seja, nós temos obrigação de dizer, com a nossa própria voz, se a imagem daquele Cristo Redentor é ou não o complemento que Deus fez os homens fazerem para contribuir ainda mais com a beleza que Deus já tinha feito, que são as praias e as cidades do Rio de Janeiro. Para mandar a mensagem pelo telefone não paga nada e o número celular é 49216. Tem que digitar Cristo antes e enviar para o número 49216, depois, você tem o torpedo que é www.votecristo.com.br. Eu queria pedir para vocês o seguinte: se o povo brasileiro me deu mais de 50 milhões de votos, porque não pode dar para o Cristo 100 milhões de votos?

Vocês sabem que de vez em quando Deus nos dá lições, porque normalmente nos atos que a gente faz, as autoridades ficam na sombra e o povo fica de cara para o sol. Então, eu acho que na sua sabedoria, Deus deve ter enviado um engenheiro da Petrobras para fazer este palanque, e ele nos colocou com a cara para o sol e agora todos nós, aqui, aprendemos um pouco como é que o povo sofre quando participa dos atos que nós fazemos.

Eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, que com o seu comportamento e com a sua visão de governador, está permitindo que a gente tenha um trabalho de muita harmonia entre o governo federal e o governo do estado. E podem ficar certos de que essa harmonia entre o governo do estado e o governo federal só trará benefícios para o povo do Rio de Janeiro, só benefícios.

Quero cumprimentar a companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil, e quero dizer para vocês que essa companheira foi bem escolhida

para ser madrinha desta Plataforma, porque ela era ministra de Minas e Energia quando nós começamos todo esse projeto, e ela foi uma guerreira. Portanto, ela é uma mulher, eu diria, de uma qualidade extraordinária, que vai provando, cada vez mais, que as mulheres não podem ficar esperando que os seus maridos façam política por elas. Elas precisam fazer política, porque elas podem muito.

Quero cumprimentar o nosso companheiro Nelson Hubner, ministro interino de Minas e Energia, nosso companheiro que está no Ministério desde o começo do governo,

Quero cumprimentar o nosso querido parceiro, lá em Brasília, senador que tem votado junto com o governo e apoiado muito, o nosso querido senador Crivela, Marcelo Crivela,

Quero cumprimentar os deputados federais parceiros das transformações que estamos fazendo no Brasil, o deputado Luiz Sérgio, o deputado Filipe Pereira, o deputado Edson Santos e o deputado Hugo Leal,

Quero cumprimentar o prefeito Fernando Jordão, de Angra dos Reis,

Quero cumprimentar o Ricardo Souza Dutra, presidente da Câmara Municipal de Angra dos Reis,

Tem uma história engraçada: quando eu fui indicar o José Sérgio Gabrielli, primeiro para ser o diretor financeiro da Petrobras – eu faço questão de dizer isso, Zé, para os trabalhadores perceberem os preconceitos que existem neste País – eu já conhecia o José Sérgio há uns 20 anos, sabia das qualidades dele e, além das qualidades profissionais, é baiano, e um companheiro da mais alta qualidade de formação profissional. Eu lembro que quando falei que ia colocar o José Sérgio como diretor financeiro da Petrobras, governador, me disseram o seguinte: “Não coloque, que o mercado não vai aceitar”. É verdade. Eu, primeiro, nunca tinha conversado com esse tal de mercado, ou seja, certamente esse tal de mercado não votou em mim. Eu escolhi o José Sérgio Gabrielli para diretor financeiro, e um ano depois ele foi escolhido como o melhor diretor financeiro de todas as empresas de petróleo existentes no mundo. O nosso companheiro José Eduardo Dutra, que deve estar por aqui, era o presidente da Petrobras. Nós participamos do ato de saída dele, porque ele queria ser candidato – eu bem que dei conselho para ele não ser, mas ele não me ouviu. Esse companheiro foi quem atingiu a auto-

suficiência, e esse companheiro também era daqueles que as pessoas diziam: “Vai colocar alguém que não vai dar certo”.

A verdade nua e crua é que a Petrobras, não apenas pelas qualidades do José Sérgio e do José Eduardo Dutra, mas a Petrobras é uma empresa privilegiada neste País, porque a qualidade dos seus profissionais é invejada em qualquer outra empresa de petróleo. Eu queria não apenas, José Sérgio, te cumprimentar, mas cumprimentar toda a diretoria da Petrobras, cumprimentar todos os companheiros aos quais eu nunca perguntei de que partido são, nunca perguntei para que time torcem, nunca perguntei que religião eles praticam. O dado concreto é que eles estão no cargo que estão porque são, antes de tudo, competentes profissionalmente, e precisam fazer o seu trabalho corretamente.

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Maria das Graças Foster, presidente da BR. Posso dizer para vocês, da Petrobras, e metalúrgicos, aqui, que essa também é uma guerreira de uma dimensão fabulosa, ou seja, eu acho que é outro exemplo de companheira da Petrobras que demonstra o alto grau de “finesse” profissional que tem a diretoria da Petrobras.

Quero cumprimentar outro companheiro – esse não é de carreira da Petrobras, esse é político – que é o nosso companheiro Sérgio Machado, presidente da Transpetro, um presidente que agora assumiu o compromisso de cumprir a nossa promessa de campanha. Já encomendamos 26 navios, 19 já estão contratados, quatro vão ser contratados nos próximos dias e três serão contratados para o Porto de Itajaí. Esses navios, logo, logo, estarão sendo construídos em estaleiros do Rio de Janeiro, estaleiros do Rio Grande, no Rio Grande do Sul, estaleiros no Porto de Suape, em Pernambuco, e a maioria sempre aqui, no Rio de Janeiro. Sempre aqui, no Rio de Janeiro a maioria, Sérgio Cabral.

Quero cumprimentar aqui o embaixador Choo, o embaixador não-residente de Cingapura e presidente da Keppel,

Quero cumprimentar o Gilberto Israel, presidente do Estaleiro Brasfels,

Quero cumprimentar os secretários estaduais, secretários municipais, vereadores, todos os diretores da Petrobras, gerentes, todos os metalúrgicos aqui presentes e adjacentes, as esposas dos metalúrgicos, os filhos dos

metalúrgicos e mais quem vocês quiserem que eu cumprimente, eu cumprimento.

Quero cumprimentar o Ariovaldo Rocha, presidente do Sindicato da Indústria Naval,

E quero cumprimentar – e aqui eu vou fazer uma tese para conversar com vocês, se vocês permitem as minhas barbas brancas, eu vou dar um conselho para vocês. Eu vi que na hora em que foi anunciado o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, ele tomou uma vaia. Eu vi. E eu vou dizer isso, porque a gente vai vivendo de lição em lição e a gente vai aprendendo. Em 1979, eu que era tido como um dos mais importantes dirigentes sindicais do País. Fiz uma greve e, ao terminar a greve, numa assembléia com 100 mil metalúrgicos, eu saí vaiado, porque os trabalhadores imaginavam que eu e a diretoria os tínhamos traído. Foi um ano de inferno na minha vida. Eu ia à porta da fábrica, a peãozada não queria conversar comigo. Então, um dia eu disse para a diretoria: nós vamos para a porta da fábrica e vamos provar para os trabalhadores que nós estávamos certos e se eles querem fazer greve, vamos fazer uma greve ainda maior no próximo período.

Em 1980, nós fizemos uma greve de 45 dias. Eu sabia que os trabalhadores não agüentavam uma greve de 45 dias. Eu sabia que era muito fácil falar, mas no final do mês, quando não vem o pagamento, que a gente tem que pagar a conta de luz, levar leite para casa, comprar o gás, colocar o feijão e o arroz na mesa, a gente não agüenta. E aí, o companheiro ia à assembléia, levantava o braço que queria continuar a greve, virava as costas e ia trabalhar. Foi a maior lição que tive na minha vida. Nós não ganhamos nada, voltamos a trabalhar de graça, entretanto, os trabalhadores aprenderam a lição de que o acordo de 1979 tinha sido um bom acordo.

Eu estou dizendo isso porque se tem uma coisa que eu tenho experiência na vida é de movimento sindical. No movimento sindical, às vezes a gente tem emoções e não tem emoções, a gente às vezes descarrega os nossos dissabores e angústias em cima do companheiro, e eu queria dizer para vocês terem paciência, porque se tem uma greve que não foi bem-sucedida, outra poderá ser melhor sucedida. Às vezes a gente pode ter um acordo até melhor, até sem precisar fazer greve. A gente pode fazer isso, até sem precisar fazer greve.

Por isso eu queria dizer ao companheiro que não desanimasse não, que fosse à luta, porque quem está na guerra sabe que tem altos e baixos todo santo dia. Tem gente que acha que tudo se resolve com a greve. A greve, às vezes, não resolve tudo, pelo contrário, às vezes ela ajuda, às vezes ela cria problemas e a gente tem que saber medir politicamente qual é o momento em que a gente faz a greve e os objetivos claros que a gente deseja com ela.

De qualquer forma, eu quero dizer para vocês que a minha vinda aqui, eu não sei quantas vezes eu já vim aqui, umas 10. Eu acho que se eu fosse em casa o tanto de vezes que eu venho aqui, a dona Marisa estaria mais feliz comigo. Eu não vou nem ler discurso. O engenheiro que fez o palanque não só colocou a gente no sol, como colocou a gente torto. O povo está ali e a gente não consegue ver uma parte considerável da torcida que está na arquibancada.

Mas José Sérgio é governador, eu queria dizer uma coisa para vocês, o porquê do meu orgulho de estar aqui com vocês. Eu conheci uma única vez na vida uma crise de desemprego. Em 1965, a maioria aqui não era nem nascido, eu fiquei um ano e dois meses desempregado. E estavam desempregados um irmão meu e duas irmãs. Por isso, eu tenho a mais nítida consciência do que é um pai de família desempregado chegar em casa, depois de levantar todo dia de manhã para procurar emprego, chegar em casa com os vizinhos achando que ele é vagabundo, que não quer trabalhar. Chegar em casa e a mulher, por melhor que seja, às vezes não entender porque está há tanto tempo desempregado e começar a ter atrito dentro de casa. A gente chegar em casa e ver os filhos pedirem coisas elementares que a gente poderia dar, e a gente não ter o dinheiro para comprar. E a gente vai ficando incomodado. Tem chefe de família, Dilma, que depois de alguns meses desempregado, não tem mais coragem de sair de casa de vergonha, por estar desempregado.

Eu, há uns oito anos, se não me falha a memória, o Luiz Sérgio era prefeito de Angra e me convidou para vir passar umas férias aqui. Ele arrumou a casa de um companheiro dele e eu vim. Eu passei aqui por este estaleiro, tinha três ou quatro pessoas aqui e o mato tinha tomado conta de tudo, estava tudo enferrujado. Eu, que passei metade da minha vida dentro de uma fábrica, comecei a matutar como era possível um país que já tinha tido, na década de 70, a segunda indústria naval do mundo, como poderiam ter deixado desaparecer, como que a gente podia simplesmente ter desmontado um setor

da economia brasileira, com potencial extraordinário. E a gente simplesmente tinha desmontado, jogado milhares de trabalhadores ao léu, nós tínhamos levado trabalhadores ao desespero. A gente estava comprando tudo. Tudo o que a gente precisava fazer, tinha que comprar, ou em Singapura, ou na Noruega, ou na Espanha ou comprava não sei onde. Nada contra esses países, nós queremos ser os melhores parceiros deles, mas, pelo amor de Deus, eu, antes de pensar em qualquer coisa, eu tenho que pensar que uma nação só é nação se as pessoas estiverem trabalhando, comendo e estudando, senão isso não é nação, senão isso não resolve os problemas das pessoas.

Pois bem, nós fizemos esse desafio. Alguns acreditavam, outros não acreditavam, e hoje eu estou aqui na frente desta extraordinária plataforma que entra na água, este mês agora? Vai para o alto mar? Então, vocês vão ver a produção de vocês sair para alto mar e, daqui a alguns dias, começar a tirar petróleo lá de perto do Japão, porque vocês viram, 1 mil e 800 metros de lâmina de água, mais uns 2 mil metros lá para baixo, logo, logo vem um japonezinho assim grudado. Logo, logo vai furar o Planeta, vai se encontrar uma broca da Petrobras com uma broca da Venezuela, com uma broca da Rússia, e aí furaram o mundo. Ou seja, esse é o espetáculo, não da natureza, um espetáculo da inteligência humana, um espetáculo da engenharia da Petrobras, um espetáculo de profissionais que foram bem formados.

Mas eu sei que quando esta for para o mar – ainda vai ter a 51, que vocês vão trabalhar até dezembro –, daqui a pouco ela vai para o mar e vocês já estão ficando angustiados: “espera aí, esse Lula vem aqui falar bonito, o governador falou bonito, a Dilma falou bonito, o ministro falou bonito, o José Sérgio Gabrielli falou bonito, mas e a gente? A partir de dezembro, esta plataforma estará pronta e vai embora, e nós, como é que ficamos?”

Essa é a preocupação, meus companheiros de Cingapura, meus companheiros dos estaleiros, meus companheiros da indústria naval, meu companheiro José Sérgio Gabrielli, essa é a inquietação que já começa a tomar conta dos pais de família e dos trabalhadores aqui.

Isso é como um ninho de passarinho, o passarinho e a passarinha vieram, botaram os ovos, chocaram, e tudo isso aqui é filhote desse passarinho. A gente não pode deixar que venha um chupim derrubar os ovos

do tico-tico para colocar ovos nele. O que nós queremos é que a Petrobras negocie com as empresas com a seriedade que sempre negociou, mas tendo um rumo: nós precisamos, mais do que queremos, não é que nós queremos, nós precisamos, que a P-56 seja feita aqui. E tem a reforma da P-53. Logo, logo, a Petrobras vai pensar nas 57, 58, 59, 60, 61. Logo, logo, vocês vão estar produzindo essa coisa tão extraordinária, que outros países do mundo vão falar: “Bom, vamos comprar plataforma, vamos encomendar do Brasil.”. Aí, a gente vai começar a mandar para fora.

Mas, para isso, nós precisamos consolidar a nossa capacidade profissional, com muita formação. Os companheiros que têm curso para fazer, por favor façam o curso, porque o que vai garantir a produção ficar aqui é a capacidade do nosso trabalho, é a qualidade do nosso trabalho, é a criatividade do nosso trabalho. Então, nós, que durante quase 30 anos, tivemos desmontada a nossa indústria naval, nós agora estamos recuperando e precisamos, juntos, recuperar a extraordinária capacidade profissional que nós já tivemos neste País.

Então, companheiros da indústria naval, companheiros de Cingapura, companheiro José Sérgio Gabrielli, eu não disse “eu quero”, porque eu sou o presidente da República, eu não posso impor à Petrobras, que é uma empresa que, segundo o José Sérgio, tem ações na Bolsa de Nova Iorque, não posso. Eu apenas estou dizendo o seguinte: José Sérgio, nós estamos pedindo porque nós precisamos que essa peãozada não seja mandada embora. Você já viu passarinho novo, como é que fica, com o biquinho aberto, pedindo comida? Todo esse pessoal aqui tem, em casa, um monte de passarinho novo pedindo comida, e a gente não pode acabar com o nosso alpiste. Bem, essa era uma coisa que eu queria dizer para a Petrobras.

A outra coisa, companheiros, é que nós estamos vivendo um momento no Brasil que eu acho que em 100 anos de República nós não vivemos. As coisas andando, tudo certinho no Brasil. A economia está crescendo, vocês viram ontem o PIB, que cresceu, no segundo bimestre, 4,3%. Obviamente que eu estou sempre querendo mais, mas há uma tendência de que vai crescer mais no terceiro trimestre, depois vai crescer mais no quarto trimestre, depois vai continuar crescendo no primeiro trimestre de 2008, no segundo, no terceiro, por quê? Porque o País está preparado para ter uma caminhada longa de

crescimento sem precisar passar por nenhum susto, sem precisar que o presidente da República fique inventando uma mágica, que anuncie de noite na televisão para vocês, aí vocês ficam todos felizes e, no dia seguinte, o plano não dá certo e vocês quebram a cara. Porque, no fundo, no fundo, sobra sempre para o mais fraco, o inventor do plano vai dar aula no exterior ou vai trabalhar num banco aqui, no Brasil.

O único plano que eu tenho é o plano da seriedade. É um plano que eu não posso errar, porque se eu errar vai quebrar nas costas dos mais fracos neste País, vai quebrar nas costas dos trabalhadores. Então, é com essa convicção que eu trabalho. Por isso que eu dou os passos mais devagar, porque na minha idade se eu der um passo muito avançado, tem uma coisa chamada distensão e eu vou ficar três meses mancando sem poder levantar, pedindo para a Marisa me acordar de noite e me acompanhar até um lugar. Não vou. Então, com todo cuidado do mundo. Nós sabemos, José Sérgio, que só na categoria metalúrgica, nesses quatro anos, nós criamos 400 mil novos empregos com carteira profissional assinada. E vamos criar muito mais porque a indústria automobilística está produzindo muito mais, porque a indústria siderúrgica está crescendo muito mais. A indústria automobilística, só para vocês terem uma idéia, no ano passado chorava que ia ter desemprego, este ano querem chegar a 2 milhões e 700 mil carros produzidos, dos quais 85% vendidos aqui dentro são *flex-fuel*, é tecnologia nossa, é um tanque em que a gente pode colocar 100% de gasolina ou 100% de álcool.

Portanto, só peço a vocês o seguinte: otimismo. É preciso que a gente tenha otimismo. Este País precisa parar de pensar negativamente, nós precisamos pensar que depende de nós, não depende de mais ninguém. Antigamente diziam: “nós precisamos de dinheiro de fora aqui dentro.” Hoje, nós temos 140 bilhões de dólares de reserva, estão guardados, não devemos ao FMI, não devemos ao Clube de Paris, não devemos nada. Há dez anos atrás, se eu viesse aqui estariam todos vocês com a faixinha: “Fora FMI.” Não tem mais FMI, não devemos mais. Aliás, o FMI está doido, viu Sérgio, porque ninguém está precisando dele. E nós pagamos porque queremos ser donos do nosso nariz, nós queremos tomar conta de nós mesmos. Então, as coisas estão bem. Posso dizer para vocês que, obviamente, eu quero muito mais e vocês também querem muito mais, mas a gente tem que ir nas caminhadas

como a gente aprendeu desde pequeno.

A segunda coisa importante é o seguinte: o meu querido governador disse que eu vinha aqui entregar mil carros. Não, foram carros, motocicletas, ambulâncias, peruas blindadas, helicópteros, porque nós estamos aproveitando o PAN, na verdade, vai ter aqui, no PAN, 1 mil e 736 veículos entre ambulâncias, motocicletas, peruas, carros de polícia, e nós vamos fazer do Rio de Janeiro uma espécie de teste símbolo de uma nova política de segurança, porque quando o PAN for embora, grande parte das coisas que veio para o PAN, o companheiro Sérgio sabe, vai ficar aqui no Rio de Janeiro.

A coisa mais importante que nós estamos fazendo, porque o nosso PAN vai ser chique, não pensem que é negócio meia-boca, não, aquele negócio de país de Terceiro Mundo: “ah, nós somos pobrezinhos, vamos fazer uma coisa bem pobrezinha que quando o jogador estiver lutando, vai cair em cima dele.” Não. Nós estamos fazendo uma coisa para botar inveja. Pode vir americano, pode vir canadense, pode vir, é de dar inveja. É, possivelmente, a melhor coisa já feita em todos os Jogos Pan-Americanos, é tudo de primeira qualidade. Tudo para ficar aí. E quando terminar o PAN vai ficar para o povo do Rio. O Rio de Janeiro pode fazer eventos todo ano, e a gente vai poder ter orgulho, porque o Joãozinho Trinta dizia, em 1978: “quem gosta de miséria e coisa feia é intelectual, pobre gosta de coisa boa, de qualidade, de luxo.” É isso.

Bem, mas não é apenas isso, eu vou vir agora, daqui a uns 10 dias, não é Dilma? Daqui a uns 10 dias eu vou vir outra vez aqui no Rio de Janeiro. Vou na capital, no Palácio do Governador, porque nós estamos fazendo, aqui no Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro, não, no Brasil, o maior programa de saneamento básico que este País já viu. No PAC, que é o programa de aceleração da economia, nós vamos investir, até 2010, 504 bilhões de reais, 146 bilhões entre habitação e saneamento básico, dos quais, 40 bilhões só para saneamento básico. Aqui, no Rio de Janeiro, vão ser mais de 2 bilhões de reais investidos em saneamento básico.

O que nós fizemos? Nós decidimos fazer na região metropolitana, onde está a maior concentração de favelas, portanto, a maior concentração de violência ou de possibilidade de violência. Então, nós vamos à Baixada Fluminense, às principais cidades e à cidade do Rio de Janeiro, eu vou dar dois exemplos: Complexo do Alemão e Mangueiras. Nós vamos fazer uma

intervenção estruturante ali, para a gente mudar não apenas a qualidade de vida do povo, mas mudar a cara do Rio de Janeiro, para melhorar, para recuperar a auto-estima desse povo extraordinário que, muitas vezes, liga a televisão e parece que aqui só tem morte, só tem bandido, quando 99% são homens e mulheres trabalhadores que levantam de manhã, se matam de trabalhar e, depois, não vêem isso na televisão, não vêem isso nos jornais. Então, é essa coisa de a gente gostar da gente mesmo, de a gente se admirar, de a gente se respeitar e de a gente gostar da rua em que a gente mora, da casa em que a gente mora, que a gente vai ajudar a construir com o PAC.

Mas não é apenas isso para o Rio de Janeiro. O aeroporto do Rio de Janeiro está ficando um brinco, chiquérrimo. Não é mais o cara pegar um ônibus, sair na chuva, agora tem finger. Eu, quando aprendo a falar essas palavras assim bonitas, em inglês, eu gosto de repetir, para o povo saber que eu sou chique.

Pois bem, mas não é apenas o aeroporto, não. Eu acho, José Sérgio, quanto tempo aí, um mês, dois meses? O começo da terraplanagem do nosso grande Pólo Petroquímico de Itaboraí. Mais ou menos em julho nós vamos começar o maior complexo petroquímico deste País, em Itaboraí. Quanto de dinheiro, José Sérgio? Nove bilhões... Olha, gente, que chique. Vocês viram que ele falou "dólares". Oito bilhões e quatrocentos milhões de dólares. Sabe por que isso? Significam 16,8 bilhões de reais que a gente vai investir na região de Itaboraí, vai melhorar a vida de Niterói, de São Gonçalo e de toda aquela região, vai gerar empregos demais da conta, e a gente acha que é por isso que vale a pena a gente governar. Se não for para fazer isso, não vale a pena.

Portanto, eu ainda vou vir muitas vezes ao Rio de Janeiro, para que a gente comece a anunciar obras. Eu vou passar quatro anos sem falar mal do Sérgio Cabral, ele vai passar quatro anos sem falar mal de mim, e sabe quem vai ganhar com isso? São homens e mulheres deste estado aqui, que merecem ter um governador da qualidade do Sérgio Cabral, que merecem ter um governador que ande de cabeça erguida.

No mais, meus companheiros e companheiras, eu poderia ficar tagarelando aqui, porque o sol, graças a Deus, desapareceu, essa é a vantagem de falar por último. Mas eu queria dizer para vocês o seguinte: depois de a gente recuperar a indústria naval brasileira, nós vamos recuperar a

Marinha Mercante brasileira. Não tem explicação um País do tamanho do Brasil, que exporta 150, 160 bilhões de dólares por ano, não ter uma Marinha Mercante poderosa. Aí, nós vamos ter que fazer parcerias outra vez, meu caro governador, meu caro empresário da indústria naval, e nós vamos fazer a indústria naval voltar a produzir os navios que nós precisamos.

Tem também Angra 3, gente. Para a gente crescer acima de 5%, nós vamos ter que dizer aos investidores que não vai faltar energia neste País a partir de 2012, porque até lá está garantido, mas nós precisamos produzir. E não tem nenhum sentido... a energia nuclear é uma energia limpa, não polui, não emite CO₂, portanto, não vai causar o efeito estufa no planeta Terra. Se for termelétrica de carvão, sim, se for termelétrica de óleo diesel, sim, mas essa é nuclear e a tecnologia do Brasil é perfeita. Posso dizer para vocês, nunca acontecerá no Brasil o que aconteceu em Chernobil, nunca. Não vou entrar mais em detalhes, porque não conheço todos os detalhes, mas paro por aqui.

A última coisa, companheiros, eu queria dar um dado para vocês, que é importante vocês saberem. Vocês estão lembrados do nosso programa Luz para Todos. O programa Luz para Todos já atendeu metade das pessoas que a gente queria atender, de 12 milhões de pessoas já atendemos 6 milhões, não é Nelson? Para vocês terem a dimensão do que significa o programa, vocês sabem quantos quilômetros de fios nós já utilizamos no programa Luz para Todos? 470 mil quilômetros de fios. Daria para enrolar o planeta Terra umas 80 vezes, ou seja, nós já colocamos 2 milhões, 780 mil postes, nós já colocamos 380 mil transformadores. Por conta de todos esses números, o povo que recebeu o Luz para Todos já comprou 470 mil televisores e 360 mil geladeiras. Então, esses são apenas alguns números para vocês irem percebendo que na hora em que o dinheiro sai do cofre do governo e começa a se espalhar em benefícios para a sociedade, as coisas aparecem, e aparecem de forma muito forte.

José Sérgio, você que não é do Ministério de Minas e Energia, é petroleiro, eu vou dizer uma coisa. Você sabe, José Sérgio, que nós, governador, agora, em quatro anos e meio, nós fizemos de linhas de transmissão no Brasil, 25% de tudo o que foi feito em 123 anos. Imaginem, de tudo que foi feito em 123 anos, nós, em quatro anos e meio, fizemos 25%.

Mas eu vou dar um dado importante para vocês. É por isso que de vez em quando aparece um inimigo nosso nervoso. Vou dar mais um dado para vocês, e esse é importante. A primeira escola técnica feita no Brasil foi em 1909, se não me falha a memória, no governo Nilo Peçanha. Em 1909, foi feita a primeira escola técnica profissional. De 1909 até 2003, portanto, 97 anos mais ou menos, foram feitas 140. Em 2010, quando eu entregar o governo, nós vamos ter feito 160 novas escolas técnicas no País. Significa que em oito anos nós fizemos mais do que tudo o que foi feito em 97 anos neste País.

Vocês, quando andarem pelo Brasil, em cada cidade-pólo em que vocês chegarem, vai ter uma extensão universitária e vai ter uma escola técnica, porque somente o investimento na educação e na formação do nosso povo vai transformar o Brasil numa nação definitivamente rica e poderosa. É para isso que nós trabalhamos.

Portanto, meus companheiros e companheiras, eu quero me despedir. Você quer me dar um livro? Tem cinco ou seis pedindo este boné aqui, eu não sei para quem jogo. Eu não posso perder um voto, se eu der para um, perco sete, devagar.

Eu queria dizer para vocês o seguinte, companheiros: fiquem tranquilos, não percam o sono, porque nós vamos trabalhar com a Petrobras, vamos trabalhar com o governador e vamos fazer todos os ajustes necessários para que a gente possa fazer a P-56 aqui, para vocês terem mais alguns anos de tranquilidade neste estaleiro.

Que Deus abençoe todos vocês e permita que a nossa família possa viver em paz durante muito tempo.

Um abraço companheiros.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega de veículos que serão utilizados na segurança dos Jogos Pan-Americanos 2007

Rio de Janeiro, 14 de junho de 2007

Sem discurso. Quero apenas comunicar a vocês uma coisa, gente.

Primeiro, quero cumprimentar o nosso companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

O ministro Tarso Genro,

O ministro Orlando Silva,

Cumprimentar o senador Marcelo Crivella, companheiro que tem nos ajudado nessa empreitada,

Os deputados Edson Santos, Filipe Pereira, Hugo Leal e Luiz Sérgio,

Cumprimentar o nosso companheiro Nuzman,

O nosso companheiro Luiz Fernando Corrêa, de Santa Maria, Rio Grande do Sul, secretário nacional de Segurança Pública,

E quero cumprimentar, também, de Santa Maria, o José Mariano Beltrame, secretário estadual de Segurança Pública,

Quero cumprimentar o Eduardo Paes, secretário estadual de Esporte e Turismo,

Nossa companheira Benedita, secretária estadual de Assistência Social,

O nosso companheiro Hilário Medeiros, coordenador das ações de segurança dos Jogos do PAN,

O coronel Ubiratan Ângelo, comandante-geral da Polícia Militar,

Cumprimentar os companheiros que vieram a este evento tão significativo.

Quando o Rio de Janeiro ganhou a disputa para realizar o PAN, vocês sabem que isso não vem de graça, em uma disputa muitas cidades se apresentam, de toda a América Latina, dos Estados Unidos, do Canadá, e aí se começa a votar. O Rio de Janeiro, inclusive, disputou com outra cidade brasileira, São Paulo, e o Rio de Janeiro ganhou.

Bem, depois que o Rio de Janeiro ganhou, isso é como casamento. Quando a gente é namorado, tudo dá certo, tudo é maravilhoso, porque se encontra só uma vez por semana ou duas. Mas, depois que casa, a gente começa a perceber que o mundo não é tão azul como a gente imaginava, e começam a aparecer os defeitos que a gente não via quando namorava.

Bom, depois que nós ganhamos o PAN é que começaram os problemas. Quais os problemas? É que eu imaginava que, pelo fato de a gente ganhar, estava tudo pronto, não tinha que fazer nada, era só trazer os atletas aqui e começar o jogo. Meus caros, minhas companheiras, não é assim. Nós estamos investindo no PAN, entre governo estadual, governo municipal e governo federal, vai chegar a mais de 3 bilhões e meio de reais. É muito dinheiro.

E como é um evento internacional, só para vocês terem idéia, por ocasião dos Jogos Pan-Americanos, terá mais de mil e quinhentos jornalistas estrangeiros. Portanto, é uma oportunidade extraordinária para que a gente não apenas ganhe o maior número de medalhas possível, mas para que a gente mostre, também, o lado bom do Brasil e o lado bom do Rio de Janeiro, porque, às vezes, a gente só vê desgraça. A gente precisa mostrar que é verdade que tem desgraça, mas tem muita coisa boa aqui no Rio de Janeiro que muitas vezes não é mostrada como deveria, sobretudo, o povo do Rio de Janeiro. Se o cidadão liga a televisão, a impressão que ele tem é que só tem bandido no Rio de Janeiro, quando, na verdade, o Rio de Janeiro tem 99% de homens e mulheres honestos, trabalhadores, que vivem ganhando o dinheiro à custa do seu suor, e muitas vezes isso não aparece.

O Nuzman dizia, e é uma verdade, que poucos países do mundo tiveram a oportunidade de fazer Jogos com praças esportivas com a qualidade das que nós vamos fazer. Vocês estão lembrados que logo no começo, quando nós começamos a construir, eu disse o seguinte: nós precisamos fazer uma coisa bonita e de qualidade, para que a gente comece a disputar o direito de fazer uma Olimpíada no Brasil, porque Olimpíada só acontece em país rico. E nós precisamos dizer que países que não são tão ricos quanto Europa e Estados Unidos merecem fazer uma Olimpíada, aqui no Brasil ou em outro país da América Latina. É preciso parar com essa mania de que nós não temos condições de fazer a coisa, de que nós não temos preparo para fazer a coisa. Nós temos mais do que eles. O que nós queremos é apenas a oportunidade de

sermos escolhidos.

Da mesma forma que nós estamos brigando para que a Copa do Mundo seja realizada no Brasil, em 2014. A última Copa do Mundo que aconteceu no Brasil, a maioria dos que estão aqui não eram nascidos, eu tinha cinco anos de idade, foi em 1950, quando nós perdemos a Copa do Mundo e inauguramos o Maracanã, que é uma obra tão extraordinária que já tem 57 anos e está aí, como uma das belezas mais importantes de tudo o que a gente conhece de campo de futebol no mundo. Não tem nada melhor do que o Maracanã. Pode ter mais sofisticado, ter novas tecnologias, a engenharia civil avançou muito, então, tem telhado de outro jeito, mas a força que tem o maracanã, a beleza do Maracanã, que dura 57 anos e está intacto, eu duvido que muitos estádios na Alemanha, feitos para a Copa de 2006, sejam iguais ao Maracanã.

Entretanto, de vez em quando você só vê críticas ao Maracanã e elogios aos outros, como se as nossas coisas não fossem boas. Eu penso o seguinte: se a gente não elogiar o que é da gente, você pode até ter defeito. Imaginem se a gente sai de casa todo dia falando mal da mulher da gente ou imaginem se vocês saem falando mal dos maridos. Se nós não cuidarmos do que é nosso, quem é que vai cuidar? E cuidar do PAN significa cuidar de segurança pública, porque houve um tempo, aqui no Rio de Janeiro e no Brasil, que era assim Serginho, vou dizer para você uma coisa de forma carinhosa, e eu sei que você não tem culpa, mas aqui no Brasil funcionava assim: quando a polícia prendia um bandido, tinha governador que corria, colocava terno e gravata para tirar fotografia junto com o bandido, dizendo que ele prendia o bandido. Aí, a segurança pública era da responsabilidade dele: “porque a minha segurança pública funciona”. Aí, quando ele não conseguia pegar o bandido, que matava e ia embora: “ah, porque o governo federal é que não ajuda”.

É preciso parar com essa história de ficar jogando a responsabilidade um no outro: “a culpa é do governador, a culpa é do prefeito, a culpa é do presidente, a culpa é do povo”. Não, a culpa, na verdade, é um pouco de cada um de nós. Não porque nós criamos o bandido, mas porque nós, no tempo certo, não investimos em educação, no tempo certo não cuidamos do nosso povo, e quando a gente não cuida para que os nossos adolescentes tenham uma boa qualidade de educação, tenham oportunidade de trabalhar, o crime

organizado oferece a oportunidade, com base no desespero que toca a cabeça do ser humano.

Então, o que nós estamos fazendo, aqui, é dizendo ao governador Sérgio Cabral e dizendo ao povo do Rio de Janeiro, que não tem responsabilidade desse ou daquele, que seremos parceiros nas coisas que acontecerem de ruim e nas coisas que acontecerem de bom aqui no Rio de Janeiro, porque todos, antes de tudo, são brasileiros e precisamos cuidar desse povo com mais respeito e com mais carinho, que é o que falta, muitas vezes, neste País.

Nós resolvemos, então, utilizar o PAN para tentar criar, aqui no Rio de Janeiro, um sistema de segurança pública que possa funcionar melhor do que em qualquer outro momento funcionou no Brasil, e tirar do Rio de Janeiro a experiência para que a gente possa fazer esse plano ir para outros estados. O Rio de Janeiro, na verdade, está funcionando como se fosse uma escola de formação de uma nova qualidade na segurança pública, para que daqui a gente possa levar esse modelo para outros estados da Federação, sobretudo, para os estados maiores, onde tem mais violência, onde o povo vive em situações precárias.

Quando nós resolvemos fazer o PAC e fazer um grande investimento em saneamento básico e urbanização de favelas foi porque é exatamente na concentração de muita gente, morando de forma inadequada, em condições inaceitáveis, com crianças repartindo o m² com ratos, crianças repartindo o m² com baratas, que se forma a cabeça violenta de uma criança que nasceu para não ser violenta, que nasceu para ser um homem ou uma mulher de bem mas, muitas vezes, as condições sócioeconômicas, as condições de moradia, levam as pessoas a descaminhos que nós não gostaríamos.

E o que nós estamos fazendo aqui, meus companheiros e companheiras? Nós estamos fazendo o seguinte: olhem, são 1.768 veículos, são 1.173 carros e utilitários, como aquele que vocês viram ali e esses que estão aí. Não estão todos aqui, ainda, obviamente. Segundo, são 357 motocicletas; terceiro, são 98 ônibus e microônibus, são 53 furgões adaptados, em que você tem bombeiro, mas você também tem furgões antibombas, blindados para enfrentar chumbo grosso. Depois você tem 40 ambulâncias,

tem 19 postos policiais móveis, 17 veículos especiais adaptados, 11 quadriciclos. O que é um quadriciclo? Moto de quatro rodas.

Pois bem, tudo isso que está sendo colocado aqui no Rio de Janeiro, mais os carros velhos, quebrados, que o Sérgio contou aqui que ele tem que jogar fora e comprar outros novos, porque não adianta nada, o bandido está roubando e o policial está consertando o carro. Aquele carro ali tem até computador, o nosso secretário de segurança vai ter dificuldade, porque é preciso tomar cuidado, se o policial gostar de fazer joguinho em computador, é capaz de o bandido estar roubando na frente dele e ele estar ali fazendo o joguinho. Então, vai ter que ter um computador para controlar o computador do policial, para ele não ficar dormindo no ponto.

Tudo isso, gente, vai ser para nós uma marca extraordinária. Nós precisamos tomar cuidado pelo seguinte: no PAN, vão vir muitos estrangeiros aqui, se acontece uma desgraça, o que vai acontecer? A imagem do Brasil vai para as “cucuias”, aí vão dizer: “não podemos fazer investimentos no Brasil, não podemos ter Olimpíadas no Brasil porque lá tem violência”. Então, nós precisamos cuidar do PAN, mas nós temos de saber que quando o PAN for embora, as instalações vão ficar para o povo do Rio de Janeiro. E mais ainda, para que o Rio de Janeiro tenha eventos esportivos o ano inteiro, a década inteira, e não apenas de quando em quando. Mais importante, ainda, os veículos vão ficar aqui, possivelmente se precisar de alguns para outro lugar, nós vamos fazer aqui... mas vejam que eu não falei nem dos helicópteros que estão aqui. Não adianta, porque para visitar determinados lugares tem que ter helicóptero para ver de cima, para poder acompanhar corretamente a pessoa que cometeu um delito qualquer.

Então, o que está acontecendo aqui no Rio de Janeiro é um marco histórico na área de segurança pública do Brasil. Agora, no trabalho que estamos fazendo em conjunto com o governador Sérgio Cabral, em que não tem disputa entre nós, ninguém quer saber de que partido é um ou o outro ou de qual religião. Ele é governador do Rio de Janeiro, tem responsabilidades com o Rio, eu sou presidente da República, tenho responsabilidade com o Rio, então, nós dois precisamos cuidar do povo do Rio de Janeiro, com carinho e com amor, como se estivéssemos cuidando dos nossos filhos, como se estivéssemos cuidando dentro da nossa casa.

Portanto, Sérgio, eu quero dizer a você, dizer ao seu secretário de Segurança Pública, dizer ao seu secretariado, que eu peço a Deus que ilumine a cabeça de cada um de vocês, que têm responsabilidade, para fazer isso aqui funcionar, porque se acontecer o que eu estou pensando que vai acontecer, e der certo como eu estou pensando que vai dar certo, nós teremos um novo modelo de segurança pública neste País e vamos poder diminuir substancialmente a violência no Brasil.

Por isso, Sérgio, eu poderia ter te dado um helicóptero ao invés de ter te dado a chave do carro, mas com o helicóptero você pode causar um desastre aqui, derrubar o prédio que nem foi inaugurado ainda, e eu preferi dar um carro porque eu sei que você só sabe dirigir em dia de domingo, mal e mal quando não está chovendo, então, eu quero, Sérgio, dizer para vocês: olhem, é uma alegria poder contribuir com a segurança pública do Rio de Janeiro e, sobretudo, contribuir para que o Rio de Janeiro, que é uma obra de engenharia de Deus, extraordinária... Eu estava agora no Cristo Redentor e, na hora em que a gente olha lá de cima para o Rio de Janeiro, eu não sei se tem algum lugar do mundo em que Deus colocou tanta beleza como colocou no Rio de Janeiro.

Possivelmente, como o ser humano é pecador por natureza, a gente já tenha cometido pecados com o Rio de Janeiro, o que nós estamos fazendo agora é pedindo perdão, nos redimindo para tentar consertar o estrago que foi feito.

Muito obrigado e boa sorte Sérgio.



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do Presidente da República Dominicana, Leonel Fernández

Palácio do Planalto, 20 de junho de 2007

Excelentíssimo senhor Leonel Fernández Reyna, presidente da República Dominicana,

Senhoras e senhores ministros de Estado e integrantes das comitivas da República Dominicana e do Brasil,

Meus amigos e minhas amigas,

É sempre uma alegria poder reencontrar o presidente Leonel Fernández. Afinal, recebo hoje em Brasília um amigo com quem compartilho ideais comuns. Dentre os que o acompanham em sua visita ao Brasil, vejo queridos amigos e companheiros de muitos anos de jornada e de luta na nossa América Latina.

Sua visita, presidente Fernández, consolida a parceria que estamos construindo. Nossos governos estão unindo esforços para fortalecer a democracia em nossos países. Estamos empenhados na construção de sociedades mais justas, que garantam a cada cidadão o direito à alimentação, à saúde e à educação, que permitam uma vida melhor e mais digna.

Quando participei de sua segunda posse presidencial, pude ver de perto a liderança que Vossa Excelência exerce em seu país e na região. Sei que ela é resultado de um trabalho que está colocando a República Dominicana na rota do desenvolvimento sustentável.

O Brasil quer colaborar com essa caminhada, apoiando o desenvolvimento de setores estratégicos de grande impacto econômico e



Presidência da República
Secretaria de Comunicação Social
Declaração do Presidente da República

social na República Dominicana. Por isso, estamos assinando acordos específicos que queremos executar o mais breve possível.

Empresas e investimentos brasileiros já estão ajudando a gerar empregos e aprimorar a infra-estrutura indispensável à vitalidade econômica da República Dominicana. Estamos negociando projetos em transportes urbanos e pesquisas agropecuárias. No campo do saneamento, estamos construindo o aqueduto da Linha Noroeste, a maior obra hidráulica do Caribe, no valor de US\$ 150 milhões.

Com auxílio brasileiro, está-se criando um banco de leite humano para assegurar a saúde das novas gerações. Uma doação brasileira de dez mil doses de vacina contra a febre amarela ajudará a viabilizar o Programa Ampliado de Imunização da República Dominicana.

O presidente Leonel e eu estamos entusiasmados com as perspectivas de colaboração no campo dos biocombustíveis. A República Dominicana desempenha papel-chave nessa revolução energética em curso no nosso continente. Já está em marcha, com o apoio brasileiro, o projeto de adequação da cana-de-açúcar local à produção de etanol.

Trabalhamos para responder aos desafios fundamentais do século XXI: encontrar alternativas energéticas sustentáveis e, ao mesmo tempo, reduzir os efeitos da mudança climática e oferecer oportunidade de emprego e renda, especialmente no campo, para populações mais carentes. A parceria entre a República Dominicana e o Brasil requer sólidas bases econômicas e comerciais. O dinamismo de nosso comércio espelha esse potencial.

Estou certo de que os contatos empresariais durante sua visita a diferentes regiões do Brasil contribuirão para criar novas oportunidades, sobretudo para as exportações da República Dominicana.

Meu caro amigo Leonel,

Cabe à República Dominicana atualmente a Presidência *Pro Tempore* do Grupo do Rio. Aí está a ocasião para reafirmar a defesa do multilateralismo.



**Presidência da República
Secretaria de Comunicação Social
Declaração do Presidente da República**

Esse é o instrumento indispensável para vencer as dificuldades que uma globalização desigual e injusta impõe aos países pobres e em desenvolvimento.

A Rodada de Doha poderá proporcionar um mundo mais equilibrado, do ponto de vista comercial. A reforma das Nações Unidas só estará completa com a inclusão de novos países em desenvolvimento como membros permanentes de seu Conselho de Segurança. Somente assim a ONU poderá responder de maneira legítima e eficaz aos desafios da manutenção da paz e da segurança coletiva num mundo em profunda transformação.

É essa perspectiva que explica nossa presença no Haiti. O apoio da República Dominicana à Minustah e o excelente diálogo entre os presidentes Fernández e o presidente Préval, do Haiti, reforçam nossa convicção de que os países da região devem desempenhar papel central no esforço coletivo para restaurar a confiança do Haiti no seu próprio futuro.

Temos razões para o otimismo. O Haiti retomou a via do diálogo político, a segurança pública voltou a Porto Príncipe e projetos de reconstrução estão renovando as esperanças de seu povo.

Meus amigos,

A República Dominicana é um país que soube aproximar mundos, raças e culturas tão distantes. Essa é uma das razões pelas quais nós a temos como interlocutor privilegiado no diálogo que o Brasil lançou com a América Central e com o Caribe. Queremos explorar possibilidades de cooperação em projetos comuns na região.

O diálogo entre o Mercosul e a República Dominicana é fundamental para nossa proposta de criar uma área de livre comércio entre o Mercosul e o Sica. Estamos lançando as bases de um espaço econômico de prosperidade, baseado no pleno respeito às assimetrias entre nossos blocos.

Amigo Presidente,



Presidência da República
Secretaria de Comunicação Social
Declaração do Presidente da República

Nada ilustra melhor essa vocação para o entendimento e a confraternização universal de seu país do que o êxito dos Jogos Pan-Americanos em São Domingos. A comitiva brasileira que esteve na República Dominicana, em 2003, trouxe lembranças de um povo espontâneo e amigo e de um país olhando para o futuro.

É com o mesmo ânimo que o Brasil se prepara para sediar, em julho próximo, os Jogos Pan-Americanos. Estou certo de que Vossa Excelência encontrará, durante sua visita ao Brasil, igual espírito de solidariedade e cooperação em prol da prosperidade de nossos povos.

Meu caro amigo Leonel,

Eu falei aqui no equilíbrio da nossa balança comercial, mas é um equilíbrio um pouco delicado para a República Dominicana e um equilíbrio muito vantajoso para o Brasil.

Eu acho extremamente rica a sua visita ao Brasil, com um grupo de empresários. Primeiro, porque nós estamos há três anos e meio ou quatro anos convencendo os empresários brasileiros a descobrirem a América Latina como parceiros e temos obtido sucesso. Hoje, eu penso que não existe um único país – pelo menos da América do Sul e muitos da América Central – que não tenha empresas brasileiras construindo alguma obra.

Antes, nós éramos mais “internistas” ou, antes, a gente pensava muito mais nos dois grandes blocos Europa e Estados Unidos. A sua visita ao Brasil, trazendo empresários, é extremamente importante para que os empresários da República Dominicana consigam convencer os empresários brasileiros, sobretudo os importadores brasileiros, da necessidade de parceria entre empresas brasileiras e empresas da República Dominicana, para descobrir nichos de oportunidades em cada país. O Brasil tem mais responsabilidade porque um país com uma economia maior precisa ter, sempre, a dimensão da flexibilização para contribuir e incentivar essas parcerias.



Certamente, eu estarei visitando a República Dominicana e quero levar comigo um conjunto muito grande de empresários. Eu tenho dito aos empresários brasileiros que, muitas vezes, a forma de nós vencermos as taxas que os americanos impõem ao Brasil para comprar determinados produtos é a gente produzir esses produtos nos países da América Central. E olhando a América Central, eu poderia dizer a você, amigo presidente Leonel Fernández, que a República Dominicana – por tudo que a sua liderança representa, por tudo que você tem feito nesses dois anos e meio de mandato – é um solo de paz, com um clima que qualquer investidor brasileiro não tem que ter preocupação. Primeiro, pela seriedade do governo. Segundo, pela extraordinária forma carinhosa do povo da República Dominicana e, terceiro, pelas oportunidades que ajudarão, certamente, a República Dominicana mas, certamente, ajudarão muito os empresários brasileiros.

Quero que você saiba que terá em mim, enquanto eu for presidente da República, e depois, já sem muita importância, um companheiro que, todas as vezes que tiver reunião com empresários, estará pedindo para que os empresários brasileiros não tenham medo de virar empresas multinacionais e não tenham medo de procurar novos parceiros. E a República Dominicana é, certamente, um país em que os empresários brasileiros terão muito interesse.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de inauguração da Avenida Antônio Carlos

Belo Horizonte, 21 de junho de 2007

Meu caro governador de Minas Gerais, Aécio Neves,
Meu caro prefeito de Belo Horizonte, Fernando Pimentel,
Meu caro Geddel Vieira Lima, ministro da Integração Nacional,
Meu caro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu caro Hélio Costa, ministro das Comunicações,
Meu caro Luiz Dulci, ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu caro Márcio Favilla, ministro-interino da Secretaria de Relações Institucionais,

Meu caro deputado Alberto Pinto Coelho, presidente da Assembléia Legislativa,

Deputados federais Ademir Camilo, Antônio Roberto, Ciro Pedrosa, Jaime Martins, Jô Moraes, Leonardo Monteiro, Leonardo Quintão, Maria do Carmo Lara, Mário Henrique Heringer, Miguel Corrêa Junior, Reginaldo Lopes, Virgílio Guimarães,

Vereador Totó Teixeira, presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte,

Meu caro Ronaldo Vasconcellos, vice-prefeito de Belo Horizonte,

Meu caro Murilo de Campos Valadares, secretário municipal de Políticas Urbanas de Belo Horizonte,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, quero cumprimentar o Geraldo Camilo dos Santos, que veio aqui descerrar a placa conosco, que é o representante dos operários da obra de construção da avenida Antônio Carlos, em nome de quem eu quero cumprimentar todos os operários que trabalham nesta obra.

Primeiro, prestem atenção em uma coisa. Vocês viram o Pimentel e o

Aécio se elogiando muito aqui e vocês viram que, quando os dois começam a falar bem um do outro, vai sobrar um pedido de dinheiro para o governo federal para terminar esta avenida.

Na verdade, eu quero dizer ao governador, ao prefeito e ao povo aqui, que eu aprendi, com os meus companheiros de Minas Gerais, que Minas é um estado brasileiro que faz uma política diferenciada. Mesmo as brigas dentro do PT, aqui em Minas Gerais são diferentes das brigas do PT em outros lugares do Brasil. Parece que os mineiros são mais calejados, parece que os mineiros são mais experimentados na política, e essa história de que o mineiro, por si só, é um ser político conciliador, é uma conquista de Minas Gerais, e eu não acho que seja a conciliação pela conciliação. É porque prevalece a inteligência, porque é melhor um bom acordo do que uma péssima briga, é melhor um bom acordo do que uma péssima disputa política que, às vezes, tem como resultado o prejuízo para o povo de uma cidade ou de um estado. Portanto, quero dar os parabéns à relação existente entre o governo do estado e a Prefeitura de Belo Horizonte, porque eu acho que o resultado final é uma conquista para o povo de Belo Horizonte.

A segunda coisa que eu quero dizer para vocês é essa notícia que o governador disse, do programa Luz para Todos. Ele me mostrou um recorte de jornal e eu achei um absurdo, porque no nosso programa Luz para Todos, até 2008 nós temos que atingir 12 milhões de pessoas e eu quero, governador Aécio, que a nossa geração, que vai governar até 2010, seja a geração de um presidente da República e de governadores de estado que apaguem o último candeeiro deste País, a última lamparina, para que as pessoas tenham, definitivamente, luz para todos.

A terceira coisa que eu queria dizer aos meus amigos de Minas Gerais, e digo isso com orgulho, é que este ano, até o mês de maio, já foram criados quase 1 milhão de novos empregos com carteira profissional assinada. Foram 913 mil empregos nos primeiros cinco meses do ano, com recorde todo mês. Como a economia está crescendo – ela cresceu 4,3% no primeiro trimestre, vai crescer um pouco mais no segundo, vai crescer um pouco mais no terceiro e vai crescer um pouco mais no quarto – eu posso dizer para vocês que nós não apenas atingiremos um crescimento de 5%, como poderemos passar esse crescimento de 5%, para que ele se transforme num crescimento duradouro,

sustentável, para recuperar os quase 30 anos de estagnação da economia brasileira.

Meu caro Pimentel e meu caro governador, na semana passada eu fui ao Rio de Janeiro, e foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida. Eu fui inaugurar a plataforma da Petrobras, chamada P-52. Senti a mesma alegria que a gente sente quando nasce um filho, porque eu sei da briga que foi feita neste País em 2002, contra o ex-presidente da Petrobras, em que diziam que o Brasil não tinha condições de fazer plataforma aqui, diziam que a gente não tinha engenharia, que a gente não tinha mão-de-obra qualificada. Na época, houve até uma matéria paga num jornal, chamado Gazeta Mercantil, na época contra mim, dizendo que eu não entendia do que estava falando. Nós compramos a briga e resolvemos fazer a plataforma aqui. Na sexta-feira da semana passada eu fui a Angra dos Reis. Eu tinha visitado aquele estaleiro em 2001, tinha seis funcionários trabalhando no estaleiro. Eu fui na sexta-feira, agora, e tinha 8 mil funcionários trabalhando no estaleiro, 2,8 mil empregos diretos e quase 6 mil empregos indiretos.

Mas o que era importante? É que a plataforma custou exatamente 1 bilhão e 100 milhões de dólares, e esse é um dado significativo, a gente tinha provado que 65% dela seriam de componentes da indústria nacional. Qual não foi a minha alegria porque não foram 65%, foram 76% de componentes nacionais. Em dezembro eu vou colocar no mar a P-51, a segunda que estamos fazendo, e vamos anunciar a P-56, a terceira que nós vamos fazer aqui. São três plataformas que, juntas, custariam quase 4 bilhões de dólares. Se a gente não acreditasse neste País, se a gente não pensasse na soberania nacional, a gente estaria mandando esse dinheiro para Cingapura ou Noruega, gerando empregos em Cingapura e na Noruega. E estamos gerando empregos para brasileiros e brasileiras viverem condignamente, conquistando a sua cidadania.

Na próxima semana, ou quem sabe nos próximos 10 dias, estarei voltando a Minas Gerais. Aí, sim, vou querer que o governador e o prefeito me convidem para o almoço, porque eu vou vir lançar com eles o programa do PAC na área de saneamento básico. São 40 bilhões de reais que vamos

gastar, em três anos e meio, em urbanização de favelas e saneamento básico – é o maior gasto já feito na história deste País – e 106 bilhões para habitação. Esse programa vai ser lançado aqui em Belo Horizonte, depois eu vou lançar no Rio de Janeiro, em São Paulo, na Bahia, em Pernambuco, vou ao Ceará, vou ao Amazonas, vou ao Pará, porque nós acreditamos que se nós fizermos funcionar corretamente o Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, a gente vai estar criando uma nova dinâmica na administração pública brasileira.

E posso dizer para vocês, por tudo que eu conheço deste País, que não houve nenhum momento na história da República, em 118 anos, em que a economia esteve tão equilibrada como está agora, não teve nenhum momento na história. As donas-de-casa que vão ao supermercado sabem que estão podendo comprar mais. Mas não basta apenas isso, é preciso que a gente garanta que isso não seja uma bolha que vai murchar amanhã. É preciso que a gente garanta que a cada ano o povo conquiste espaços, que o povo conquiste um pedaço de cidadania, para que a gente possa, ao final de quatro anos, quando terminar o meu mandato, quando terminar o mandato do governador Aécio Neves, o do prefeito termina daqui a um ano e meio, o legado que a gente deixe seja o reconhecimento do povo de que as coisas melhoraram, sobretudo para os mais pobres, sobretudo para aqueles que, ao longo de séculos, foram esquecidos neste País porque as pessoas não os olhavam. Todo mundo que faz política sabe que os mais pobres deste País são lembrados apenas em época de eleição, porque em época de eleição o valor do voto deles é igual ao valor de um voto de banqueiro. Mas, depois da eleição, as audiências são feitas com os banqueiros e não com os pobres deste País.

É por isso que nós aprovamos, esses dias, uma aposentadoria especial para os portadores de hanseníase e fizemos o reconhecimento das pessoas que ficaram trancafiadas em colônias, pessoas que saíram das suas casas com nove anos de idade e ficaram 50 anos presas numa colônia porque a palavra lepra, naquele tempo, assustava qualquer um. Então, quando nós fizemos esse reconhecimento... nós queremos dizer que essa nova geração de políticos no Brasil, que a nova geração de governadores, tem tudo para fazer muito por este País, se a gente compreender que governador não briga com o presidente e o presidente não briga com governador. Nós não fomos eleitos

para brigar, nós fomos eleitos para governar no interesse do povo brasileiro. Se a gente compreender que prefeito não tem coloração partidária, que tanto faz ser do PT, do PFL, do PTB, do PMDB, nós não temos que olhar a cara do prefeito ou o partido do prefeito, nós temos que olhar a cara do povo e a necessidade do povo para fazer as políticas sociais.

Inaugurar esta obra aqui não é apenas um prazer, meu caro prefeito Pimentel, é a possibilidade de eu dizer para vocês que quando a gente vê uma obra como esta a gente pode dizer: vale a pena governar, porque são obras assim que dão a dimensão de um administrador como o prefeito Fernando Pimentel, que uma obra pensada há 30 anos, foi concluída agora uma parte dela. Eu sei que este discurso bonito dele vai fazer com que, na semana que vem, ele esteja no meu gabinete dizendo: “Presidente, agora eu preciso acabar o restante e preciso de mais 80 milhões de reais, que é o que falta para acabar”. Eu não sei se gente vai poder contribuir com os 80 mas, certamente, mais uma vez o governo federal não faltará a Belo Horizonte e não faltará a Minas Gerais.

Meus parabéns, Prefeito, e até outro dia.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita às obras do Projeto Vila Viva Aglomerado da Serra

Belo Horizonte - MG, 21 de junho de 2007

Não estava previsto eu falar aqui porque era apenas uma visita a esta que é a maior obra de urbanização de vilas no Brasil. Mas eu não poderia deixar de falar para agradecer ao prefeito Pimentel. O prefeito Pimentel poderia, como outros prefeitos no Brasil inteiro, ficar preocupado apenas em tratar do centro de Belo Horizonte, que precisa ser cuidado também, em tratar dos bairros de classe média, que também precisam ser cuidados. Mas o companheiro Pimentel teve a coragem de colocar aqui, numa vila onde moram trabalhadores, onde mora gente pobre deste estado, um investimento de 170 milhões de reais para tornar a vida de vocês mais digna.

Eu visitei um apartamento agora, vi que o apartamento é humilde, pequeno, mas é um apartamento de qualidade e, certamente, melhor do que a casa em que as pessoas moravam antes de se mudarem para cá. Eu acho que só o fato de as empresas contratarem para trabalhar, na maioria, trabalhadores da própria vila, é uma coisa extraordinária, porque isso gera cidadania, melhoria da qualidade de vida, e vai permitindo que numa vila como esta surja um comércio, porque aqui não serão feitos apenas uma avenida e apartamentos.

Vocês viram o Prefeito falando. Aqui vai ter escola, aqui vai ter posto de saúde, aqui vai ter creche para as crianças, aqui vai ter centro de formação profissional, aqui vai ter uma série de benefícios para a população mais pobre, e vai ser extraordinário para todo mundo. Eu queria dizer para vocês que nem sempre é possível fazer todas as coisas num único dia ou num único ano, ou em quatro ou cinco anos. Na vida de vocês, vocês sabem que cada conquista da gente demora, é difícil, mas a gente tem que perseverar sempre, a gente tem que lutar sempre.

Agora que nós vamos ter uma segunda chance, um segundo mandato, na semana que vem estarei voltando à Belo Horizonte para, junto com o nosso prefeito Pimentel e prefeitos de todas as cidades da região metropolitana de

Belo Horizonte – da região metropolitana daqui, que vai pegar cidades como Betim, como Contagem e outras cidades – anunciar um programa que já foi anunciado nacionalmente, de investimento de 146 bilhões de reais em habitação, saneamento básico e urbanização de favelas. Será o maior programa de saneamento básico já feito na história deste País e nós vamos fazer este programa, vamos urbanizar favelas, vamos abrir ruas, vamos levar escola para dentro das favelas, vamos levar posto médico para dentro das favelas, vamos levar quadra esportiva. Tudo isso vai gerar o emprego de que esta nossa companheira está falando tanto aqui. Nós vamos gerar cada vez mais emprego porque o PAC, ao todo, vai investir 504 bilhões de reais até 2010, em todo o território nacional.

Nós tomamos a decisão de investir o dinheiro, primeiro, nas grandes cidades do País, Pimentel. Por quê? Nós queremos pegar as favelas de Minas Gerais, as favelas do Rio de Janeiro, as favelas de São Paulo, da Bahia, de Salvador. Às vezes, morar numa favela, num morro, numa casa que é um barraco e, às vezes, com risco de cair com a chuva, é a forma mais degradante de a pessoa morar. Então nós resolvemos, em vez de espalhar o dinheiro por todo o território nacional, centrar o dinheiro nas grandes cidades brasileiras, que é onde tem os maiores problemas, tem mais criminalidade, tem mais tráfico de droga, tem mais gente apinhada, às vezes crianças repartindo três metros quadrados com rato, com barata e com esgoto a céu aberto. Nós achamos que está na hora de mudar isso e, portanto, na semana que vem estarei aqui para anunciar, com o nosso companheiro Pimentel, o maior programa de urbanização de favelas da história de Minas Gerais e de Belo Horizonte.

Quero dizer, Pimentel, que acabou no Brasil o tempo em que o dinheiro público era gasto apenas para atender a parte rica da população. Agora, o dinheiro tem que ser gasto com a parte mais pobre da população, porque a parte mais pobre da população tem o direito de ser olhada com carinho pelos governantes do nosso País. Eu quero te agradecer, Pimentel, porque você é um prefeito, você é um homem de classe média, você é um homem estudado, e poderia estar agora lá em Belo Horizonte, no centro da cidade, só cuidando de um determinado setor, mas você fez uma opção de vida: governar para

todos mas, entre todos, olhar para a parte mais pobre do nosso País, que é ela que precisa.

Muito obrigado e que Deus abençoe vocês.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) nas áreas de saneamento e habitação

São Paulo-SP, 26 de junho de 2007

Primeiro, a alegria de poder estar em São Paulo outra vez. Foi aqui, no começo do ano passado, que nós anunciamos e assinamos os contratos, e outra vez voltamos aqui.

Eu quero cumprimentar o governador José Serra,

Quero cumprimentar os meus ministros,

Quero cumprimentar o nosso companheiro, presidente do BNDES,

Quero cumprimentar os deputados federais,

Os deputados estaduais,

Os secretários de Estado de São Paulo,

Quero cumprimentar o presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo, deputado Vaz de Lima,

Quero cumprimentar o prefeito Gilberto Kassab, em nome de quem eu quero cumprimentar todos os demais prefeitos que estão aqui,

Quero cumprimentar a nossa querida Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar a secretária estadual de Saneamento e Energia, senhora Dilma Pena,

E quero cumprimentar os representantes dos movimentos sociais aqui presentes, sobretudo a parte da sociedade para quem grande parte deste Programa está destinado, ou seja, para fazer com que eles, que ainda não conquistaram a sua cidadania, comecem a conquistá-la pela rua em que moram, pelo bairro em que moram, e pela cidade em que moram, porque não é possível imaginar que alguém que mora numa palafita tenha cidadania; não é possível imaginar que alguém que mora num quarto 3 por 3, com 5, 6 ou 7 pessoas, tenha conquistado a cidadania, embora seja brasileiro, como todos os outros.

Mas queria, governador José Serra, dizer uma coisa que eu considero importante. Não vou, aqui, falar de dinheiro. Eu só quero lembrar o seguinte: o PAC é, eu diria, uma experiência que estamos implementando, e precisamos ter a ousadia de transformá-lo numa coisa muito verdadeira. Isso só acontecerá se o dinheiro estiver disponibilizado para todas as obras, para que no final de 2010 nós possamos comemorar a inauguração dessas obras todas, porque todas estão previstas para terminar em 2010. São 504 bilhões de reais. Certamente é menos do que o Brasil precisa, mas muito mais do que foi possível fazer nas últimas décadas. Isso só foi possível porque a política econômica e a economia brasileira permitiram que nós hoje tivéssemos a tranquilidade para discutir coisas que há 4 ou 5 anos eram praticamente impensáveis no Brasil, porque não havia nada que permitisse que você saísse do pensamento da macroeconomia, da estabilidade e pudesse fazer políticas sociais.

Hoje – e o Luciano participou de uma reunião comigo, esses dias, em que eu dizia para os economistas – eu penso que foram poucos os momentos da história do Brasil em que a gente conseguiu reunir um grupo de economistas para discutir o futuro, sem que as pessoas tivessem medo ou a síndrome de discutir alguma coisa que era proibida.

Então, nós, hoje, estamos aqui anunciando um Programa que tem uma quantia em dinheiro, certamente aquém daquela que São Paulo precisa e as cidades precisam, mas, certamente o maior programa de urbanização de favelas e saneamento básico em muitos e muitos anos neste estado.

E eu penso, governador e prefeitos aqui presentes, que o gesto mais importante que nós estamos fazendo, neste momento, é uma ação plural de entes federados com pensamentos ideológicos diversificados, com filiações partidárias múltiplas e que aqui estão com um único objetivo. Você pode ser o que você quiser antes das eleições, depois das eleições você pode tentar continuar a ser o que você quiser, mas você, em primeiro lugar, é o administrador da sua cidade, do seu estado e do País, portanto, todos nós temos a obrigação política, ética e moral de cumprir com as coisas que foram a razão pelas quais o povo nos elegeu.

Este gesto de hoje simboliza que o Brasil é um país que está preparado e consagrando as instituições democráticas, consagrando uma ação

democrática, demonstrando que a convivência democrática na adversidade é a garantia da convivência pacífica entre os partidos, entre os ente federados e entre, eu diria, toda a sociedade brasileira.

Amanhã, nós estaremos em Minas Gerais, governador Serra, repetindo o mesmo ritual. Na segunda-feira, estaremos no Rio de Janeiro cumprindo o mesmo ritual. Na outra semana, estarei em Salvador, estarei em Fortaleza, estarei em Pernambuco, depois no Rio Grande do Sul. Nós iremos cumprir esse ritual em todos os estados da Federação. E por que eu estou viajando o Brasil para cumprir esse ritual em todos os estados da Federação? Porque é uma forma de olhar nas caras dos prefeitos que estão assinando os protocolos, eles olharem na minha cara, e depois eu poder pedir para eles: pelo amor de Deus, executem esses projetos, porque não é sempre que o País tem dinheiro disponibilizado para fazer obras de saneamento básico e urbanização de favelas.

Além disso, tem uma outra coisa que eu considero extremamente importante. No Brasil, nós vamos ter que aprender a fazer as intervenções antes que uma coisa pequena vire uma coisa muito grande. Parte das favelas que nós estamos cuidando ou queremos cuidar, parte das palafitas que nós queremos tirar para construir casas dignas – já poderia ter tido casas dignas se houvesse, décadas atrás, administradores que tivessem a preocupação de fazer a intervenção logo no início. Porque só com um barraco, é possível você construir uma primeira casa; com um segundo barraco, é possível construir uma segunda casa; mas se deixar fazer 10 ou 15 mil, depois vai ficar tão caro para desapropriar quanto é caro fazer. E assim, nós estamos gastando mais dinheiro para despoluir os nossos rios, mais dinheiro para preservar as nossas florestas, mais dinheiro para recuperar muitas das coisas que, irresponsavelmente, foram feitas neste País. Portanto, a gente não tem que ficar olhando o que não aconteceu ontem. O que não aconteceu ontem faz parte do passado político, que a gente deve ter boa ou má lembrança, mas é um compromisso nosso o que vamos fazer a partir de amanhã.

E aí, uma coisa que todo mundo precisa compreender. No exercício da Presidência da República, no exercício do governo do estado e no exercício da prefeitura, da mesma forma que um prefeito não olha um bairro – por lá a oposição é mais forte – da mesma forma que um prefeito não fica trabalhando

com a pesquisa e fala: “em tal vila, em tal bairro, eu perdi as eleições, então eu não vou fazer as coisas lá”, da mesma forma que ele tem que fazer onde precisa, o governo do estado tem que atender os prefeitos que precisam e o presidente da República tem que atender os estados e as cidades que precisam. A gente não pede filiação partidária, a gente pede compromisso. Eu nem exijo que um prefeito, Serra, vire corintiano, porque eu quero respeitar os palmeirenses, os são-paulinos, os santistas, os torcedores da Portuguesa, do XV de Jaú, do XV de Piracicaba, do Guarani, da Ponte Preta. O time de Matão já caiu para a segunda divisão, não vou falar aqui de Matão. Mas o que eu quero dizer, gente, é que nós estamos dando um exemplo que pode ser seguido.

O Serra já esteve no Senado por muito tempo, já foi ministro. Aqui, o Luciano Coutinho, outros ministros conhecem bem: muitas vezes, uma obra não acontece porque o político que não está no governo não quer que você faça obras naquele estado porque vai favorecer o seu amigo. Muitas vezes, você vê um companheiro trabalhando contra a obra numa outra cidade: “Não, você vai fazer lá? Você vai ajudar o fulano de tal, que é nosso adversário”. No estado, a mesma coisa. Ou seja, essa pequenez política só traz um resultado: é mais pobreza para este País, é menos desenvolvimento para este País.

Então, Serra, esta é a terceira vez que eu venho ao Palácio Bandeirantes, duas para assinar acordos e uma para receber o Papa, em que, certamente, assinamos um grande acordo para encontrar com Deus e para ter o lugar garantido, num futuro bem longínquo. Mas o dado concreto é que eu faço isso porque eu vivi na pele a experiência da má relação entre um presidente da República e um governador. E quando tem a má vontade, as coisas não acontecem. Teve estado em que nós passamos quatro anos tentando fazer alguma coisa, e era impossível, porque tinha uma disputa política amanhã.

Todos nós sabemos que em 2010 tem disputa política, todos nós sabemos que poderemos estar em times diferenciados, dentro da mesma arena, disputando. Mas todos nós temos que ter grandeza. O que nós estamos fazendo hoje é dizer para o povo brasileiro: confiem, que a classe política vai ter o mínimo de compromisso e o máximo de decência para descobrir que a eleição acabou. Nós, agora, temos que governar, e se não governarmos bem,

nós seremos julgados daqui a pouco tempo.

Então, Serra, esteja certo de que eu virei a São Paulo fazer quantos acordos forem necessários. Estejam os prefeitos certos que jamais um será convidado a Brasília para mudar de partido político, ou seja, isso é um problema de consciência de cada um. Mas estejam certos de que nós estamos vivendo um momento, na história do Brasil, em que poucos tiveram o privilégio de viver essas condições. As coisas estão dando tão certo que, muitas vezes, eu fico até preocupado de gente incomodada procurar pêlo em ovo para encontrar um jeito de fazer crítica ao País. O País está bem, as coisas vão bem, e eu acho que não é mérito individual de ninguém, é um mérito e uma conquista da sociedade brasileira.

Portanto, saio daqui, Serra, satisfeito. Saio daqui agradecendo a presença dos prefeitos que vieram. E o que eu quero pedir para vocês, eu só peço um compromisso de vocês, pelo amor de Deus, é um compromisso que eu vou fazer, na frente de todo mundo e na frente da imprensa, é o único compromisso: por favor, realizem as obras pelas quais vocês assinaram o protocolo.

Deus ajude vocês e que vocês possam ter sucesso. Um abraço.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do PAC Saneamento e Urbanização no estado de Minas Gerais

Belo Horizonte-MG, 27 de junho de 2007

Meu caro governador do estado de Minas Gerais, Aécio Neves,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Márcio Fortes, Ministro das Cidades,
Meu querido companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro Hélio Costa, ministro das Comunicações,
Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu querido companheiro Walfrido dos Mares Guia, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República,

Desembargador Orlando Adão Carvalho, presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais,

Meus companheiros deputados federais Ademir Camilo, Alexandre Silveira, Antônio Roberto Soares, Carlos Willian, Ciro Pedrosa, Fábio Ramalho, Jaime Martins, Leonardo Quintão, Mauro Lopes e Virgílio Guimarães,

Meu querido companheiro Fernando Pimentel, prefeito da cidade de Belo Horizonte,

Vereador Totó Teixeira, presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte,

Meu querido companheiro Luciano Coutinho, presidente do BNDES,
Minha querida companheira Maria Fernanda Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Prefeitos e prefeitas aqui presentes,

Secretários de Estado,

Secretários municipais,

Vereadores,

Companheiros representantes do movimento social – eu queria cumprimentá-los em nome do Wander Geraldo da Silva, presidente da Confederação Nacional de Associação de Moradores,

Queria cumprimentar o Saulo Manoel, dirigente da União Nacional por Moradia Popular,

E queria cumprimentar o Marcos Landa, dirigente do Movimento Nacional de Luta pela Moradia,

Meus amigos e minhas amigas,

Vocês percebem que quando a nominata é longa, a gente ocupa uma parte da gente, uma parte do tempo, utilizando a nominata. Mas vocês não sabem o que a gente escuta depois, se a gente não falar. Então, nós precisamos falar.

Queria cumprimentar o nosso querido companheiro Robson Andrade, que é o presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais, que tem sido um parceiro, ao longo de todo o nosso governo, compreendendo os momentos difíceis e aplaudindo os momentos bons da economia brasileira,

Meus amigos representantes do Movimento Popular na Luta por Habitação, por Saneamento Básico e por Urbanização de Favelas,

Vocês perceberam que tanto os prefeitos que assinaram, aqui, o protocolo, como na exposição feita pela ministra Dilma, nós atendemos as cidades acima de 150 mil habitantes. É importante lembrar a vocês que o critério para a escolha foi ver os principais problemas das cidades, sobretudo aquelas que tinham problemas de maior dimensão, para, então, a gente estabelecer uma proposta, que depois foi discutida com o governo do estado e com os prefeitos, para poder fazer o acordo.

Eu estou dizendo isso para lembrar aos prefeitos das cidades com menos de 150 mil habitantes, porque eu ouvi um companheiro gritar: “E Teófilo Otoni, onde está?” E eu fiquei aqui matutando onde é que está Teófilo Otoni. E é importante dar uma resposta aqui, companheiros.

Nós temos mais dois programas. Eu só queria lembrar que nós tivemos o cuidado de organizar o lançamento do PAC e a preparação dos atos que estamos fazendo agora. O primeiro foi ontem, em São Paulo, junto com o governador José Serra, e o segundo aqui. Segunda-feira vou ao Rio de

Janeiro, depois a Salvador, a Fortaleza, a Recife, a Belém, a Manaus, a Porto Alegre e a Curitiba. Depois, nós vamos percorrer os outros estados da Federação.

E é importante lembrar que a nossa preocupação – e eu acho que é a preocupação dos prefeitos, é a preocupação do governador Aécio – é que, na medida em que você anuncia um pacote de dinheiro que você vai liberar para obras que são essenciais para a sociedade, é preciso que esse dinheiro comece a produzir os seus efeitos logo. E qual é o primeiro efeito que ele vai produzir? Na hora em que o prefeito fizer a licitação, as obras vão começar e o primeiro efeito, antes de melhorar a qualidade de vida das pessoas, é a geração de empregos e renda, são empresas ganhando dinheiro, são trabalhadores ganhando salários e a economia crescendo como um todo.

Eu não tenho dúvidas que com o PAC – depois do Plano de Desenvolvimento Industrial do presidente Getúlio Vargas, depois do Plano de Metas do Juscelino Kubitschek e depois do Plano de Desenvolvimento do governo Geisel, que foi o último grande programa de investimentos com seus planos decenais – a gente voltou a pensar em crescer. Havia, aproximadamente, 25 anos que a gente não tinha um programa de desenvolvimento nacional envolvendo 504 bilhões de reais em três anos e meio, agora, não são mais quatro.

Essa preparação que nós tivemos no PAC, nós vamos ter na área do transporte também, no PAC do transporte; nós vamos ter nas obras da Petrobras, porque só a Petrobras são quase 228 bilhões de investimento em coisas que vão significar mais empregos e mais riquezas para o nosso País.

Eu falei das cidades com menos de 150 mil habitantes, porque além de tudo isso, nós temos, para os municípios com população menor que 150 mil habitantes, o Fundo Nacional da Habitação de Interesse Social, que tem 2 bilhões. A primeira seleção dos municípios será feita em junho, a segunda será em setembro. Depois, nós temos o PAC da Funasa, e serão mais 4 bilhões de reais para as cidades, aí, sim, com menos de 50 mil habitantes e, entre as cidades do Brasil com menos de 50 mil habitantes, nós vamos escolher aquelas que tenham maior índice de malária, maior índice de doença de Chagas, para ver se a gente consegue acabar com essas duas desgraças que ainda fazem sofrer muita gente do povo brasileiro. Só para lembrar que todas a

idades têm previsão de ser atendidas aqui. Nem todas terão o privilégio de Divinópolis que, além de receber o PAC, recebeu uma universidade, em que vai ter vestibular em dezembro deste ano.

Mas eu queria dizer ao governador Aécio Neves, ao prefeito Pimentel, aos meus ministros, aos nossos prefeitos e ao povo convidado que o que nós estamos anunciando aqui não é apenas um conjunto de financiamentos com dinheiro do estado de Minas Gerais, BNDES e governo federal, e nem um conjunto de dinheiro do Orçamento da União, em projetos construídos diretamente com os prefeitos que estão aqui. É mais do que isso. O que nós estamos fazendo é aprimorando, da forma mais civilizada possível, a convivência democrática entre os entes federados deste País, dando uma demonstração de que quando a gente governa, a gente não olha a cara do partido a que pertence o governador ou o prefeito. A gente olha a cara do povo, que são todos os brasileiros e que são todos os mineiros e que, portanto, todos precisam ter um tratamento equânime.

Houve um tempo neste País em que se governava apenas para os amigos; houve um tempo neste País em que presidente da República não recebia governador de oposição; houve um tempo neste País em que presidente não recebia prefeitos; houve um tempo em que governador também não recebia prefeitos; e houve um tempo em que prefeito também não recebia os cidadãos que moravam na periferia, que iam lá para reivindicar. Porque nós éramos acostumados, em época de eleição, a todo mundo ser maravilhoso, sobretudo com o pobre. Mas, depois das eleições, se esquece do muito que a gente pediu e se comprometeu. Então, nós estamos construindo uma nova cidadania.

Eu nunca perguntei para nenhum prefeito aqui de que partido ele é e nunca tratei alguém melhor por ser do PT, por ser do PSBD, por ser do PMDB, por ser do PTB, do PDT, do PSB, e não é assim que a gente vai arrumar este País. A gente vai arrumar este País tendo um tratamento respeitoso com todas as pessoas.

E, aqui, eu quero dizer que compreendo bem a política, vivo a política, faço a política. Eu sei que, muitas vezes, nos embates, a gente critica, eu sei que, às vezes, a gente solta palavras fora de hora e, às vezes, ofende alguém, machuca alguém. Mas uma coisa que a gente não pode perder de vista é o

seguinte: a cada acerto nosso, quem ganha é o povo, e a cada erro nosso, quem perde é o povo. Essa deve ser a dinâmica do nosso comportamento.

É por isso que nós não tememos dizer a vocês que o Brasil, depois de muitas décadas, e aqui, quem é empresário sabe, quem é trabalhador sabe, afinal de contas, 26 anos sem a economia crescer, sem fazer distribuição de renda... Eu vou dar só um dado para vocês: na década de 80, este País tinha 2 milhões e 800 mil metalúrgicos, ele chegou a 1 milhão e 400 e, agora, já estamos, outra vez, com 1 milhão e 800. Mas ainda falta 1 milhão para a gente recuperar, Robson, o que a gente tinha na década de 80. Certamente que, com os avanços tecnológicos, as empresas nunca mais vão contratar a quantidade de trabalhadores que contratavam na década de 80. Mas, se uma empresa só não contrata, significa que nós teremos que ter muitas empresas contratando, muitas empresas contratando mais.

Eu vou dar um exemplo para vocês: eu fui dirigente sindical, nos anos 80, em que uma Volkswagen tinha 44 mil trabalhadores e produzia metade dos carros que ela produz hoje, com 17 mil trabalhadores. Ou seja, aumentou a produção da empresa e diminuiu o número de trabalhadores. Essa é a lógica da modernidade que a sociedade vive hoje, essa é a lógica dos avanços tecnológicos. É por isso que nós precisamos diversificar as oportunidades de empreendimentos e de investimentos e melhor qualificar o trabalhador. Porque eu lembro, hoje, que no meu tempo, quando a gente ia procurar emprego, nos anos 60, eles pediam o diploma do primário e quem tivesse o diploma do primário estava com o emprego garantido. Em 2007, para trabalhar de balconista numa loja, eles estão pedindo o segundo grau, às vezes perguntam se você sabe computação e, dependendo do salário, querem o ensino superior.

Então, não adianta, nós não temos saída. Nós vamos ter que colocar na cabeça, prefeitos, governadores, presidente da República, sociedade: a educação é o maior patrimônio que nós poderemos produzir neste País. E, dentro da educação, a formação profissional, porque eu conheço o dilema de uma jovem de 18 anos ou 19 anos, que sai para procurar emprego e não tem profissão. Não tem coisa pior do que a pessoa perguntar: "O que a senhorita sabe fazer?" "Nada". Se falar que sabe tudo, é porque não sabe nada. Ou sabe fazer uma coisa bem-feita... Quem aqui conhece futebol sabe: quando a gente vai jogar bola e tem 30 pessoas para jogar, depois de tomar cerveja, você vai

distribuir a camisa e você pergunta para o cidadão: “Companheiro, você joga em que posição?” “Qualquer uma”. Se falar “qualquer uma”, não joga nada. Ou ele é goleiro, ou lateral direito, ou ponta esquerda. Se ele falar “qualquer uma”, nem dê a camisa para ele, porque ele não sabe jogar. Pois bem, na profissão é a mesma coisa. Se a pessoa pergunta o que sabe fazer e ela diz “ah, qualquer coisa”, é porque não sabe fazer nada.

Hoje, nós temos um problema, porque os nossos jovens estão terminando o segundo grau e, junto com o segundo grau, não têm uma profissão. Têm um bom nível médio de educação, mas não têm uma profissão. Então, continuam desempregados. Nós temos esse desafio, agora.

É por isso que nós, junto com o PAC, lançamos um programa chamado Programa de Desenvolvimento da Educação, que é a maior revolução da educação neste País. Obviamente que isso não vai dar certo já para o ano que vem, esse é um processo que vai levar um tempo para que a gente possa fazer.

Eu estava vendo, ali, aquela menina que levantou para me entregar um papel, ela é uma bolsista do ProUni. E ela pode dizer – você também é? – você pode dizer o que o ProUni significa na sua vida porque, possivelmente, você nunca teria chegado a uma universidade. São 370 mil vagas ofertadas e, até agora, já temos 320 mil jovens fazendo universidade.

Eu lembro que, quando nós lançamos o ProUni, não faltou um engraçadinho para dizer o seguinte: “O presidente Lula – como eu não tenho um diploma universitário – está nivelando o ensino universitário por baixo”, numa forma desprezível de tratar a possibilidade do pobre chegar à universidade. Mas, como Deus escreve certo por linhas tortas, este ano houve a prova do ENAD, houve a prova nacional para medir a qualidade dos estudantes brasileiros e, em 14 matérias, medicina e engenharia incluídas, os melhores alunos foram exatamente os pobres do ProUni que chegaram à universidade brasileira.

Da mesma forma, Governador, que em 2004, eu por conta de uma solenidade, fiquei sabendo que tinha uma coisa chamada Olimpíada da Matemática no Brasil, que tinha 274 mil jovens inscritos, a grande maioria de escola privada. Na época, o ministro da Educação era o Tarso Genro, e eu falei: “Tarso, por que a gente não tenta fazer na escola pública a Olimpíada da

Matemática?” Ele falou: “Presidente, eu vou conversar lá no MEC”. Quando foi conversar, as pessoas começaram a dizer: “Ah, não, estudante de escola pública não vai entrar nisso, imagina, não tem experiência, não tem hábito, não tem cultura”. Então, veja o que aconteceu neste País. Nós fizemos, em 2005, a primeira inscrição, e então se inscreveram 11 milhões de crianças das escolas públicas, 10 milhões e meio participaram do concurso. O primeiro colocado foi um menino de Brasília – cego, surdo e paraplégico –, entre todos os estudantes que se inscreveram.

Aí, vamos fazer a segunda vez, e fizemos a segunda vez. Tinha a época eleitoral, a Justiça Eleitoral proibiu que a gente fizesse propaganda. Então, eu falei: faliu o Programa, porque não tem publicidade, como é que vai ser? Não deixavam nem colocar cartazes nas escolas, proibiram. Pois bem, se inscreveram 14 milhões de crianças, 3 milhões a mais do que no primeiro ano. Este ano, sabem quantos se inscreveram? Dezessete milhões e 300 mil crianças neste País. A coisa é tão e extraordinária que, para o ano que vem, nós vamos, além da Olimpíada da Matemática, criar a Olimpíada de Português, para fazer com que o jovem brasileiro possa se interessar mais. Eu estou dizendo isso para tentar lembrar vocês o seguinte, companheiros: o povo brasileiro precisa de oportunidades e o Brasil precisa de oportunidades.

Durante muito tempo, e possivelmente muita gente aqui ainda era menino, eu, nem tanto, porque já tenho 61 anos, mas o companheiro Luciano Coutinho, presidente do BNDES, que é um dos mais destacados economistas deste País, sabe, porque durante quase 30 anos ele teve que escrever sobre a falência da economia neste País. Então, eu posso dizer para vocês aqui, na frente de um grande economista, na frente do Governador, e se tiver economista, aqui, no meio de vocês, eu também falo, e falo na frente do Robson, presidente da Federação das Indústrias: Robson, há muito tempo o Brasil não vivia uma situação privilegiada que ele vive hoje. Está tudo pronto? Não. Nós, apenas, tiramos o paciente do coma em que ele estava, e esse paciente não está mais na UTI, ele está na rua fazendo ginástica. Então nós, agora, paramos de dar antibiótico para esse paciente e vamos dar vitamina, vitamina C, vitamina A, para esse paciente ficar cada vez mais robusto e não voltar mais para o hospital. Porque, hoje, nós temos 146...

Oh, Robson, me conta uma coisa: quantas vezes você pensou na vida

que o Brasil ia ter 146 bilhões de reservas? Duvido que tenha um economista que tenha pensado nisso. Nós temos 146 bilhões de dólares de reservas, não devemos nada ao FMI, não devemos nada ao Clube de Paris. A tendência é, na hora em que a União comece a ir bem, os estados que têm maior pujança, como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, também conquistarem um volume de crescimento extraordinário, e o PAC vem ajudar. Este Programa que nós viemos lançar aqui hoje vem ajudar a tornar esse crescimento irreversível. Quem acompanha a economia sabe que não há momento na história do Brasil, sem precisar privatizar nada, que tenha a quantidade de dólares que está entrando neste País.

Então, nós agora, estamos apenas tendo que administrar, sabendo que o governo tem que agir com seriedade com as suas contas, nós não podemos gastar mais do que a gente ganha, isso vale para o governo e vale para o trabalhador. Todo trabalhador que ganha salário sabe que, se recebeu o salário no dia 5 e for perder numa mesa de snooker, vai quebrar a cara quando chegar em casa. Vai chegar e, ou apanha da mulher ou no dia seguinte tem que andar entre os vizinhos pedindo cinco “pilas” emprestado para poder pagar a condução. E o trabalhador responsável, não. Ele chega, senta com a mulher, paga as suas contas, se sobrar um pouquinho guarda, só vai comprar uma televisão quando puder pagar a prestação, não é isso? É aquele que recebe o 13º salário, férias e, no final de mês, não gasta tudo, ele guarda um pouquinho porque sabe que em janeiro vem descontado o Imposto de Renda e ele vai quebrar a cara.

Então, nós não podemos perder a responsabilidade de cuidar da economia do País como a gente cuida do salário da gente e da economia da casa da gente. Quando o filho da gente quer muito, a gente fala: “Não posso te dar”. “Ah, eu quero 50 para sair, pai”. “Não tenho 50, só tenho 20”. Por quê? Porque tem mais gente querendo mais 20, então tem que distribuir de forma justa e equânime.

Por isso, o PAC atende todos os estados brasileiros, uns mais, outros menos. O Aécio disse uma coisa, aqui, e o Pimentel, eles sabem da angústia que eu tenho, já há dois anos, de poder aumentar um pouco a capacidade de endividamento dos estados, para quê? Para que os estados possam pensar os seus programas de investimentos estaduais. Não adianta nada o governo

federal anunciar 504 bilhões de investimentos e os estados não terem 50 centavos para investir. Então, é preciso criar essas condições, e o Aécio disse uma coisa verdadeira: Minas Gerais só conquistou o direito de aumentar o seu crédito porque durante quatro anos agiu com responsabilidade e cuidou dos interesses do estado e do dinheiro com cuidado. Tem outros estados que não cuidaram, e nós vamos ter que ajudá-los a resolver o problema para que a gente possa também aumentar a capacidade de endividamento do estado.

Então, companheiros e companheiras, eu saio de Minas, hoje, com a mesma alegria que eu saí de São Paulo ontem e que vou sair do Rio de Janeiro na segunda-feira. Eu saio com a nítida convicção de que não existe, por mais que tenhamos divergências político-partidárias, por mais que tenhamos pretensões políticas – e graças a Deus, você não sabe, Aécio, a tranqüilidade de você governar sem ter o próximo a mandato para disputar daqui a quatro anos, você não sabe a leveza com que eu estou. Eu, se pudesse, estaria aqui levitando, porque não tenho mais esse peso nas costas.

Então, o fato de eu não estar em disputa em 2010 me permite poder fazer com mais tranqüilidade, mais e melhor do que nós fizemos. Por exemplo, o Bolsa Família vai ter aumento, sim, nós vamos garantir um aumento para o Bolsa Família. As políticas sociais vão aumentar, sim, não pensem que vai parar por aí. Hoje nós já anunciamos o maior Plano Safra para a agricultura familiar da história deste País: são 12 bilhões de reais para o Pronaf, a juros muito baixos.

E vamos continuar fazendo, sabem por quê? Porque é preciso fazer uma partilha justa. Às vezes, um empresário me procura pedindo 1 bilhão emprestado e, às vezes, um trabalhador me procura pedindo 200 reais emprestados. Então, a gente pode atender muita gente pobre neste País se a gente tiver um olhar humano, se a gente tiver um olhar cristão e se a gente perceber que, no fundo, no fundo, essa gente pobre é quem ajuda a construir esta nação, sem pedir muita coisa para os governos municipais, estaduais ou federal.

É com muito orgulho, governador Aécio, prefeito Pimentel, que eu termino as minhas palavras dizendo a vocês que peço a Deus que me dê força e saúde para voltar muitas vezes a Minas Gerais. O governador Aécio não me elogia de graça. Vocês viram que ele fez uns elogios aqui, e já saiu

conquistando o aeroporto, já saiu conquistando o metrô.

Mas tem uma coisa comum que nós precisamos trabalhar juntos. Esses dias, o Senado aprovou uma lei da educação, que era o Fundeb, e que dava uma verba de 1 bilhão e 37 milhões divididos entre os estados. Minas Gerais tinha uma parcela disso, e São Paulo tinha uma parcela maior. Tinha 10 estados que não tinham nada. Eu vetei.

Bem, obviamente que o Aécio me fez uma ponderação de que ele tem um programa especial para o Vale do Jequitinhonha. E eu disse para o Aécio: “Aécio, se é para fazer investimento no Vale do Jequitinhonha, nós vamos sentar e nós vamos acertar o investimento para o Vale do Jequitinhonha”. Porque, embora eu não tenha nascido em Minas Gerais, o Vale do Jequitinhonha faz parte da minha vida, faz parte da minha paixão. Eu, cada vez que ia ao Vale do Jequitinhonha – fui muito ao Vale do Jequitinhonha – eu via aquele povo sofrido, com aquela esperança e com aquela capacidade cultural, que eu acho que poucos povos do mundo têm. Eu não posso faltar com o Vale do Jequitinhonha. Então, Aécio, você pode ficar tranquilo, porque não faltará o dinheiro para a educação do Vale do Jequitinhonha, porque eu ainda quero visitar muitas vezes o Vale.

No mais, companheiros e companheiras, que Deus abençoe todos vocês. Obrigado pela presença dos deputados, dos prefeitos e até outro dia, se Deus quiser.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Plano Safra da Agricultura Familiar-2007/2008

Palácio do Planalto, 27 de junho de 2007

Meu querido companheiro José Alencar, vice presidente da República,
Deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,
Minha querida companheira Marisa,
Senhores ministros Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,
Reinhold Stephanes, da Agricultura,

Companheiro Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,
Companheira Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Políticas de
Promoção da Igualdade Racial,

A nossa governadora Ana Júlia, que levantou e foi na minha sala,
certamente está com uma pauta de reivindicação,

Senadores presentes, tem muitos senadores e só tem a nominata de
um, se eu citar um, tenho que citar todos, então, senadores e senadoras aqui
presentes,

Companheiros e companheiras deputados e deputadas federais,
Meu companheiro Antonio Francisco de Lima Neto, presidente do Banco
do Brasil,

Roberto Smith, presidente do BNB,
Abdias José de Souza Júnior, presidente do Banco da Amazônia,
Silvio Crestana, presidente da Embrapa,
Meu caro Rolf, presidente do Incra,
Meus amigos e amigas, signatários dos termos de cooperação técnica,
Senhores e senhoras representantes de cooperativas e entidades da
agricultura familiar,

Companheira Maria Pereira dos Santos, e meu caro Daniel Bruno,
Senhores e senhoras agricultores,
Meus amigos e minhas amigas,
Companheiros, tem mais lista aqui, duas nominatas em vez de uma. O

cara que lê a nominata pode ser candidato a vereador nas próximas eleições porque o discurso é mais longo do que o que vocês fizeram aí.

Meu caro Adoniram Sanches Peraci, secretário de agricultura familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário,

Meu companheiro Manoel dos Santos, presidente da Contag, Confederação dos Trabalhadores na Agricultura,

Meu companheiro Márcio Lopes de Freitas, presidente da OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras,

Senhora e companheira Elisângela Araújo, coordenadora da Fetraf, Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar,

Senhor José Silva Soares, presidente da Asbraer, Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural,

Senhor José Aldo dos Santos, coordenador da rede Ater Nordeste,

Senhor José Paulo Crisóstomo Ferreira, presidente da Unicafe, União Nacional de Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária,

Senhora Lecian Conrad, da Direção do Movimento dos Pequenos Agricultores,

Companheiros e companheiras,

Mulheres e homens,

Companheiros e companheiras do Incra,

Trabalhadores do nosso querido País.

Eu tenho pouco tempo para falar porque nós temos que ir para Minas Gerais, eu tenho que pegar o voo às 14 horas e a dona Marisa está aqui na fiscalização, porque eu preciso ir em casa ainda. Mas eu queria dizer umas poucas coisas para vocês.

Primeiro, companheiros do Movimento dos Pequenos Agricultores da Fetraf e da Contag, a democracia é uma coisa extraordinária, a democracia permite, ao contrário do que muita gente pensa, que tem que juntar, muitas vezes ela separa. Então, muitas vezes ela separa porque as pessoas estão num processo de formação, num processo de aprendizado, e vocês viram que o programa aqui é para agricultura familiar. Nós temos três entidades representativas dos agricultores familiares aqui, quando alguém poderia teoricamente dizer: por que não tem apenas uma? Não tem apenas uma

porque ainda não se chegou à conclusão de que tem que ter apenas uma.

Eu estou dizendo isso, porque essa riqueza da diversidade política do Brasil é uma coisa que nós precisamos admirar em vez de rejeitar. É uma coisa que nós precisamos aprender a gostar em vez de achar ruim, e eu sei que muitas vezes tem divergências entre os próprios companheiros, entendimento diferenciado na questão das cooperativas. Eu me lembro, companheiro Manoel, que quando tomei posse, a primeira coisa que fiz foi determinar ao Banco Central que liberasse cooperativas neste País, imaginando que a gente ia crescer, ia criar 1 milhão de cooperativas, e não criamos 1 milhão de cooperativas. Por que não criamos? Porque a sociedade brasileira ainda não estava preparada para criar cooperativas e elas não podem ser criadas de cima para baixo, porque se a gente tentar criar uma cooperativa de cima para baixo, ela acaba na mesma rapidez com que nasceu. É preciso, então, que seja um processo de amadurecimento, que as pessoas compreendam a necessidade de ter essa cooperativa para criá-la.

Tem um projeto no Congresso para definir essa questão, se vai estar todo mundo junto ou não. Você quer saber? Eu acho que a agricultura familiar deveria ter uma cooperativa, os empresários deveriam ter outra. Mas tem gente que pensa o contrário e, talvez, não seja pior do que eu, talvez seja igual a mim ou até melhor do que eu. É um direito, e nós vamos esperar que o jogo de pressão e de debate no Congresso Nacional aprove aquilo que for melhor para o conjunto dos produtores agrícolas brasileiros, envolvendo os empresários e envolvendo a agricultura familiar.

A terceira coisa importante são as pautas de reivindicação. Eu estava vendo os companheiros falarem, depois ouvi o Guilherme falar e eu imaginei que os que falaram, fossem falar das coisas que o Guilherme falou. Houve uma inversão da pauta, porque o dado concreto é que as conquistas sociais acompanham um pouco o avanço tecnológico da humanidade. Por que todo ano uma empresa tem que lançar um carro novo? Por que todo ano tem que ter uma geladeira nova? Às vezes não muda muita coisa, mas tem uma peça diferente, tem um design diferente que é para oferecer um produto novo. Por isso que carro muda todo ano. Às vezes você compra um Gol neste ano, um carro da GM ou um carro da Fiat, qualquer carro e, no ano seguinte, vai comprar um outro carro, você pede o mesmo e já tem um modelo novo, três,

quatro mil reais mais caro. Você paga e fica procurando “o que tem de novo aqui?” Tem uma peça, tem duas peças, tem uma luz, aquela que acende para dar sinais à noite, aquela vermelha, alguma coisa.

A pauta de reivindicação também é assim. Agora, quando a gente quer fazer uma pauta de reivindicação nova, a gente não pode perder que, mesmo tendo avanço tecnológico, a essência do carro é o carro. A peça nova é apenas um componente. E por que eu estou dizendo isso? É porque, companheiros trabalhadores rurais, o Plano Safra deste ano é uma conquista extraordinária de vocês, não é minha. É uma conquista dos trabalhadores rurais deste País, é uma conquista exuberante pela forma como vocês se organizaram, pela forma como vocês conquistaram – não com subordinação, mas com autonomia – o direito de conversar com o governo. O companheiro Dulci, que cuida disso junto com o Guilherme, sabe quantas reuniões ele faz com vocês durante o ano para ir preparando, para a gente chegar na situação em que nós chegamos. E, para minha surpresa, Manoel, ontem fui dormir com uma taxa de juros e acordei hoje com uma taxa de juros menor. Até a Fazenda está compreendendo a necessidade de flexibilizar a questão da agricultura neste País. Essa foi uma conquista que o Reinhold teve ontem à noite. Ora, já que vai dar para outro, estende para todo mundo. Como nós já tínhamos feito o acordo com vocês, vamos estender para vocês as coisas.

O desafio que está colocado para nós, companheiros, e essa coisa vale para mim, é que quando eu deixar a Presidência da República, um dia nós vamos nos encontrar em algum lugar deste País e vamos fazer um balanço do que nós conquistamos e do que nós não conquistamos, do que nós avançamos e do que nós não avançamos. Nós precisamos trabalhar com isso, porque é isso que vai politizando a sociedade, é isso que vai mostrando para o trabalhador a necessidade de fazer uma pauta nova a cada ano.

Eu acho extraordinário esse avanço tecnológico da pauta de reivindicação. Eu fui sindicalista por 30 anos e eu fazia assim também. Se eu ganhasse 10% neste ano, eu queria mais 5% no ano que vem, e se ganhasse mais 5%, eu queria mais 2%. Eu compreendo que é assim, acho que tem que ser assim e quero que vocês saibam que este governo jamais achará ruim que vocês, a cada ano, apresentem uma coisa nova. É de conquista em conquista que a gente vai consolidando o processo democrático deste País, que a gente

vai consolidando uma relação nova entre o Estado e a sociedade, entre o governo e as entidades organizadas da sociedade, entre o governo e o povo. Se não for assim, fica numa mesmice chata, que não deu certo em muitos anos. Vocês sabem que eu sou amigo da grande maioria das pessoas, amigo íntimo até, e que eu nunca pedi para um companheiro: “não reivindique isso”. Nunca.

Agora, o que nós precisamos compreender é que é humanamente impossível, em quatro, oito ou 12 anos, fazer coisas que às vezes levam décadas, levam séculos para fazer e nós precisamos começar a construir essa coisa. Vamos ver um exemplo aqui. Quantos hectares de terra foram desapropriados para a reforma agrária em oito anos do governo passado? Vinte e dois milhões de hectares em oito anos do governo passado? Vinte e dois milhões de hectares em oito anos. Quantos foram desapropriados em quatro anos do meu mandato? Trinta e dois milhões de hectares. É uma diferença enorme, há uma diferença substancial. Quando é que os companheiros do Incra imaginavam entrar para fazer protesto no Palácio do Planalto? E entram, porque enquanto eu for Presidente, os companheiros do Incra podem gritar aqui ou pode gritar lá fora, mas na hora de fazer acordo, têm que sentar à mesa de negociações e fazer o acordo que é possível fazer.

Essa grandeza da democracia nós precisamos aprender a admirar, porque eu acho normal os companheiros, Mané, que tiverem em você o seu porta-voz, é importante que digam para você que no nosso mandato o reajuste que demos foi, em média, de 60%. Algumas categorias pegaram 60% e outras pegaram 40%, e isso é número. E fizemos um plano de carreira que aprovou a contratação do número que o Guilherme falou, e já contratamos mil e 800. Agora, aqui no governo federal, Mané, é assim: quando você dá aumento para um, todos querem. E a nossa folha de pagamento tem um limite, porque se eu gastar tudo com folha de pagamento, eu não tenho dinheiro para fazer o Plano Safra, eu não tenho dinheiro para a assistência técnica, eu não tenho dinheiro para fazer os assentamentos. É preciso que haja compreensão.

Na negociação, tem um limite do possível. Isso se chama democracia, e nessa coisa de negociação, Mané, pode ter igual, melhor do que eu não tem, porque eu aprendi isso no chão de fábrica e todo mundo sabe que eu jogo muito aberto. Eu tenho dito publicamente. Noutro dia, eu dei uma entrevista e o

jornalista perguntou: “Mas, Vossa Excelência é sindicalista, o senhor está contra a greve agora?” Não. Não sou contra a greve, eu quero é regulamentar a greve. Ninguém pode ficar 70 dias sem trabalhar e depois receber pelos dias em que não trabalhou. É preciso receber pelos dias em que trabalhou. Eu fazia assembleia de 100 mil trabalhadores na Vila Euclides. Não eram 30, eram 100 mil, e eu dizia: se vocês quiserem que eu coloque na pauta os dias parados, não façam greve, vão trabalhar já.

Então, a única coisa que eu quero é tornar este País um país civilizado em que todo mundo tenha direitos e deveres, em que a gente possa acordar, sabendo o que vai acontecer. Agora, tem gente que quer fazer 90 dias de greve, não é possível. Perguntem por que o Ibama está em greve hoje? Eles não sabem, porque tiveram os aumentos que queriam. Estão em greve porque a Marina está propondo uma mudança entre a turma do licenciamento prévio e a turma dos parques. Estão em greve.

Então, companheiros e companheiras, eu vou dizer uma coisa, companheiro Mané: voltem para a sua terrinha, companheira Elisângela, sabendo de uma coisa. Nós ainda estamos longe de conquistar tudo aquilo que nós queremos, mas nós já conquistamos muito mais do que a gente sonhava conquistar em muitos anos, e sabemos que vamos construir um pouquinho a cada ano. E a gente tem que se aprimorar, do ponto de vista técnico, porque nós temos que ter uma coisa chamada utilização da multifuncionalidade da terra, diversificar a produção. Acabou aquela história do século passado em que o cidadão plantava apenas produtos de primeira necessidade para comer, como feijão e mandioca. As pessoas precisam aprender a plantar e a ganhar dinheiro, porque é o dinheiro que vai levar para a casa delas os benefícios.

Então, assistência técnica é para isso, e eu acho que nós estamos avançando também nessa área. É importante a gente não esquecer nunca que nós pegamos este País totalmente desmontado do ponto de vista da agricultura, vocês sabem como era. E eu acho que o Ministério do Desenvolvimento Agrário está fazendo um trabalho extraordinário junto com o Incra, e vamos continuar fazendo. Deus queira que continue assim: que todo ano vocês apresentem a pauta de reivindicação e que todo ano a gente possa atender o máximo possível, porque quando terminar o mandato... Eu estou vendo o Bianchini ali, que deixou o Incra, deixou o Ministério para ir trabalhar

no Paraná. Antes de eu ser presidente, Manoel, eu utilizava um número, que não sei de onde saía, que diziam assim para mim: “Presidente – não era presidente ainda – companheiro Lula, 800 mil famílias deixaram o campo”. E eu saía pelo Brasil falando: 800 mil famílias deixaram o campo, enquanto o governo só tinha assentado 200 mil. Desde que o Bianchini assumiu o Ministério, eu dizia: Bianchini, eu quero saber onde está este número. Um presidente da República, para citar números, tem que ter uma fonte, porque senão ele pode ser desmentido, tem que ter uma fonte. Até hoje eu não tenho esse número, mas o dado concreto, mas o que eu tenho na verdade, Manoel, o que eu tenho na verdade, companheiro da Contag, da Fetraf, companheiros dos pequenos agricultores e deputados, é visto na televisão: trabalhadores da indústria voltando para o campo por causa do crédito, por causa do Luz para Todos, por causa da compra de alimentos.

É importante lembrar que enquanto um pequeno produtor ou criador de vaquinha leiteira vende o litro de leite no mercado a 30 centavos de real, este governo paga 70 centavos de real o litro. Por isso é um programa de sucesso e é por isso que o alimento chega à escola.

Quando o Reinhold Stephanes foi escolhido para ser ministro, a primeira coisa que eu disse para ele foi o seguinte: Reinhold é preciso cuidar da Conab, porque o programa que ela tem junto com o MDA de compra de alimentos é uma coisa extraordinária, sobretudo para o povo mais pobre deste País e vocês serão fiscais para saber se melhorou ou piorou.

Companheiros e companheiras, eu só pude falar o que eu falei e só pude ouvir o que eu ouvi porque graças a Deus a democracia reina nos ares deste Palácio.

Muito obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Plano Agrícola e Pecuário-2007/2008**

Palácio do Planalto, 28 de junho de 2007

Excelentíssimo vice-presidente da República, José Alencar,
Meu caro senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,
Meu caro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,
Ministros Reinhold Stephanes, da Agricultura, Pecuária e
Abastecimento; Néelson Machado, interino da Fazenda; Paulo Bernardo, do
Planejamento, Orçamento e Gestão; Guilherme Cassel, do Desenvolvimento
Agrário; Walfrido dos Mares Guia, da Secretaria de Relações Institucionais da
Presidência da República,

Senhores embaixadores estrangeiros acreditados junto ao governo
brasileiro,

Meu caro João Paulo, presidente da OCEPA, Organização das
Cooperativas do estado do Paraná,

Ideli Salvatti, senadora da República, líder do governo e líder do PT,

Meus caros deputados federais, Henrique Alves, líder do PMDB; José
Múcio, líder do governo na Câmara dos Deputados,

Meu caro Silvio Crestana, presidente da Embrapa,

Senhoras e senhores representantes do setor agropecuário e
empresarial de cooperativas e de entidades,

Meus amigos deputados federais aqui presentes, deputadas,

Meus amigos e minhas amigas,

Todas as vezes que eu vou fazer um discurso em que o meu antecessor
leu os números que eu ia falar, eu sou obrigado a mudar e conversar com
você um pouco mais com o sentimento que eu tenho.

Primeiro, quero dizer para vocês que eu, para evitar um desastre,
levanto todos os dias às seis e meia da manhã e, mesmo contra a minha
vontade, Zanetti, sou obrigado a fazer 45, 50 minutos de esteira, depois fazer
um monte de exercícios, tudo isso para evitar que eu seja pego de surpresa

com uma dorzinha no peito e seja obrigado a correr para um hospital altas horas da madrugada e ter que me submeter, primeiro a um cateterismo, depois a uma cirurgia, e a gente nunca sabe o que acontece no final de tudo isso.

Essa ação preventiva que eu faço, e que eu citei, tem que ser um espelho das ações preventivas que nós precisamos ter para a agricultura. E o momento é exatamente este. Não dá para encontrar soluções perfeitas para a agricultura se a gente deixar para discutir os problemas da agricultura apenas em época de crise. Em época de crise, nós temos as pessoas sérias que querem encontrar a solução, nós temos as pessoas que querem tirar dividendos políticos, sobretudo se estivermos perto de uma eleição, nós temos as pessoas que, por outras razões, devem e querem tirar proveito daqueles devedores que devem por conta da crise mesmo. Ou seja, em época de crise acontece de tudo. Num momento como este, a gente pode – e é essa a determinação que tem o ministro Reinhold Stephanes, o ministro Guido Mantega e todos os ministros envolvidos – juntar o setor, seja da agricultura familiar, seja do agronegócio, e estabelecer as bases para que nós criemos os instrumentos definitivos para que a gente não tenha que sofrer todas as vezes que tem um problema de intempérie no País.

Se vocês trabalharem da forma que eu fico imaginando que vocês devem trabalhar neste bom momento que vive o setor da agricultura no Brasil, a gente pode chegar, no final deste ano, tendo aprovado o projeto de lei que citou o ministro Reinhold Stephanes. Na hora em que entrar no Congresso, tanto a bancada que representa o setor quanto os outros deputados terão que trabalhar para colocar isso como uma coisa prioritária a ser votada no Congresso Nacional, para que vocês e o governo se dotem de instrumentos definitivos para que a gente não tenha que correr atrás do prejuízo a cada momento da história deste País. É uma coisa cíclica, são dois anos bons, três anos bons, depois dois anos de desastre, depois temos mais dois anos bons, depois mais três anos de desastres. É assim na história.

Eu não conheço um momento na história do Brasil em que a gente não teve, a cada três, quatro anos, problemas enormes na agricultura brasileira. Muitas vezes nossos problemas, muitas vezes problemas que advêm do mercado internacional, sobretudo agora que o Brasil é levado em conta no mercado internacional. Não é apenas a era do café, hoje, é a era da carne, é a

era do suco de laranja, a era da soja, a era de produtos industrializados da agricultura, a era do álcool, a era do biodiesel. Aumentou a nossa responsabilidade no mundo, aumentou a nossa responsabilidade no mercado internacional e, portanto, nós temos que ter muito mais cuidado.

Vocês acompanharam recentemente, lá em Bruxelas, a reunião da Rodada de Doha. E por que não se chegou a um acordo? Nós estávamos dizendo claramente o quê? Para se chegar a um acordo, os Estados Unidos da América do Norte deveriam reduzir os seus subsídios, que tinham um limite de 40 bilhões de dólares, que nos últimos três anos aplicou subsídios de 15 bilhões de dólares, mas que no último ano aplicou apenas 11 bilhões de dólares. Então, pela média, nós estávamos querendo que os Estados Unidos ficassem com 12 bilhões de dólares de subsídios, contra os 15 que eram a média dos últimos três anos e 1 bilhão a mais do que foi aplicado no ano passado. Eles queriam 17 e nós queríamos que os europeus abrissem o número da agricultura, nós queríamos que eles permitissem a mesma flexibilidade que eles exigiam de nós nos produtos industriais e no setor de serviços. Nós queríamos que eles abrissem na questão da agricultura, eles não abriram e começaram a fazer pressão para que os países emergentes, dentre os quais o Brasil, Índia, China, Argentina e outros, abrissem para os produtos industriais. No fundo, no fundo, nós iríamos abrir mais o nosso mercado de produtos industriais e eles não iriam abrir para nós aquilo em que nós somos tão competitivos quanto eles, que é o mercado agrícola. Então, não tem negócio.

Eu estou viajando na terça-feira para Portugal, vou ter encontros com representante da União Européia, com a Chanceler alemã, com o Presidente de Portugal, com o Primeiro-Ministro da Espanha, mas se eles não abrirem a agricultura, não tem mais conversa. Nós não podemos trabalhar com eles no século XXI como se trabalhou no século XX. Eles precisam compreender que os países emergentes precisam ter a oportunidade de disputar com eles. Então, não fechou o acordo.

Eu me lembro que na sexta-feira passada, o Tony Blair me ligou exigindo que o Brasil aceitasse, exigindo não, ponderando que se o Brasil não aceitasse o coeficiente que eles iam propôr para a indústria não tinha acordo. Eu falei: então não tem acordo, porque mais uma vez vocês querem que os países emergentes, os países pobres, abram as suas porteiras e vocês lacrem

as de vocês. Disse ainda a eles: o momento de negociação dos técnicos acabou, agora é decisão política. Se vocês quiserem fazer uma reunião, em qualquer lugar do mundo, eu estou disposto a pegar o aviãozinho e viajar para qualquer lugar, para que a gente assuma a responsabilidade de tomar decisões. Porque, no fundo, no fundo, eles têm uma vantagem que nós não temos, eles criam os negociadores. Na União Européia não aparece nenhum representante do governo, são apenas negociadores da União Européia e, em nome de proteger os países mais pobres que entraram na União Européia, eles protegem os seus interesses.

Aí eu penso, meus amigos e minhas amigas, que nós estamos vivendo um momento em que nós poderemos, Reinhold, resolver várias das coisas que pareciam insolúveis. E a primeira delas é dar garantia financeira, institucional, de que esse fundo de catástrofe, de que o seguro agrícola, vão ser coisas perenes, não vão ser coisas eventuais que a gente vá discutir em momentos de crise, de que a garantia de preço mínimo tem que ser uma coisa perene e não política eventual em função de crises momentâneas. E nós temos que fazer isso por quê? Não apenas pela importância da exportação da nossa agricultura, pelo que representa na geração de empregos, pelo que representa na balança comercial. É porque, embora o Brasil não seja mais um país agrícola, como a gente dizia nos anos 60, é um país também industrializado, nós precisamos ter consciência de que a agricultura ganha uma importância maior na medida em que os biocombustíveis entram na rodada de qualquer discussão que a gente quiser fazer no século XXI.

Eu estou convencido de que será inexorável: o mundo vai se curvar à questão do biodiesel. É apenas uma questão de tempo e vai depender da gente ficar batendo, não aceitarmos o argumento de que os biocombustíveis vão ocupar a área de alimentos, não aceitarmos o argumento de que os biocombustíveis vão ocupar a Amazônia, não aceitarmos nenhum argumento que não seja o argumento de que nós patenteamos um combustível que eles não patentearam e, portanto, nós queremos colocar esse biocombustível no mercado internacional, para que eles cumpram aquilo que foi assinado no Protocolo de Quioto. E nós só queremos ter a chance de competir, queremos competir na carne, queremos competir no suco de laranja, queremos competir no café, queremos competir na soja, queremos competir nos alimentos

industrializados. É por isso que o BNDES tem incentivado que indústrias brasileiras e frigoríficos brasileiros comprem frigoríficos em outros países para que a gente possa adentrar no mercado deles e ver se começamos a exportar.

Bem, dito isso, eu queria dizer para vocês que esta semana nós tivemos uma notícia que eu acho extraordinária. Esses dias os jornais estamparam uma matéria de que a Braskem, que é a maior indústria petroquímica da América Latina, vai produzir eteno do álcool. E, numa parceria com a Toyota, nós poderemos produzir, no curto prazo, o primeiro carro verde do mundo, em que todos os componentes que hoje são de plástico do petróleo, serão de componentes do álcool. Obviamente que ninguém vai precisar andar de carro lambendo o carro por dentro, ninguém vai precisar beber o carro, mas essa é uma coisa tão extraordinária para um país que tem as condições competitivas que tem o Brasil, que eu fico imaginando o que pode acontecer neste País nos próximos 20 anos. Eu já tenho 61 e não sei se vou estar aqui para ver, mas certamente os nossos filhos e os nossos netos estarão aqui para ver que será através da agricultura que a gente vai fazer uma nova revolução industrial no mundo no século XXI.

Por isso Reinhold, eu quero te dar os parabéns, quero dar parabéns à bancada que tem ajudado na elaboração desses acordos, e dizer para vocês o seguinte, meus companheiros: nós temos mais três anos e meio de mandato, e nesses três anos e meio vocês precisam aproveitar para a gente construir aquilo que não foi construído em tantos anos, apesar de muitas vezes vocês terem presidentes da República que vocês imaginavam que estavam mais próximos de vocês. Eu não sou um agricultor, sou um torneiro mecânico, mas tenho consciência do que a agricultura representa para o Brasil e para o mundo.

Boa sorte e muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de posse do procurador-geral da República, Antonio Fernando Barros e Silva de Souza

Palácio do Planalto, 28 de junho de 2007

Bem, primeiro quero pedir desculpas a vocês, porque estão em pé. No Palácio não se pode fazer dois eventos simultâneos. Nós estávamos ali lançando o Plano Safra 2007/2008 e as cadeiras foram todas ocupadas. Então, desculpem por estar todo mundo em pé, mas isso termina fazendo bem para a saúde de todos nós.

Eu quero cumprimentar o nosso querido José Alencar, vice-presidente da República,

O nosso querido presidente Sarney,

O nosso querido senador Renan Calheiros,

O nosso querido companheiro Arlindo Chinaglia,

A nossa ministra Ellen Gracie, presidente do Supremo Tribunal Federal,

O nosso empossado de hoje, Antonio Fernando Barros e Silva de Souza,

Quero cumprimentar a ministra Dilma Rousseff,

O ministro Tarso Genro,

O nosso advogado-geral da União, José Antonio Toffoli,

O nosso ministro Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão,

O nosso ministro do Supremo Tribunal Federal e presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Marco Aurélio Mendes Mello,

O nosso ministro Gilmar Mendes, vice-presidente do Supremo Tribunal Federal,

Senhores ministros do Supremo Tribunal Federal,

Senhores e senhoras deputados federais,

Senhores presidentes dos Tribunais Superiores,

Ministro Carlos Caputo, aqui representando o TSE,

Senhores e senhoras integrantes do Ministério Público, do Ministério da Justiça,

Família, esposa e filhos do Antonio Fernando,

Na verdade, eu imaginei que esta posse seria lá no Ministério Público, com um grande ato, como nós fizemos há dois anos. Eu queria dizer ao Antônio Fernando um pouco daquilo que eu disse na posse dele dois anos atrás. Uma democracia, para ser consolidada definitivamente, e para que não sofra os tremores naturais das intempéries políticas do país, precisa ter instituições sólidas, instituições fortes, instituições que não se abalem com manchetes de jornais, instituições que não se abalem com noticiário de rádio, de televisão, com debates dentro do Congresso Nacional ou com discursos do presidente da República.

As instituições, enquanto instituições, têm que ser sólidas politicamente, financeiramente e, sobretudo, precisam levar em conta que os seus membros não precisam construir biografias no exercício das suas funções. Eu digo isso, porque estamos vivendo um momento ímpar na história do País. Vivemos um momento ímpar na política, de crescimento econômico, vivemos um momento ímpar na participação dos mais pobres, seja no consumo ou na participação da democracia, estamos consolidando, em todo o sistema jurídico do País, instituições como os Conselhos que criamos para fortalecer e consolidar, ainda mais, o nosso Poder Judiciário, e precisamos, a partir daí, a partir do momento em que as instituições estão consolidadas, a ter consciência de que quanto mais poder nós temos, mais aumenta a nossa responsabilidade.

Eu sempre parto do pressuposto de que a democracia garante que todos, sem distinção, são inocentes até prova em contrário e que, portanto, todos precisam ter um julgamento feito com a maior lisura possível para que não se cometa nenhum erro de omissão e nenhum erro de exagero em qualquer uma das nossas instituições.

Então, meu caro Antônio Fernando, você que foi empossado para cumprir mais dois anos de mandato, eu queria apenas fazer um pedido. Da minha parte, você já conhece o meu comportamento. Jamais o chamarei, jamais darei um telefonema para você para pedir que o Ministério Público não exerça as funções que eu ajudei a aprovar como deputado constituinte em 1988. E é exatamente por esse comportamento que o presidente da República tem com o Ministério Público que eu me permito dizer, na frente da imprensa,

na frente das autoridades brasileiras, na frente da representação do Ministério Público, uma coisa que me inquieta como cidadão, que me inquieta no comportamento da Polícia Federal e que me inquieta no comportamento do Ministério Público: é muitas vezes não termos o cuidado de evitar que pessoas sejam execradas publicamente antes de serem julgadas.

Não há nada pior para a democracia, do que alguém ser condenado sem ter cometido crime, é tão grave quanto alguém ser absolvido tendo cometido um crime. Daí o ponto de equilíbrio, o equilíbrio da Justiça, o equilíbrio psicológico, o equilíbrio político, de fazer a boa e sensata investigação, a boa e madura investigação, doa a quem doer, mas ao mesmo tempo tendo consciência de que dos 190 milhões de brasileiros, do mais humilde que vive no anonimato até um presidente da República, todos têm que ter a chance de provar a sua inocência antes de serem condenados. Daí por que o poder que tem o Ministério Público hoje, a autonomia que tem o Ministério Público hoje, obriga a carregar nas suas costas, também, o peso da responsabilidade, já que os seus gestos são mais importantes do que quando não tinha a autonomia que tem hoje. E eu tenho a convicção, meu caro Antonio Fernando, pelo que conheço de ti nesses dois anos de exercício de mandato, que você é um homem que pode continuar a dirigir o Ministério Público, para que ele tenha cada vez mais uma atuação na investigação, no combate aos erros da administração pública, no combate à corrupção, mas ao mesmo tempo, que o Ministério Público também tenha o compromisso democrático de garantir que as pessoas sejam investigadas com seriedade e respeitadas na sua privacidade.

Meus parabéns, boa sorte e que Deus te abençoe.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da Cúpula do Mercosul

Assunção, 29 de junho de 2007

Eu quero cumprimentá-lo pela cordialidade com que estamos sendo tratados aqui no Paraguai,

Quero cumprimentar os companheiros presidentes,

Quero cumprimentar o Vice-Presidente da Venezuela,

Cumprimentar os governadores,

Embaixadores,

Cumprimentar o nosso companheiro Chacho,

Cumprimentar o nosso companheiro Henrique, da CAF,

Cumprimentar os sindicalistas aqui presentes,

Participar de uma Cúpula do Mercosul em Assunção é sempre uma ocasião especial. Afinal de contas, nesta cidade, em 1991, lançamos esse grande projeto de integração, inspirado nos ideais de desenvolvimento pleno e de bem-estar para os nossos povos.

Em seus 16 anos de história, o Mercosul, certamente ainda não é o que nós sonhamos, mas já ajudou de forma excepcional na nossa integração, gerando oportunidades para os países. É importante lembrar que o Mercosul é um processo em construção e levará alguns anos ainda para que possamos atingir um modelo de união que possa contemplar todos nós. Por isso, precisamos continuar a aprofundá-lo, com criatividade e ambição, levando em consideração os interesses de todos os seus membros.

Os desafios de uma globalização assimétrica, exemplificados pelas dificuldades enfrentadas para concluir a Rodada de Doha para o Desenvolvimento, realçam ainda mais o caráter estratégico de nosso projeto comum.

O Mercosul é cada vez mais um instrumento fundamental para a inserção de nossos países nos fluxos mundiais de comércio e investimento. Agora, mais do que nunca, está claro que o Mercosul deve aprofundar a

parceria com outros países e blocos, tanto desenvolvidos quanto países em desenvolvimento. Desta forma, irá fortalecer-se como interlocutor internacional. Sei que meu amigo Tabaré Vázquez compartilha essa visão, e por isso estaremos solidários com a sua ação.

Senhores Presidentes,

Quero cumprimentar a Presidência *Pro Tempore* paraguaia pelos esforços em fazer avançar o tema crucial para consolidar esses objetivos do Mercosul: a superação das assimetrias dos países e regiões menos desenvolvidas. O Fundo de Convergência Estrutural do Mercosul, o Focem, é elemento central dessa estratégia. Desde janeiro, foram aprovados projetos de interesse direto do Paraguai e do Uruguai nas áreas de infra-estrutura, incentivos à microempresa, biossegurança, capacitação tecnológica e aspectos institucionais.

Quero assinalar um projeto em particular, que bem espelha nossa determinação em construir um espaço econômico integrado e competitivo: o da erradicação da febre aftosa, uma das principais ameaças às exportações do Mercosul.

As vantagens de um mercado integrado que estamos construindo só serão reais se estiverem ao alcance de todos. Por isso, vamos trabalhar para aplicar regimes de origem mais flexíveis, de forma a tornar os produtos do Paraguai e do Uruguai mais competitivos dentro do nosso bloco. Esses parceiros poderão, assim, aumentar as exportações e atrair investimentos necessários para desenvolver a infra-estrutura e a escala de suas economias.

Já temos um prazo para eliminar a dupla cobrança da Tarifa Externa Comum: até 2009 as economias menores estarão em condições mais vantajosas na atração de comércio. Para tornar essa decisão operacional, estamos avançando nas negociações relativas à distribuição da renda aduaneira e ao estabelecimento de um código comum que permita às nossas alfândegas trabalhar de maneira conjunta e harmoniosa.

Meus amigos e minhas amigas,

O Grupo de Altos Funcionários sobre Assimetrias, que estamos criando, vai se debruçar sobre essas questões. Estou convencido de que o Mercosul só realizará todo seu potencial se encontrar soluções estruturantes, centradas na integração de cadeias produtivas.

Um instrumento importante para aumentar a integração produtiva e, ao mesmo tempo, diminuir as assimetrias entre nossos países, será o Fundo para apoio à pequena e média empresa, sobretudo do Uruguai e do Paraguai. Na verdade, estou convencido de que a integração das cadeias industriais, juntamente com a eliminação de barreiras injustificadas ao comércio, é a melhor maneira de assegurar um desenvolvimento eqüitativo que beneficie todos os nossos povos.

Como sempre, temos pela frente o desafio energético. Além das alternativas tradicionais, que demandam pesados investimentos e prazos mais longos de maturação, penso que os biocombustíveis oferecem uma oportunidade sem paralelos para transformarmos nossa região em pólo industrial e tecnológico na vanguarda dessa revolução energética.

A experiência brasileira deixa claro seu enorme potencial em termos ambientais, sociais e econômicos. Mostra também que esse Programa não compromete em nada a segurança alimentar de nossos países.

Tenho mobilizado as empresas brasileiras para investir nos países vizinhos, aproveitando a abundância de sol, terra e mão-de-obra qualificada em nossa região. Por tudo isso, temos urgência de que o Grupo de Trabalho sobre Biocombustíveis elabore um programa para estimular a produção e consumo de etanol e biodiesel nos países de nosso bloco.

Há muito que podemos fazer na esfera bilateral para reforçar e potencializar as medidas que estamos tomando dentro do Mercosul para facilitar e agilizar o comércio intra-regional. Brasil e Argentina começam nos próximos meses a usar suas moedas nacionais em pagamentos do comércio bilateral para reduzir custos e entraves em nossas trocas. Espero que, em breve, esse mecanismo possa ser aplicado no âmbito do Mercosul e em todos os fluxos intra-regionais.

Com o Paraguai, estamos ultimando a implementação do Regime Tributário Único, que ajudará as regiões de fronteira a encontrar uma nova vocação econômica.

No caso do Uruguai, estamos investindo na infra-estrutura fronteiriça e estimulando a iniciativa privada a aproveitar a localização estratégica e a mão-de-obra qualificada que o país oferece.

Apesar das dificuldades burocráticas, tenho me empenhado para que seja ratificado no Brasil o Acordo sobre Compras Governamentais. Devemos lembrar que a economia moderna é cada vez mais baseada em bens intangíveis, em serviços. Por isso, é importante que estejamos lançando hoje, aqui em Assunção, a 7ª Rodada de Serviços intra-Mercosul. E vamos além: também na área de serviços, estamos prestes a concluir Acordo com o Chile.

Meus amigos e minhas amigas,

A criação do Mercosul só foi possível a partir da restauração da democracia em nossos países. Hoje, o Mercosul não somente contribui para reforçar e garantir os processos democráticos. Constitui também fator de paz e estabilidade na região.

O funcionamento do Parlamento do Mercosul é expressão de nossa vocação para a integração, embasada no compromisso com o pluralismo político. Em 2010, seus membros serão eleitos diretamente. O Parlamento do Mercosul é e será cada vez mais a voz da nossa cidadania coletiva e de nossa identidade regional.

Conforme defendi em Córdoba, nosso bloco precisa de instituições fortes. Por isso, encomendamos estudos para melhor aparelhar a Secretaria. Precisamos continuar a aperfeiçoá-la e pensar em dar-lhe atribuições compatíveis com a complexidade dos desafios à frente.

Quero destacar a criação do Instituto Social do Mercosul, que funcionará aqui em Assunção. O Presidente da Comissão de Representantes Permanentes, Carlos “Chacho” Alvarez, merece todo nosso apreço por esta iniciativa em que se empenhou especialmente.

É importante que os agentes sociais, sobretudo os do Foro Econômico e Social do Mercosul, dêem um aporte efetivo aos trabalhos do Instituto. Na verdade, somente aprofundando a dimensão social da integração poderemos contribuir para eliminar as assimetrias entre ricos e pobres em todos os nossos países.

Senhores Presidentes,

Nossa visão de integração tem no Mercosul um ponto de partida. Mas essa trajetória ganha mais alento, se complementa e incorpora novas possibilidades na interação com os Estados Associados, com os parceiros da União Sul-Americana de Nações e com os nossos sócios da ALADI.

A ampliação das relações econômicas e a intensificação de nosso comércio requerem que trabalhem para melhorar a infra-estrutura indispensável à eficiência e competitividade de nossos países. Precisamos de soluções criativas e sustentáveis para o desafio energético.

Precisamos implementar mecanismos de financiamento que possam apoiar de maneira eficaz nossos projetos de desenvolvimento.

O Brasil está empenhado nessa tarefa. Reafirmo aqui o meu compromisso pessoal de associar o destino do Brasil ao destino de nosso continente.

Queria parabenizar o companheiro Nicanor, pelo excelente trabalho realizado durante a Presidência paraguaia. E, o meu querido Tabaré, ele sabe que pode contar não apenas com a amizade, mas com a colaboração do Brasil durante a Presidência uruguaia que se inicia hoje.

Obrigado.